



Cintia Regina da Costa

**“Qualquer coisa, eu te aviso!”
As culturas brasileira e alemã em contato,
e sua relevância para o ensino de PL2E:
uma perspectiva intercultural da paquera
a partir do olhar feminino**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras/Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Rosa Marina de Brito Meyer
Coorientador: Prof. Ebal Sant’Anna Bolacio Filho

Rio de Janeiro
Agosto de 2018



Cintia Regina da Costa

**“Qualquer coisa, eu te aviso!”
As culturas brasileira e alemã em contato,
e sua relevância para o ensino de PL2E:
uma perspectiva intercultural da paquera
a partir do olhar feminino**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Rosa Marina de Brito Meyer
Orientadora
Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Ebal Sant’Anna Bolacio Filho
Coorientador
UERJ

Profa. Adriana Ferreira de Sousa de Albuquerque
Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Monica Maria Guimarães Savedra
UFF

Profa. Monah Winograd
Coordenadora Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 24 de agosto de 2018.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Cintia Regina da Costa

Graduou-se em bacharelado e licenciatura em Letras (Português-Alemão) pela Uerj em 1997. Especializou-se em Docência Superior pela Universidade Candido Mendes e em Ensino de Alemão como Segunda Língua pela Uerj. Coursou Especialização semipresencial de Teoria e Prática do Ensino de Alemão pela Universidade Federal da Bahia e Universität Kassel, Alemanha. Lecionou alemão no Baukurs, no Centro de Artes do Tablado, na Colônia Alemã de Nova Friburgo, no Colégio Cruzeiro Centro, no Ipel/CCE na PUC-Rio, onde hoje atua na graduação. Foi assistente de coordenação no Curso Virtual de Alemão do Exército Brasileiro.

Ficha Catalográfica

Costa, Cintia Regina da

“Qualquer coisa, eu te aviso!”: as culturas brasileira e alemã em contato, e sua relevância para o ensino de PL2E: uma perspectiva intercultural da paquera a partir do olhar feminino / Cintia Regina da Costa ; orientadora: Rosa Marina de Brito Meyer ; Coorientador: Ebal Sant'Anna Bolacio Filho. – 2018.

112 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2018.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. PL2E. 3. Interculturalismo. 4. Competência intercultural. 5. ALE. 6. Cultura alemã vs. cultura brasileira. I. Meyer, Rosa Marina de Brito. II. Bolacio Filho, Ebal Sant'Anna. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. IV. Título.

CDD: 400

Para os meus filhos Gabriel e Laura,
minha inspiração.

Agradecimentos

Ao Universo, e tudo de bom que Ele sempre me concede.

Ao meu marido Eduardo Paz, companheiro que me apoiou e compreendeu minhas ausências.

À PUC-Rio, pelo auxílio concedido, sem o qual este trabalho não poderia ter sido realizado.

À minha orientadora Rosa Marina Meyer, pelas importantes contribuições e pelo estímulo para a realização deste trabalho.

Ao meu coorientador e amigo Ebal Sant'Anna Bolacio Filho, que me tranquilizou e inspirou em cada fase dessa jornada.

Às minhas colegas da PUC-Rio, Eugenia Koeler e Beate Höhmann, pelo interesse e pelo suporte logístico e afetivo.

À professora Ulrike Schröder (UFMG) pela atenção, gentileza e subsídios nos estudos germanísticos.

Aos professores que participaram da Comissão Examinadora.

A todos os professores e funcionários do Departamento de Letras, principalmente à secretária do PPGEL, Chiquinha.

Resumo

Costa, Cíntia Regina da; Meyer, Rosa Marina de Brito (Orientadora); Bolacio Filho, Ebal Sant'Anna (Coorientador). **“Qualquer coisa, eu te aviso!” As culturas brasileira e alemã em contato, e sua relevância para o ensino de PL2E: uma perspectiva intercultural da paquera a partir do olhar feminino.** Rio de Janeiro, 2018. 112p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente trabalho se insere no campo do Português como Segunda Língua para Estrangeiros (PL2E) e do Alemão para Estrangeiros (ALE). Baseando-se nas teorias do Interculturalismo, identifica e compara aspectos culturais e linguísticos presentes em momentos de paquera e aproximação com vistas a um relacionamento amoroso, entre mulheres brasileiras e homens alemães e entre mulheres alemãs e homens brasileiros, a partir de categorias propostas por Geert Hofstede (Indulgência versus Restrição, Masculinidade/Feminilidade) e Alexander Thomas (Facilidade e prazer em fazer contatos e se comunicar e Emocionalismo, atribuídos ao Brasil; e Distância interpessoal diferenciadora e Orientação por regras, atribuídas à Alemanha). Demonstramos que, de forma geral, as propostas de Hofstede e Thomas se confirmam nos dados analisados; no entanto, constatamos que os resultados da pesquisa de Hofstede em relação à categoria Masculinidade/Feminilidade aplicados ao Brasil e à Alemanha não se confirmam plenamente na análise dos nossos dados. Os objetivos específicos deste estudo são: (i) buscar uma compreensão mais ampla sobre relacionamentos interculturais, observando se as possíveis diferenças entre os aspectos culturais e linguísticos podem causar estranhamento e mal-entendidos; (ii) identificar se a consciência dessas diferenças, por parte dos indivíduos envolvidos, é prévia ao seu primeiro contato; e (iii) verificar se o confronto entre essas diferenças influencia no sucesso da relação. Esclarecem-se, assim, aspectos relativos aos relacionamentos interculturais e também a importância da abordagem desta temática em sala de aula, fornecendo aos profissionais envolvidos em ensino de PL2E e de ALE mais subsídios e embasamento teórico para o desenvolvimento das competências comunicativa e intercultural dos aprendizes.

Palavras-chave

PL2E; interculturalismo; competência intercultural; ALE; cultura alemã vs. cultura brasileira; relacionamentos amorosos; paquera.

Zusammenfassung

Costa, Cíntia Regina da; Meyer, Rosa Marina de Brito (Beraterin); Bolacio Filho, Ebal Sant'Anna (Ko-Berater). **“Ich sage dir bescheid!” Die brasilianische und die deutsche Kultur in Kontakt und ihre Relevanz für die Lehre von Portugiesisch als Fremdsprache: Eine interkulturelle Perspektive des Flirtens aus dem weiblichen Standpunkt.** Rio de Janeiro, 2018. 112p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Die vorliegende Arbeit verbindet die Bereiche Portugiesisch als Fremdsprache (PL2E) und DaF. Sie basiert auf interkulturellen Theorien, identifiziert bzw. vergleicht kulturelle und sprachliche Aspekte, die im Moment des Flirts zwischen Brasilianerinnen und Deutschen und zwischen deutschen Frauen und Brasilianern auftauchen. Die Kulturdimensionen von Geert Hofstede (Genuss versus Beschränkung, Maskulinität/Feminilität) und Alexander Thomas (Kontakt- und Kommunikationsfreudigkeit und Emotionalismus werden Brasilien und Interpersonale Distanzdifferenzierung und Regelorientierung Deutschland zugewiesen) wurden weitgehend bestätigt. In Bezug auf die Kategorie Maskulinität/Feminilität wurden Hofstedes Ergebnisse allerdings nicht in der Analyse unserer Daten festgestellt. Die spezifischen Ziele dieser Studie sind: (i) ein tieferes Verständnis der interkulturellen Beziehungen zu erhalten, unter Hinweis darauf, dass die möglichen Unterschiede zwischen den kulturellen und sprachlichen Aspekten zu Verfremdung und Missverständnissen führen können; (ii) herauszufinden, ob das Bewusstsein für diese Unterschiede vor dem ersten Kontakt zwischen den beteiligten Personen aufgetreten war; (iii) zu überprüfen, ob die Konfrontation zwischen diesen Unterschieden den Erfolg der Beziehung beeinflusst. Auf diese Weise werden nicht nur Aspekte der interkulturellen Beziehungen aufgeklärt, sondern auch die Bedeutung der Behandlung dieses Themas im Unterricht thematisiert, damit Fachleute im Bereich Portugiesisch als Fremdsprache und DaF eine fundierte Grundlage für die Entwicklung der kommunikativen Fähigkeiten so wie das interkulturellen Lernens erhalten.

Schlüsselwörter

Portugiesisch als Fremdsprache; Interkulturelle Studien; DaF; Deutsche Kultur vs. brasilianische Kultur; Liebesbeziehungen; flirten.

Abstract

Costa, Cíntia Regina da; Meyer, Rosa Marina de Brito (Advisor); Bolacio Filho, Ebal Sant'Anna (Co-advisor). **“If anything comes up, I’ll let you know!” Brazilian and German cultures in touch and their relevance to the teaching of PL2E: an intercultural perspective of flirting based on a feminine perspective.** Rio de Janeiro, 2018. 112p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This research is inserted in the field of Portuguese as a Second Language for Foreigners and German as a Foreign Language. Based on Interculturalism and the categories proposed by Geert Hofstede (Indulgence versus Restraint, Masculine/Feminine) and Alexander Thomas (ease and pleasure to approach and talk to people and emotionalism connected to Brazil and interpersonal distance and rule orientation ascribed to Germany), it identifies and compares the cultural and linguistic aspects that emerge between Brazilian women and German men and German women and Brazilian men when they are flirting and trying to get to know each other while seeking a romantic relationship. Overall, it was possible to show that Hofstede’s and Thomas’s studies are confirmed in the data analyzed. However, Hofstede’s research results with regard to the categories Masculine/Feminine in Brazil and Germany were not fully confirmed in our data analysis. This research aims to: (i) seek a broader understanding of intercultural relationships, noting if the possible differences in cultural and linguistic aspects might cause estrangement and misunderstandings; (ii) identify if the parties involved are aware of these differences even before their first contact; (iii) verify if the confrontation with these differences has any influence on how successful the relationship can be. This study can, therefore, clarify aspects related to intercultural relationships as well as it highlights the importance of discussing this topic in class, providing those involved in PL2E and DaF teaching more contributions and theoretical background to better developed students’ communicative and intercultural competences.

Keywords

PL2E; interculturalism; intercultural competence; DaF; German culture vs. Brazilian culture; romantic relationships; flirting.

Sumário

1. Introdução	15
1.1 Motivação e justificativa	16
1.1.1 Os alemães no Brasil	17
1.1.2 Uma reflexão interculturalista	20
1.1.3 Mal-entendidos	24
1.2 Relevância	25
1.3 Objetivos	28
1.4 Hipóteses	29
1.5 Revisão da literatura	29
1.6 Organização da pesquisa	31
2. Pressupostos teóricos	32
2.1 Conceitos de Cultura	32
2.2 Relativismo cultural	34
2.3 Estereótipo e Generalização	35
2.4 Cultura objetiva e cultura subjetiva	38
2.5 Cultura de alto contexto e cultura de baixo contexto	39
2.6 As dimensões culturais de Geert Hofstede	40
2.7 Os padrões culturais de Alexander Thomas	44
3. Posicionamento metodológico	49
3.1 O ponto de vista do entrevistador/observador	49
3.2 As participantes	50
3.3 Procedimentos de pesquisa e geração de dados	51
3.4 Tratamento dos dados	53
4. Análise de dados	55
4.1 As brasileiras	55
4.1.1 Beatriz	55
4.1.2 Marina	61
4.2 As alemãs	65

4.2.1 Kristin	66
4.2.2 Franziska	70
4.3 Masculinidade-Feminilidade	76
4.3.1 Os homens alemães	77
4.3.2 Os homens brasileiros	80
5. Considerações finais	83
6. Referências bibliográficas	90
Anexos	96

Lista de figuras

Figura 1 – Quadrinho 1 – Comparação Brasil Alemanha	22
Figura 2 – Quadrinho 2 – Comparação Brasil Alemanha	22
Figura 3 – Iceberg	38
Figura 4 – Gráfico de Hofstede – Comparação Brasil – Alemanha	41

Abreviações

DAAD (*Deutscher Akademischer Austauschdienst*): Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico

LE: Língua Estrangeira

PL2E: Português como Segunda Língua para Estrangeiros

ALE: Alemão como Língua Estrangeira

Convenções de transcrição

As convenções utilizadas seguiram as sugestões de Gago (2002):

...	pausa não medida
,	entonação de continuidade
<u>Sublinhado</u>	Ênfase
:	Alongamentos
[]	sobreposição de falas
()	fala não compreendida
(())	comentário da analista
Hh	Risos

O ensino de uma nova língua (...) não é o mero ensino de estruturas linguísticas ou mesmo de hábitos culturais relativos à L2; trata-se, sim, de um caminho para a descoberta de novas visões de mundo que, em interação com o conhecimento de cada um dos aprendizes, os conduz a novas experiências.

Ulrike Schröder

1 Introdução

“Antes mundo era pequeno / porque Terra era grande. / Hoje mundo é muito grande / porque Terra é pequena / do tamanho da antena parabólicamará” (Gilberto Gil)

Com a “integração da economia internacional (globalização)” (Chomsky, 2001, p. 19), desde o final do século XX, a mobilidade das pessoas por diferentes países tornou-se um fato corriqueiro, assim como a possibilidade de se alcançarem pessoas de outras nacionalidades via internet. O fluxo de viajantes e de internautas cresce à medida que os interesses empresariais e pessoais ultrapassam as fronteiras, para estadas mais curtas ou longas, ou mesmo em busca de um novo domicílio, onde as experiências e oportunidades sejam diferentes ou possam ao menos se expandir. É nesse cenário que os relacionamentos internacionais muitas vezes ultrapassam o âmbito de trabalho e estudo, e se configuram como amizades, flertes ou até relacionamentos amorosos mais longos e estáveis. E todos esses relacionamentos começam com a paquera.

Pergunta-se então: nesses casos de relacionamentos interculturais, a paquera seguiria o *script* do comportamento geralmente aceito como típico nos sistemas de representação cultural aqui analisados? O que se espera como reação do outro é pautado pelos estereótipos anteriores à própria relação? E, em caso afirmativo, esses estereótipos se confirmam? Pode haver choque cultural, isto é, conflitos pelo estranhamento à outra cultura?

Tais são as questões que irão nortear este trabalho, cujo objetivo é dar mais ferramentas aos alunos de Português como Segunda Língua e como Língua Estrangeira (doravante, PL2E¹), e, de modo geral, às pessoas que se relacionam com diferentes culturas, a fim de evitar mal-entendidos e conflitos, os choques culturais. Como professora de alemão para brasileiros e de português para alemães, tenho um interesse especial em estudar as ferramentas que possam vir a otimizar o meu trabalho e o trabalho de todos os colegas envolvidos com situações interculturais.

Além de objetivar o auxílio aos estudantes de PL2E e os de Alemão como Língua Estrangeira (doravante ALE), é também nosso objetivo auxiliar

¹ Português como Segunda Língua para Estrangeiros (PL2E), termo criado pela Profa. Rosa Marina de Brito Meyer e utilizado na PUC-Rio e amplamente aceito nessa área de estudos.

professores das línguas portuguesa e alemã em seu trabalho de abordar os aspectos culturais do outro país (no nosso caso, especificamente Brasil e Alemanha – já que existem outros países falantes das duas línguas), a fim de que os alunos os compreendam melhor tais aspectos e possam se integrar com maior consciência e mais facilmente à cultura da língua alvo.

Portanto, nossa pesquisa “‘Qualquer coisa, eu te aviso!’ As culturas brasileira e alemã em contato, e sua relevância para o ensino de PL2E: uma perspectiva intercultural da paquera a partir do olhar feminino” tem como foco principal a dimensão intercultural nos processos de ensino e aprendizagem de uma Língua Estrangeira (doravante LE), como também em qualquer momento de aproximação entre pessoas de diferentes nacionalidades.

Os dados foram gerados em entrevistas com mulheres alemãs e mulheres brasileiras, em que elas discorrem sobre o comportamento dos homens da outra nacionalidade, respectivamente, que delas se aproximaram com vistas a um relacionamento amoroso, particularmente nas cidades onde as entrevistadas moravam, no final de 2016 (Rio de Janeiro e Niterói no Brasil, Stuttgart e Heidelberg na Alemanha).

1.1 Motivação e justificativa

A escolha do tema desta pesquisa foi motivada pelo crescente interesse, no mundo atual, por questões ligadas aos relacionamentos internacionais – profissionais, pessoais ou de quaisquer outras ordens – e a consequente procura pelo ensino/aprendizagem de LEs.

Assim, é cada vez mais importante que a ação em sala de aula volte seu foco para o encontro entre diferentes nacionalidades, falantes de diferentes línguas, em que os sujeitos envolvidos procuram a compreensão mútua, linguística e cultural, seja virtual ou pessoalmente.

Em minha experiência como professora de LE, recebo com muita frequência depoimentos de alunos e de colegas de profissão sobre namoros e paqueras internacionais, cada vez mais comuns, principalmente através de sites de relacionamento, que suscitaram meu interesse pelo tema. Não é incomum que essas narrativas envolvam situações embaraçosas ou conflituosas por conta de

mal-entendidos devidos ao desconhecimento de algum costume considerado como normativo pela maioria dos indivíduos de um certo grupo social – no nosso caso, Brasil e Alemanha.

Por isso, visando levar professores e aprendizes de LE à reflexão sobre esses aspectos culturais e/ou linguísticos considerados básicos para a socialização em determinado contexto, desenvolvemos este estudo, considerando-o relevante, assim como outros que venham a investigar o mesmo assunto.

1.1.1 Os alemães no Brasil

A influência da cultura alemã vem se tornando cada vez mais visível no Brasil, principalmente através das “cidades alemãs”, “cidades coirmãs” e “cidades parceiras” de cidades da Alemanha². São dez cidades na região sul e várias outras em todas as regiões do Brasil, fundadas a partir do ciclo migratório no final do século XIX.

O fluxo imigratório de alemães para o Brasil começou em 1808, e teve momentos de maior ou menor intensidade, de acordo com os quadros políticos dos dois países. Na Europa, as guerras napoleônicas e a industrialização pioraram as condições de vida da população rural e urbana, enquanto o império brasileiro (cuja imperatriz, D. Leopoldina, era austríaca, portanto germânica, em uma época em que a Alemanha ainda não era unificada) prometia passagens, auxílios para manutenção nas localidades de projetos coloniais, liberdade religiosa e a concessão da naturalização.

Desembarcando no Rio de Janeiro, os primeiros alemães que se estabeleceram na cidade, atuando no comércio de exportação e importação até 1822, vinham atraídos, principalmente, pela abertura dos portos. A partir de então, vários grupos foram para Nova Friburgo e para Petrópolis, na região serrana fluminense, onde ainda hoje se veem marcas da presença alemã, por exemplo, em nomes de empresas, de bairros e regiões, e em festas típicas como a *Bauernfest*.

A partir de 1824, os imigrantes alemães eram encaminhados também para o

² http://www.brasilalemanha.com.br/novo_site/paginas/quem-somos – Acesso: 15 jun. 2018 – 10:29

Rio Grande do Sul, onde fundaram a colônia agrícola de São Leopoldo. Além da intenção colonizadora, eram convidados pelo governo brasileiro para povoar o território ameaçado pelos vizinhos castelhanos e para reforçar o Exército Brasileiro. Dali se espalharam por toda a Região Sul.

De acordo com Seyfehr (2002, p. 119),

“A primeira fase da colonização encerrou-se em 1830, quando a oposição parlamentar aprovou uma lei que impedia gastos com a imigração – o que, na prática, inviabilizou o agenciamento, pois não existia um fluxo espontâneo para o Brasil. (...) A retomada do processo migratório demorou quinze anos: em 1845 recomeçou a localização de alemães no Vale do Rio dos Sinos (Rio Grande do Sul), a partir de São Leopoldo, em Santa Catarina (...).”

O fluxo migratório aumentou a partir de 1850, quando o tráfico de africanos escravizados foi proibido pela Lei Euzébio de Queirós, e ainda mais na década de 1920, logo após a 1ª Guerra Mundial e em plena crise econômica, política e social da República de Weimar.

Ainda segundo Seyfehr³, “O sentido de povoamento, implícito no processo colonizador, deixou uma população majoritariamente estrangeira em relativo isolamento.” A insuficiência de escolas, de assistência médica e religiosa, enfim, do apoio prometido pelo governo brasileiro, estimulou os próprios colonos a resolverem os problemas através de uma organização comunitária. Dessa forma, além da utilização cotidiana do idioma alemão e da nova configuração sociocultural, os costumes e valores germânicos foram se fixando nessas regiões do Brasil.

Na década de 1930, o Estado Novo no Brasil, fortemente nacionalista, restringiu a imigração alemã, o uso cotidiano da língua alemã, o sistema escolar particular com ensino em alemão, “a significância numérica dos que professavam a fé evangélica-luterana” (Idem) e quaisquer manifestações consideradas étnicas, como as associações recreativas e culturais de origem germânica.

Esse sentimento antigermânico teve ainda um segundo momento na sociedade brasileira na década de 1940, por ocasião da Segunda Guerra Mundial. “Muita gente foi presa e acusada injustamente, até por interesses pessoais. Alemães que ocupavam cargos mais altos foram afastados, residências foram

³ http://www.brasilalemanha.com.br/novo_site/ – Acesso: 15 fev. 2018 – 9:33

apedrejadas e destruídas e eles sequer podiam falar a própria língua.”⁴ No Rio de Janeiro, a Escola Alemã (*Deutsche Schule*), criada em 1862, ficou sob intervenção, passando, depois, a se chamar Colégio Cruzeiro; o Hospital Alemão é hoje o Hospital Central da Aeronáutica; e a sede da Sociedade Germânia, na Praia do Flamengo, foi confiscada e entregue à União Nacional de Estudantes (UNE).

Após a Segunda Grande Guerra, houve uma reaproximação gradual dos governos brasileiro e alemão, e já na década de 1950 o Brasil recebia a primeira fábrica da Volkswagen fora do território alemão, que se tornou um “símbolo da industrialização brasileira e o Fusca, um ícone nacional nas décadas de 1960 e 1970.”⁵ Hoje, há mais de mil companhias alemãs instaladas no Brasil, como a própria Volkswagen, a Siemens, a Bosch e a Bayer, entre as mais conhecidas, que empregam mais de 500 mil pessoas.

Assim, é principalmente sobre bases econômicas, à medida que o relacionamento entre os dois países se consolida, que a comparação entre as culturas brasileira e alemã, na qual se confrontam suas diferenças, vem-se mostrando cada vez mais relevante. Segundo dados da Embaixada Alemã em Brasília⁶, o Brasil é o mais importante parceiro comercial da Alemanha na América Latina, e São Paulo é um dos maiores polos comerciais de empresas alemãs no mundo.

Além do grande fluxo de comércio entre Brasil e Alemanha, também podemos citar o intercâmbio acadêmico entre os dois países, que mantêm uma forte parceria. O DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico)⁷, fundado em 1925, mantém representações no Brasil desde 1971. Trata-se de uma forma de promover intercâmbios acadêmicos e científicos, representando 231 universidades e instituições de ensino superior alemãs.

Os recursos para as bolsas de estudos provêm, na Alemanha, principalmente de fundos federais e da União Europeia. No Brasil, os principais parceiros são a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com

⁴ <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/765-menos-e-mais-a-presenca-alema-no-rio-de-janeiro>

⁵ <http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u17923.shtml> – Acesso: 16 fev 2018 – 10:55

⁶ <https://brasil.diplo.de/br-pt/assuntos/economia> - Acesso: 16 fev. 2018 – 18:27

⁷ <https://www.daad.org.br/pt/> - Acesso: 16 fev. 2018 – 18:32

as quais o DAAD estabeleceu convênios e realiza seleções conjuntas de estudantes, em sua maioria alunos de mestrado e doutorado.

Nesse movimento internacional, é inquestionável que o conhecimento da língua local facilita a vivência cotidiana em outro país, o estabelecimento de novos contatos e a compreensão dos textos na língua original. Por isso, nesse trabalho conjunto do DAAD com as agências brasileiras de fomento, o foco também é o aprendizado e a valorização da língua e da cultura dos dois países.

1.1.2 Uma reflexão interculturalista

Com a reaproximação comercial de Brasil e Alemanha a partir da segunda metade do século XX, o interesse em desvendar as diferenças culturais tem sido cada vez maior, visando uma convivência a mais isenta possível de mal-entendidos.

A pesquisa intercultural, cujas categorias foram criadas para que se pudessem entender melhor a mentalidade e o comportamento de diferentes povos, cumpre perfeitamente esse papel - ainda que se devam sempre considerar os limites subgrupais e individuais em cada comportamento; é evidente que cada subgrupo tem características comportamentais próprias e que um indivíduo é dono de uma personalidade própria e pode, por isso, apresentar sentimentos e comportamentos diferentes da maioria das pessoas de um grupo.

O interesse pela perspectiva intercultural é anterior às obras dos anos 1970 a esse respeito, que eram voltadas para ambientes de negócios, com o objetivo de preparar representantes para suas viagens ao exterior. Betterman (2010, apud Voerkele, 2016, p. 17) afirma que há mais de 200 anos Humboldt já constatara a necessidade da aquisição de informações culturais durante o processo de aprendizagem de uma LE. De acordo com Adler (1991, p.15, apud Camara, 2018 , p. 20),

“A comunicação intercultural nos confronta com os limites das nossas percepções, das nossas interpretações e avaliações. As perspectivas interculturais tendem a tornar tudo relativo e um pouco incerto. Entrar em uma cultura estrangeira é ao mesmo tempo saber as palavras sem saber a música, ou saber a música sem saber a batida. Nossas tendências naturais nos levam de volta a nossa experiência anterior: nossa opção *default* vira a familiaridade de nossa própria cultura, por conseguinte, dificultando uma compreensão precisa da cultura dos outros”.

Resumidamente podemos afirmar, portanto, que o conhecimento linguístico é apenas um dos aspectos da experiência intercultural. Uma vivência social satisfatória também é imprescindível para o sucesso dessa experiência.

Objetivando então suprir a demanda de um melhor entendimento sobre culturas nacionais em relacionamentos profissionais, pesquisadores interculturalistas propuseram modelos de categorização de cada nacionalidade, para que se possa partir de “um panorama geral sobre a cultura do outro, permitindo que assunções sejam feitas a priori, como uma forma de preparação para a interação almejada” (Idem, p. 23). Em outras palavras, o foco intercultural é dirigido por quem deseja conhecer características vistas como típicas de uma determinada sociedade, antes de nela se inserir pessoalmente.

Um dos modelos de categorização é proposto pelo psicólogo e sociólogo holandês Geert Hofstede, que, em seu *Culture's Consequences* (1980), dimensionaliza as culturas de vários países do mundo, comparando-as segundo um mesmo aspecto da vida social. A partir de uma pesquisa com mais de 100 mil questionários aplicados em filiais da IBM (*International Business Machines* – empresa dos Estados Unidos especialista na área de TI) - em mais de 50 países, ele propõe dimensões culturais como instrumentos para analisar os dados obtidos.

A respeito do olhar generalizante sobre a cultura dos países abordados na pesquisa de Hofstede, Camara (2018, p. 39) esclarece:

“As dimensões são atribuídas às diferentes nações de forma escalar, permitindo um olhar relativizado para cada cultura, distanciando de lentes morais parciais. Além disso, o posicionamento das nações em um contínuo, por meio de escores numéricos, auxilia a evitar olhares estereotipados.”

Essa relação estatística entre os países busca apontar as características mais (ou menos) prototípicas em cada sociedade, e evitar, assim, que se instaure um julgamento baseado em estereótipos e valores particulares do pesquisador em sua própria sociedade. Hofstede tenciona, com suas dimensões culturais, aprimorar o entendimento sobre uma cultura nacional e seus valores, prevenindo mal-entendidos e choques interculturais. Entretanto, considerando-se que o comportamento individual nem sempre acompanha o coletivo, o próprio paradigma intercultural vem sofrendo críticas.

Segundo Altmayer (2002 apud Voerkel, 2016, p. 23), quando se assume que características são vistas como típicas em determinada sociedade, incorre-se no seguinte risco: “Ao invés de quebrar clichês e estereótipos através da ‘educação cultural’, essa mesma educação pode contribuir para confirmar os preconceitos já existentes, ou, pior ainda, criar novos”.

A assunção dessa suposição, entretanto, não contradiz as premissas interculturalistas básicas, que afirmam, nas palavras de Voerkel (2016, p. 22) que: “1) existe um coletivo homogêneo (uma sociedade, um estado-nação, ou uma religião) e 2) os seres humanos são, em grande parte, influenciados por este coletivo na forma de pensar e atuar”. Essas premissas se baseiam, ainda, na necessidade de se traçarem generalizações sobre as culturas, a fim de possibilitar uma comparação crítica, isenta de preconceitos.

Para Zeuner (2010, p. 1476, apud Voerkel, 2016, p. 26), no ensino de LE o objetivo não é mais “acabar com os estereótipos”, mas sim torná-los visíveis. Dessa maneira, a orientação de Altmayer delega ao professor a tarefa de levar o aprendiz a refletir sobre estereótipos, para que se possa instaurar um “processo construtivo de reflexão” (Ibidem).

Os quadrinhos abaixo são exemplo das diferenças culturais retratadas em uma obra, cujo objetivo é desenvolver a compreensão mútua das diferenças entre o comportamento esperado de brasileiros e de alemães:

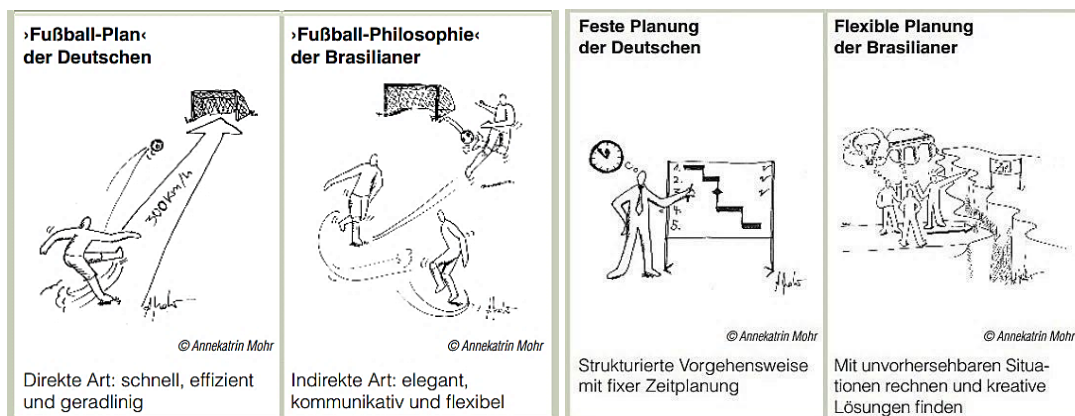


Figura 1

Figura 2

Comparação Brasil Alemanha - http://www.conbook-verlag.de/tools/leseproben/9783943176308/9783943176308_lp2.pdf. Acesso: 21 jan. 2018 – 13:27

O primeiro quadrinho mostra o estilo como um alemão planejaria um chute ao gol: “Maneira direta: rápida, eficiente e reta” (tradução da autora, doravante

t.a.), enquanto o do brasileiro é descrito como “elegante, comunicativo e flexível”. Nota-se que o título do estilo alemão é “Planejamento futebolístico dos alemães”, enquanto o do brasileiro é “Filosofia futebolística dos brasileiros”, já imprimindo uma diferença situada entre o padrão prático e pragmático do alemão e as variáveis pelas quais a jogada de um brasileiro pode passar – jogada que pode ser interpretada como uma metáfora, ou seja, como uma comparação implícita com o comportamento considerado típico de um brasileiro.

No segundo quadrinho podemos ver diferenças atribuídas aos planejamentos executados por um alemão e por brasileiros, provavelmente em ambiente empresarial, já que o alemão aí representado está de gravata, peça típica de vestuário de trabalho. Enquanto ele demonstra um gráfico claro e conciso, mencionando ainda o tempo como elemento fundamental a ser valorizado, os brasileiros se encontram em uma discussão onde são mencionados vários elementos, todos diferentes uns dos outros. Os títulos e as legendas referendam as imagens: para o “Sólido planejamento” dos alemães, uma “Abordagem estruturada com um prazo fixo”; e para o “Planejamento flexível dos brasileiros”, “Contar com situações imprevisíveis e soluções criativas” (t.a.).

As diferenças culturais, tais como retratadas no exemplo dos quadrinhos, podem causar mal-entendidos e até provocar situações de constrangimento, se as dúvidas não forem dirimidas. Idealmente, o viajante poderia conhecer certos hábitos e comportamentos considerados comuns por um grupo social, além de aprender sua língua. A compreensão mútua se torna cada vez mais urgente, e não só entre brasileiros e alemães:

“(…) a Alemanha, a Áustria e a Suíça alemã, três países de ponta do chamado Primeiro Mundo. Língua, cultura e filosofia de vida de seus habitantes são garantia de um enriquecimento recíproco. No passado, a vinda ao Brasil era uma aventura sem volta. Hoje, os contatos se restabelecem em frações de segundo”.⁸

A principal motivação para o desenvolvimento desta pesquisa é, portanto, promover entre alunos brasileiros e alemães maior compreensão da cultura do outro, através da reflexão sobre o contato social entre nativos dos dois países. Tal

⁸ http://www.brasilalemanha.com.br/novo_site/paginas/quem-somos – Acesso: 15 jun. 2018 – 10:29

reflexão se faz útil principalmente para aqueles que estão no país estrangeiro, como os alunos de PL2E e de ALE da PUC-Rio, como instrumento para a construção de sua identidade inserida em outra cultura. Falando a língua local e conscientes das diferenças interculturais, poderão se expressar com maior precisão e também se posicionar criticamente na outra sociedade.

1.1.3 Os mal-entendidos

Baseando-nos na perspectiva interculturalista, pretendemos, com o nosso trabalho, e a partir do olhar feminino das entrevistadas brasileiras e alemãs sobre as experiências por elas narradas nos momentos da paquera e da abordagem com homens da outra nacionalidade, ajudar a todos os profissionais, aprendizes e interessados em uma LE de uma maneira geral a compreenderem e vencerem possíveis mal-entendidos.

A aproximação a uma nova língua e à cultura com a qual essa língua está interrelacionada nem sempre acontece de forma simples, fluida e previsível, sem momentos de estranhamento. Na análise dos nossos dados identificamos ocorrências de mal-entendidos entre os atores sociais durante a abordagem com vistas a um relacionamento amoroso, mal-entendidos esses resultantes tanto de incompreensões linguísticas (como desconhecimento do vocabulário, por exemplo) como também de questões relacionadas ao comportamento social dentro das culturas abordadas.

Para o psicólogo social austríaco Gustav Ichheiser (1949, apud Velho, 2008, p. 147), “as ações e as condutas são permanentemente sujeitas a interpretações de diferentes atores sociais, a partir de variados pontos de vista e perspectivas”. Por isso, a possibilidade de desentendimento é “um risco inerente à vida social” (Ibidem). Podemos inferir que, quanto maior for a complexidade das relações sociológicas e culturais em um grupo social, maior será a possibilidade de ocorrência de mal-entendidos.

Ichheiser (Ibidem) considera um mal-entendido um “desencontro afetivo-cognitivo” entre atores sociais que, desejando expressar sentimentos e desejos ou transmitir informações em geral, o fazem com o máximo de expressividade

possível, para alcançarem sucesso sociopsicológico. E assim ficam sujeitos à possibilidade de uma falsa percepção por parte do receptor da sua comunicação.

Como mencionamos anteriormente, a abordagem interculturalista preconiza o esclarecimento prévio sobre comportamentos considerados típicos de um determinado grupo social que se pretende conhecer, para que se evitem mal-entendidos. No entanto, nem mesmo esse cuidado pode garantir que eles não ocorrerão.

Batista (2013, p. 76) narra, em sua pesquisa “Ensino de Português como Segunda Língua: Mal-entendidos em Interações Culturais”, que um dos seus colaboradores sofreu uma quebra de expectativa quanto aos comportamentos da cultura brasileira, com a qual estava travando o primeiro contato. Ele esperava que os brasileiros fossem calorosos e receptivos; no entanto, sentiu-se muito constrangido ao ser tratado em encontros sociais como “gringo”.

Ora, estereótipos podem – e devem – ser questionados, uma vez que nem todos os indivíduos de um determinado grupo assumem a mesma postura da maioria dos seus integrantes, na miríade de situações complexas vivenciadas por todos o tempo todo.

Para além do aspecto indesejado, e muitas vezes danoso, do desentendimento, em que os indivíduos envolvidos podem colocar suas faces em risco, Batista (Idem, p. 125) considera o mal-entendido uma chance de se ativar “um caminho para o entendimento”, ou seja, de se negociarem novos sentidos, reformulando a compreensão de todas as partes envolvidas. Da mesma forma, Velho (op. cit.) lamenta a ênfase que mal-entendidos recebem quanto ao seu caráter negativo, de insucesso, enquanto poderiam proporcionar uma experiência de construção social da realidade através da negociação entre os envolvidos.

1.2 Relevância

Assim como na linguística, pesquisadores de diversas áreas, como a sociologia, a psicologia e a antropologia, vêm se ocupando desde os anos 70 com o tema das diferenças entre as culturas, a fim de minimizar os possíveis problemas surgidos na convivência entre indivíduos de culturas diferentes. A princípio, estudiosos como Hofstede (2010) realizaram suas pesquisas em ambientes

empresariais, voltando seus resultados para a preparação de profissionais que tenham parceiros comerciais em outros países. Tais estudos foram se ampliando e hoje muito interessam aos profissionais que desejam ensinar uma língua inserida na cultura à qual pertence, conferindo aos aspectos culturais o valor de imprescindibilidade.

Os professores de língua estrangeira reconhecem, atualmente, a importância de se apresentarem os costumes, a maneira como os cidadãos de cada diferente cultura se comportam. De acordo com Meyer (2013, p. 16), os critérios culturais irão ditar por que o sujeito faz determinada escolha lexical ou por que se comporta de determinada maneira. E é somente a partir dessa consciência que um estrangeiro poderá de fato construir sua identidade na nova língua, reivindicando seus direitos e compreendendo seus deveres na nova cultura. Nesse sentido, pretende-se que os envolvidos compreendam as conversas da forma mais eficiente possível.

Ao professor de português e de alemão, por sua vez, cabe o tremendo desafio de, além de levar o aluno ao uso prático da língua, com seus aspectos gramaticais e semânticos, inseri-lo também em novas perspectivas contextuais, tornando-o preparado e disponível para conduzir com propriedade o inevitável confronto entre as diferenças culturais dos países em questão.

Júdice et al. (2003) afirmam que, somente com uma postura crítica, o professor pode levar o aprendiz a também adotá-la. Por isso os autores exortam os professores a usarem “suas crenças, formação e experiências” (Idem, p. 162), evitando uma postura neutra na assistência aos seus alunos.

Porém, nessa tarefa, o professor de LE, conta ainda hoje com um número reduzido de estudos e pesquisas, assim como de materiais didáticos que abordam outros aspectos além do vocabulário e da gramática, de forma clara, e que deixe espaço para a discussão.

Sobre os livros de ensino de ALE, Schröder e Oliveira (2011, p. 322) afirmam que

“mesmo que a didática comunicativa busque integrar questões pragmáticas ao ensino de língua estrangeira, os livros didáticos apresentam os contextos social e cultural, muitas vezes, separadamente do uso da língua. Sendo assim, é comum que, por exemplo, as diferenças nos atos de fala apareçam apenas de modo implícito, junto a fórmulas que são usadas em situações comunicativas específicas

e prototípicas de como ‘se fazer um pedido no restaurante’, ‘comprar roupa’, ‘consultar um médico’ ou ‘se fazer, aceitar ou recusar um convite’ (...)”

Também no âmbito de PL2E a oferta de obras didáticas é limitada, tanto no Brasil quanto no exterior, e não somente quanto ao número. O contexto pode ser muitas vezes equivocado. Segundo Meyer (2015, p. 19), por exemplo,

“As obras publicadas em outros países são poucas e muitas vezes defasadas das realidades linguística e social do Brasil atual, por serem, na maioria das vezes, escritas por brasileiros que deixaram o país há mais de 20, 30 anos: acabam por retratar um país que não é mais, em personagens que se comportam de uma forma como não nos comportamos mais e falam uma língua que não se fala mais.”

Júdice (2015, p. 2) corrobora essa visão de escassez e inadequação de livros de PL2E, tanto em livrarias convencionais como nas virtuais, que tratem de aspectos culturais assim como dos linguísticos, lamentando pelo aprendiz que por conta própria queira investir na língua portuguesa. A seu ver, as obras existentes privilegiam o ensino de conteúdos gramaticais e de vocabulário, além de cometerem erros como empregar formas verbais próprias das formas do português europeu como se fossem do português brasileiro, confundir formas típicas da modalidade falada com as da escrita, do registro formal com o informal, e não observarem situações em que o contexto cultural seja plausível, como em seu divertido exemplo do texto “O tio na banheira” (Idem, p. 1), em que parece natural que toda a família assista ao tio tomando banho.

Além disso, a autora acredita que a identidade brasileira configurada nos textos muitas vezes representa falsos estereótipos vinculados ao Brasil, induzindo o aprendiz a construir ideias equivocadas, tanto quanto ao uso da língua, quanto ao contexto cultural brasileiro. E reitera a necessidade de obras que promovam não só conhecimentos sobre a língua, mas também a capacidade de uso dela, já que a competência linguística é somente um dos componentes da competência comunicativa. A competência do falante se relaciona também com “o conhecimento de regras de comunicação e de formas que sejam não apenas gramaticalmente corretas, mas socialmente adequadas”. (Júdice et al., p. 155)

Também Vaz Ferreira (2010) considera fundamental o desenvolvimento de materiais através dos quais os aprendizes possam alcançar a desejada eficiência no uso das línguas estudadas. A autora atribui grande valor à construção do conhecimento na interação, a partir da observação e da análise:

“(...) mais do que desenvolver nos aprendizes determinados conhecimentos sobre diferentes culturas, tais materiais podem contribuir com o desenvolvimento nos alunos de habilidades como comparar, interpretar e relacionar especificidades que podem emergir em diferentes contextos de interação e encontros interculturais, estando conscientes de que diferentes crenças, valores e atitudes têm papel fundamental na produção e interpretação da linguagem.” (p. 117).

Por todos os motivos listados acima, consideramos relevante todo trabalho, como o presente, que trate dos aspectos culturais e interculturais do ensino e aprendizagem de uma LE, e que pretendam colaborar para a reflexão docente sobre a forma mais ponderada de guiar o aluno a uma análise contrastiva e a discussões sobre a nova cultura e a cultura de seu país de origem, encorajando-o a valorizar ambas.

1.3 Objetivos

Como afirmamos nos capítulos anteriores, esta pesquisa investiga como se dão as relações de aproximação entre mulheres de nacionalidade alemã e homens brasileiros, e entre mulheres brasileiras e homens alemães, com base na perspectiva interculturalista, e tem como objetivo geral fomentar a oferta de mais ferramentas a professores e alunos de PL2E e de ALE, e às pessoas de diferentes grupos sociais que queiram conhecer novas culturas.

Comparando as aproximações que visam uma relação amorosa no Brasil e na Alemanha, buscamos identificar se há diferença de estilo entre elas, e se há choques culturais devidos a essas diferenças. Uma vez comprovadas essas premissas, procuramos analisar o papel das diferenças culturais na aproximação entre as pessoas, ratificando a relevância de se compreender a cultura da língua estrangeira estudada.

Este trabalho tem, portanto, como objetivos específicos:

1. A partir dos dados gerados em entrevistas com mulheres brasileiras e alemãs, verificar como elas veem sua própria cultura e a cultura do outro país;
2. Verificar se a comparação entre essas impressões pode motivar choques culturais vivenciados por elas nas aproximações amorosas com homens do outro país;

3. Identificar possíveis elementos causadores de conflitos nas situações analisadas;
4. Compreender como esses conflitos podem se originar, se por aspectos culturais ou linguísticos, ou por ambos;
5. Refletir sobre os modos como as pessoas envolvidas em relações interculturais podem lidar com elas.

1.4 Hipóteses

Para nortear nossas reflexões sobre a influência da cultura no comportamento dos homens brasileiros e alemães no momento em que se aproximam de mulheres com intenção de iniciar um relacionamento amoroso, elaboramos duas hipóteses:

a) Há estranhamento das mulheres entrevistadas em relação ao comportamento dos homens de nacionalidade diferente (no caso, alemães e brasileiros) no ato de se aproximarem com vistas a um relacionamento amoroso, e nas ações subsequentes que levam – ou não – a um relacionamento estável;

b) Apesar das características individuais e únicas em cada relacionamento, as diferenças observadas apontam, principalmente, não para questões linguísticas, mas sim para causas culturais, consideradas típicas de sua nacionalidade.

1.5 Revisão da Literatura

Nossa pesquisa, “‘Qualquer coisa, eu te aviso!’ As culturas brasileira e alemã em contato, e sua relevância para o ensino de PL2E: uma perspectiva intercultural da paquera a partir do olhar feminino” tem como principal tema os relacionamentos interculturais, especialmente entre indivíduos do Brasil e da Alemanha, e a medida com que se pode preparar o falante de uma nova língua para o contato com a nova cultura. Assim, reconhecemos a necessidade de nos reportarmos a autores e conceitos considerados referência nas áreas concernentes aos nossos objetivos e à análise dos nossos dados.

Uma vez que a dimensão intercultural é a linha mestra de nossa pesquisa, consideramos imprescindível fundamentar nossa visão de cultura nos estudos de interculturalistas, como Benett (1993 e 1998), Hall (1976) e Trompenaars (2000), assim como em Duranti (2001), Laraia (2001) e Cucho (2002). Revisamos ainda, nesse sentido, os trabalhos de Adler (1991), Betterman (2010) e Voerkele (2016).

Sobre relacionamentos interculturais foram consultadas as pesquisas de Lucchesi e Malanga (2012), Camara (2018) e Lisboa (2017), e mais especificamente sobre aspectos do relacionamento entre brasileiros/brasileiras e alemães/alemãs nas teses de Bolacio (2012) e Vaz Ferreira (2010), e também na extensa obra de Schröder (2003, 2004, 2014). Observamos ainda traços da cultura brasileira nos textos de DaMatta (1980, 2000) e de Meyer e Albuquerque (2013), e da cultura alemã em Seyfehr (2002) e Wagner (2002).

Na abordagem às pesquisas interculturais baseadas em modelos de categorização, principalmente as obras de Hofstede (1980, 1991, 2010, 2011), Thomas (1993, 1996, 2003), Stewart e Bennett (1991) e Edward Hall (1976) mostraram-se essenciais.

Revisamos os estudos e pesquisas de Altmayer (2002), Zeuner (2010), Lippmann (2008), Peterson (2004), Tusting et al. (2002), Hauser (2011) e Schröder & Campanha (2015) como suporte à discussão sobre estereótipos e generalizações; enquanto Ichheiser (1949), Velho (2008) e Batista (2013) embasaram nossa perspectiva sobre mal-entendidos nas interações culturais.

Foram revistos os trabalhos de Meyer (2013), Júdice et al. (2003) e Stewart e Bennett (1991) sobre a abordagem da dimensão cultural nas aulas de LE e a desejável postura crítica do professor, e também Mischler (1986) e Bastos e Santos (2013), reafirmando a importância da coconstrução bilateral do conhecimento na interação. Com referência à análise de materiais didáticos de LE, revisamos as obras de Schröder e Oliveira (2011) no âmbito de ALE, e Meyer (2015) e Júdice (2015) no âmbito de PL2E.

Revisamos ainda os estudos de Denzin & Lincoln ([2003]2006) e de Pereira et al. (2013) para alicerçar nosso posicionamento metodológico, e nos guiamos nas obras sobre pesquisa etnográfica de Moita Lopes (1996), Oliveira (2012) e Paulo Gago (2002) para definir os procedimentos de geração de dados e sua análise.

1.6 Organização da pesquisa

Nosso trabalho se divide em cinco seções, sendo esta, a Introdução, a primeira. Nesta seção apresentamos o tema da pesquisa, justificando nossa motivação para realizá-la com a proximidade das culturas brasileira e alemã. Propomos também duas curtas reflexões sobre Interculturalismo e mal-entendidos, a fim de contribuir para a compreensão do assunto e do desenrolar da análise dos nossos dados. Apresentamos ainda a relevância da pesquisa, nossos objetivos ao desenvolvê-la e as hipóteses das quais partimos para realizá-la. Encerrando a seção, há uma curta revisão da literatura observada, e a presente exposição da organização da pesquisa.

Na segunda parte apresentamos os pressupostos interculturalistas (Relativismo Cultural, Estereótipo e Generalização, Culturas de alto e de baixo contexto), e também as dimensões culturais de Geert Hofstede e os padrões culturais de Alexander Thomas, que norteiam a análise dos nossos dados.

A terceira seção é dedicada ao posicionamento metodológico, esclarecendo o modo como realizamos a pesquisa, desde o ponto de vista da autora, a seleção das entrevistadas, os procedimentos de pesquisa, até como os dados foram gerados e tratados, e as limitações do nosso trabalho.

Na quarta seção analisamos os dados, à luz das teorias citadas na seção 2, relacionando-os. Eles são divididos em cinco subseções: As brasileiras, Beatriz e Marina; As alemãs, Kristin e Franziska; e A dimensão Masculinidade/Feminilidade de Hofstede.

No quinto capítulo apresentamos as reflexões finais, os objetivos alcançados pelo trabalho, estabelecendo conclusões a partir da análise de dados, e sugerindo algumas recomendações para futuros trabalhos que se relacionem com o tema principal, que são as relações interculturais no processo de ensino/aprendizado de uma LE.

Em seguida encontram-se as referências bibliográficas e os anexos, com a íntegra das entrevistas com as nossas colaboradoras.

2 Pressupostos teóricos e conceitos

Podemos dizer que o presente trabalho se constrói sobre um pano de fundo interdisciplinar, pois conceitos da psicologia, da sociologia e da antropologia, em conjunto com conceitos da linguística, possibilitam uma observação multifacetada de diferentes aspectos culturais, um confronto entre eles, e a comparação de pontos de proximidade e de distanciamento entre esses aspectos.

Segundo Dalben (2011, p. 2)

“A interdisciplinaridade deve reconhecer o domínio de cada área. Tem a finalidade de estabelecer uma relação que leve o estudante a compreender, processar, pensar, criticar e incorporar os diferentes conteúdos e as ligações entre as disciplinas, permitindo-lhe uma construção coerente e lógica dos conhecimentos adquiridos nas diferentes áreas”.

A partir desta proposta, observamos em todo o trabalho a relação entre língua e cultura, considerando-a imprescindível para o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras. Por isso, julgamos como fundamental que se esclareça qual é a definição de cultura que adotamos na nossa análise, revisando também algumas das outras principais teorias que estudiosos interculturalistas desenvolveram para investigar, classificar e compreender aspectos culturais de diversos grupos sociais.

Além disso, Hofstede, autor tomado como principal base teórica desta pesquisa, construiu uma teoria interdisciplinar por sua própria natureza, uma vez que (i) se utilizou de conhecimentos produzidos por autores provenientes de inúmeras áreas de conhecimento; e (ii) tem sido utilizado como fonte para pesquisas nas mais diferentes áreas do conhecimento, tais como a Educação Internacional, a Educação Fundamental e Secundária, o ensino de Línguas Estrangeiras, a Administração de Empresas, o Marketing e a Ciência Política, entre outras.

2.1 Conceitos de Cultura

De acordo com Tilio (2009, p. 35), “A palavra cultura é polissêmica, trazendo consigo uma pluralidade de sentidos que remetem a significados diversos

em áreas do conhecimento diferentes”. Podemos observar a definição desse conceito em diversos campos do saber, cada qual tornando relevantes aspectos intrínsecos à sua área de estudos.

A respeito da noção de cultura nacional, que permeia a nossa pesquisa, afirma o autor (Idem, p. 36) que seria simplista e falsa. Reiteramos, portanto, a imprescindibilidade de clareza ao afirmarmos que concordamos que não existe uma única cultura que irá determinar o comportamento da totalidade dos membros de uma certa comunidade. Também para nós é óbvio que nunca haverá homogeneidade em todos os aspectos sobre todas as dimensões complexas da vida da totalidade dos indivíduos que compõem um determinado grupo. Principalmente quando essa complexidade atinge níveis ainda desconhecidos na imensa aldeia global, cada vez mais próxima, devido às facilidades tecnológicas progressivamente mais acessíveis:

“(…) no momento sócio histórico atual, não se pode pensar a cultura como hermeticamente local. Devido aos efeitos da globalização, todas as culturas mundiais estão em constante transformação e reconfiguração. Traços de uma cultura podem ser facilmente identificados em outras, e não se pode determinar a quem tais traços pertencem”. (Ibidem)

A despeito das várias teorias que se propõem a conceituar cultura, como as seis que podemos conferir em Duranti (1997 apud Bolacio, 2012, p. 34), adotamos em nossa pesquisa a visão de Franz Boas (1911, 1963), antropólogo alemão naturalizado americano, para quem cultura diz respeito àquilo que o ser humano toma da natureza, transforma e conduz como legado à sua descendência. Dessa maneira, o homem “apreende o mundo sob a ótica de sua cultura, a famosa ‘lente’ (...) que de alguma forma molda nossa visão de tudo o que vemos”. (Bolacio, Ibidem)

Encontramos em Laraia (2003, p. 68) a definição de cultura como “O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais (...)”. Sob esse ponto de vista, a cultura de cada grupo é uma herança única e determinante como parâmetro para o comportamento dos seus membros.

Em nossa pesquisa consideramos imprescindíveis indicações sobre os comportamentos vistos como típicos de um grupo social – a nacionalidade – no ensino da língua dos falantes desse grupo. Consideramos que essas indicações

funcionam não como estereótipos fixos, mas como pistas, para que o aprendiz da LE possa se inserir na nova comunidade com um mínimo de compreensão sobre os hábitos e a forma de compreender o mundo dos seus nativos. Em outras palavras, para que a comunicação intercultural possa fluir de maneira bem sucedida, o ensino de uma LE deve observar não só aspectos linguísticos, mas também aspectos culturais pertinentes ao grupo social falante dela.

Assim como Tilio, assumimos que, mais estritamente do que culturas nacionais, “Existem culturas regionais, familiares, educacionais, profissionais, sexuais etc.” (Idem, p. 37), e que cada uma engloba uma multiplicidade de traços característicos e individuais de acordo com os contextos. Porém, o próprio autor admite que “a pertinência a determinadas culturas pode influenciar as identidades do indivíduo”, embora não as determinem necessariamente (Idem, p. 45). E reconhece:

“Afim, algum grau de totalidade (...) realmente existe. Para entender significados culturais, antropólogos buscam identificar padrões recorrentes que possibilitem identificar um grupo. ‘Uma cultura não é uma simples justaposição de traços culturais, mas uma maneira coerente de combiná-los. De certo modo, cada cultura oferece aos indivíduos um *esquema* inconsciente para todas as atividades da vida.’ (Cuche, 1999, p. 78). É aí que está a chamada totalidade: na unidade de um grupo a partir de significados contextualizados criados e compartilhados por esse grupo, fazendo com que o grupo se identifique.” (Idem, p. 39)

Portanto, uma vez que o objetivo deste trabalho é o de enfatizar a importância da conscientização sobre diferenças culturais no ensino/aprendizagem de LEs, prosseguimos respaldados pela definição de cultura como um conjunto de traços que variam nos grupos sociais. E que ela pode ser abordada, em um nível alto de abstração, como a cultura de um grupo nacional, um povo.

2.2 Relativismo cultural

Bennett (1998) afirma que a perspectiva intercultural pressupõe a existência simultânea de unidade e diversidade:

“A conciliação de cultura e ética ocorre em paralelo. No relativismo contextual, ações éticas devem ser julgadas dentro de um contexto cultural. Não há comportamento ético universal”. (p. 18, t.a.)

Segundo Cucho (1999, p. 45), cada cultura tem “um ‘estilo’ particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas dessa maneira.” Esse estilo irá influenciar diretamente o comportamento dos indivíduos. Tal comportamento será coerente dentro de um determinado contexto, no qual o indivíduo se encontra e se relaciona com outro indivíduo, ou seja, é o sistema cultural que dá sentido ao conjunto de traços que nele se desenvolvem e se apresentam.

O conceito de Relativismo Cultural foi usado nos meados do século XX pelo filósofo Alain Locke (1973), embora o antropólogo Franz Boas (1887) já o tenha operacionalizado no final do século XIX. “Em resumo, refere-se à ideia de que os valores e as atitudes de um indivíduo somente podem ser compreendidos por outrem a partir do entendimento da cultura daquele indivíduo.” (Mello, 2016, p. 136) Podemos dizer, portanto, que a visão interculturalista pode assumir um ponto de vista etnocêntrico, uma vez que a atividade individual geralmente é interpretada dentro do contexto da sua própria cultura, devendo os analistas buscarem se distanciar dessas lentes próprias ao analisarem outras culturas, caso contrário, poderia haver margem para comparações preconceituosas, baseadas em estereótipos.

Ainda de acordo com Cucho (1999), Boas se preocupava em valorizar a dignidade de cada cultura e o respeito e a tolerância em relação a culturas diferentes. O estudo dos indivíduos e suas relações busca, desta forma, melhorar o entendimento entre eles, para que se instaure um clima de respeito – mais do que de tolerância – à diversidade.

2.3 Estereótipo e generalização

Interculturalistas que desenvolveram as suas pesquisas no século XX, como Hofstede (2001) e Edward Hall (1976), pesquisaram maneiras de preparar indivíduos de diferentes nacionalidades envolvidos em reuniões de negócios, a fim de otimizar a compreensão entre eles, partindo do pressuposto de que mal-entendidos aconteceriam com menos frequência se fosse possível prever o comportamento de uma cultura e esclarecer por que as pessoas agem de uma determinada maneira, buscando algum tipo de unidade. Com esse propósito,

Hofstede (apud Thomas, 2003, p. 119, t.a.) propôs categorizar as diferentes nacionalidades:

“Se fatores culturais devem ser identificados como fatores sistêmicos que influenciam o comportamento individual, isto primeiro requer a especificação teórica dos fatores culturais em questão como possíveis fatores efetivos. Uma possibilidade é encontrar dimensões universais nas quais cada cultura pode ser representada como uma combinação específica de expressões”.

Nesse sentido, porém, devem-se evitar os estereótipos que surgem quando agimos como se todos os membros de uma cultura ou grupo compartilhassem as mesmas características.

O conceito de estereótipo foi criado em 1922, pelo americano Walter Lippmann (2008) e confunde-se com frequência com “preconceito”, porque se tratam de pressupostos sobre determinadas pessoas ou determinados grupos que podem se converter em rótulos, muitas vezes negativos.

Peterson (2004, p. 26 apud Camara, 2018, p. 34) afirma que estereótipos “são resultados de percepções pontuais sobre um indivíduo ou uma situação sendo aplicadas para todo um grupo. Logo, o entendimento que eles geram é incompleto, parcial e muitas vezes não condizente com a realidade dos fatos”.

Mesmo quando as características são assumidamente partilhadas pelos membros do grupo, ou seja, quando há um estereótipo positivo, ele pode originar mal-entendidos em uma comunicação intercultural, por exemplo, levando um estrangeiro a considerar como verdadeira alguma premissa que não corresponda a todos os elementos de um grupo.

Apesar dos problemas com os estereótipos, eles podem servir como referência em uma situação intercultural em que se possam julgar comportamentos de um estrangeiro como completamente original e independente. Observando os estereótipos podemos ao menos partir de algum tipo de suposição ou hipótese sobre as diferenças em uma comunicação intercultural.

Generalizações culturais podem ser feitas evitando-se estereótipos, uma vez que cada diferente cultura tem preferência por algumas crenças, mais do que outras. A descrição desta preferência é uma generalização cultural. E, embora existam indivíduos de uma cultura com comportamento ou ideias semelhantes a pessoas de uma cultura diferente, podemos entender que eles não representam a maioria das pessoas de seu grupo, não se alinham à tendência central do grupo.

Hauser (2011, p. 183, apud Schröder e Campanha, 2015, p. 379) define generalização como “o uso de afirmações sobre uma ou mais pessoas ou um grupo como base para se afirmar algo sobre uma categoria, à qual a(s) pessoa(s) ou o grupo pertença(m).” Schröder e Campanha (Ibidem) definem:

“Enquanto prática de categorização, ‘generalização’ consiste na relação reflexiva entre um caso individual e uma categoria, onde o caso individual categorizado e a categoria aplicada constituem sentido um sobre o outro reciprocamente, conforme os fins de cada prática de interação social”.

Em nossa análise, relacionamos as experiências das nossas entrevistadas com categorias interculturais de Geert Hofstede (2010) e Alexander Thomas (1996), comparando as culturas brasileira e alemã de forma generalizada. Porém, observamos sempre a premissa de que generalizações culturais devem ser usadas como hipóteses, que precisam ser testadas a cada caso: é necessário olhar além da imagem imediata dos padrões culturais, que só pode ser verificada por meio de investigação.

Em suma,

“(…) generalizações são conclusões sobre uma cultura que se fazem a partir da observação de um número considerável de elementos de uma dada sociedade, enquanto estereótipos são afirmações parciais sobre uma cultura que se fazem a partir da observação de apenas um elemento ou de um conjunto limitado de elementos de uma dada sociedade.” (Meyer, 2013, p. 9)

Assim, frisamos que, nesta pesquisa, usamos os termos “alemães/alemãs” e “brasileiros/brasileiras” genericamente, representando, sobretudo, os sujeitos analisados, sejam pessoalmente nas entrevistas, sejam construídos nas narrativas das entrevistadas. Não poderíamos nos referir à totalidade do povo alemão ou do povo brasileiro, uma vez que sempre há subgrupos com traços identitários próprios, alguns semelhantes e outros bastante diferentes dentro de uma mesma cultura.

Precisamente por isso são tão necessários os estudos que buscam esclarecer semelhanças e diferenças entre traços de culturas diversas, como aqueles que dão suporte teórico à presente pesquisa. Devemos examinar cada cultura em cada situação específica, para averiguar como uma forma de classificação poderia nos guiar em direção a uma melhor compreensão. Em nosso trabalho valorizamos a

comparação como forma de indício para que novos falantes possam se preparar para a inserção em uma nova cultura.

2.4 Culturas objetiva e subjetiva

Um dos primeiros conceitos interculturalistas se explica pela clássica metáfora de cultura como um *iceberg*: os traços da cultura objetiva são facilmente reconhecíveis, como as artes plásticas e a música de um determinado grupo cultural, ao contrário daqueles da cultura subjetiva, como crenças, comportamentos e valores, como podemos ver na figura abaixo:

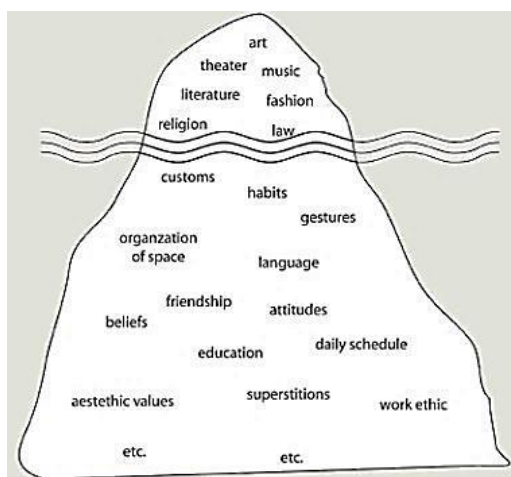


Figura 3
Iceberg French e Bell (1995, apud Meyer, 2013, p.3)

Segundo Bennett, é principalmente nos fenômenos concernentes à cultura subjetiva, observados em seu contexto, que se podem apreender os padrões culturais de pensamento, expressos na linguagem em estilos particulares de comunicação, e perceber como a realidade é definida e julgada pela comunidade.

O foco das pesquisas interculturalistas é desvendar até que ponto um aspecto de uma cultura pode ser diferente em outra cultura, e como essa diferença pode afetar a interação face-a-face. A relatividade cultural é um compromisso para a compreensão de todos os eventos no contexto cultural, incluindo a forma como são avaliados nesse contexto.

Bennett (1993, p. 136) propõe dois estágios para se afinar o olhar sobre a cultura subjetiva de cada grupo analisado, em um “Modelo de Desenvolvimento de Sensibilidade Intercultural”: o etnocêntrico, onde o indivíduo da cultura A compreende a cultura B a partir da perspectiva da sua própria cultura; e o etnorelativo, no qual “o indivíduo da cultura A compreende a cultura B a partir da perspectiva da cultura B, ou seja, centrado no paradigma do outro.” (Idem, p. 137, t.a.)

Um interculturalista é, por definição, “etnorelativo”, ou seja, se sente confortável com várias e diferentes normas, e tem a capacidade de adaptar seu comportamento e seus julgamentos a uma variedade de configurações interpessoais.

Tais habilidades são imprescindíveis na prática docente de uma língua estrangeira. O professor deve estar preparado para lidar com as diferenças culturais entre seus alunos em um mesmo espaço de aprendizagem, e deve ter a habilidade de não somente compreender essas diferenças, como ainda introduzir os dados da cultura onde se insere a língua estudada, respeitando e, na medida do possível, valorizando a diversidade.

2.5 Cultura de alto contexto e cultura de baixo contexto

Um dos primeiros e principais teóricos interculturalistas, que realizaram suas pesquisas visando otimizar a comunicação empresarial multinacional, Edward T. Hall (1976), estabeleceu que o fator mais importante para se obter sucesso é garantir que haja um canal para as pessoas se comunicarem eficientemente.

O autor propõe dividir o contexto da comunicação em dois conceitos até hoje amplamente aceitos nos estudos interculturais: comunicação de alto contexto (*high context*) e baixo contexto (*low context*). “Esses dois conceitos correspondem à quantidade de informação verbal que é necessária em cada cultura para que a mensagem seja decodificada de maneira eficaz, completa”. (Bolacio, 2012, p. 40)

Bolacio (Idem) afirma que o Brasil seria uma sociedade de alto contexto, pois é muito comum que os falantes usem outros meios, como gestos e sinais, que não exclusivamente a fala, para se comunicarem, ou que, mesmo na fala, recorram

a recursos como intervalos de silêncio, conotação e modalização para compor o significado. Já o comportamento na cultura alemã seria marcado pela diretividade: tudo deve ser verbalizado e explicitado o mais clara e abertamente possível. Em nosso trabalho, investigamos se também na aproximação com vistas a um relacionamento amoroso esses traços se manifestam, desde os primeiros sinais óbvios de interesse pela outra pessoa, como no cumprimento.

Ainda segundo Bolacio (Ibidem), “O fato de uma cultura *high-context* necessitar menos do que é dito explicitamente pelos interlocutores nos remete à importância das redes de relacionamentos pessoais.” O sociólogo Roberto DaMatta (2004, p. 49) analisa esses relacionamentos, presentes até mesmo nas situações em que regras trabalhistas deveriam ser simplesmente seguidas:

“A lei cega o funcionário para qualquer cordialidade que decerto seria a expressão de um ideal de cidadania na qual os indivíduos têm os seus direitos assegurados e respeitados em todas as situações. (...) O solicitante é apenas um ‘indivíduo’ qualquer que, como um número, um caso complicado e um estorvo, solicita algo que obriga o funcionário a ‘trabalhar’. (...) Diante do impasse (...) há o ‘jeitinho’. (...) a invocação da relação pessoal, da regionalidade, do gosto, da religião e de outros fatores pessoais, capazes de criar igualdade e empatia, abre as portas para uma resolução satisfatória”.

Tal situação seria inadmissível em uma repartição pública na Alemanha. Por esse motivo, um dos nossos tópicos de análise é a importância da eficiência da comunicação nas relações entre pessoas provenientes de culturas diferentes, no caso, a brasileira e a alemã.

2.6

As dimensões culturais de Geert Hofstede

Hofstede define cultura como “a programação mental coletiva que distingue um grupo de pessoas de outro.” (2010, p. 3) Embora os “programas mentais” sejam vistos em sua teoria como o conjunto de padrões de pensamentos, valores, hábitos e atitudes compartilhados por um determinado grupo sociocultural, eles podem, naturalmente, variar entre indivíduos e entre subgrupos.

Ainda assim, essa programação influencia esses padrões, que se tornam cristalizados nas instituições do grupo, durante muito tempo. Remetendo aos anos anteriores aos seus estudos, Hofstede (2011, p. 22) prevê que

“A mudança de uma cultura precisará de um período muito longo - digamos, de 50 a 100 anos - ou de eventos externos extremamente dramáticos para invalidar os *rankings* do índice do país em determinada dimensão, ou mesmo a relevância do modelo dimensional. Muitas diferenças entre as culturas nacionais no final do século XX já eram reconhecidas nos anos de 1900, 1800 e 1700, se não antes. Não há razão para que eles não desempenhem um papel até 2100 ou além”.

O paradigma de Hofstede busca identificar pontos de semelhança entre os membros de uma cultura, dimensionalizando-a de forma escalar para poder compará-la a uma outra cultura. De acordo com generalizações estatísticas, cada país está posicionado em relação a outros países através de uma pontuação (que vai de 0 a 100), em cada uma das seis dimensões propostas pelo autor em *Cultures and Organizations: the software of the mind* (2010).

O gráfico abaixo, disponível no site oficial da pesquisa de Hofstede (2011), demonstra a comparação entre o Brasil e a Alemanha nas seis categorias:

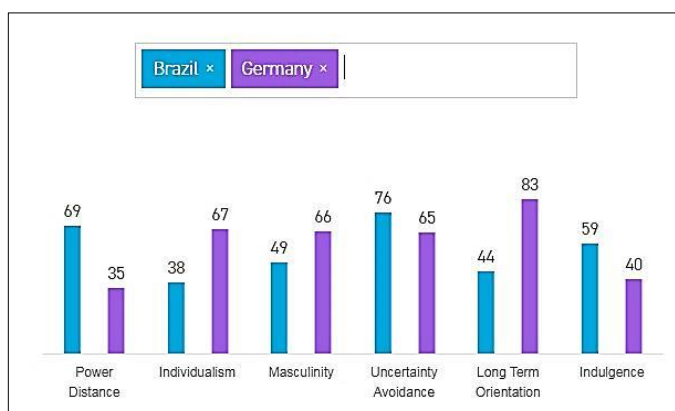


Figura 4
Gráfico – Comparação Brasil Alemanha (Hofstede, 2011)

Podemos analisar sucintamente as categorias de Hofstede da seguinte forma:

1. “Distância do poder” (*Power Distance*) - esta dimensão é definida pela medida em que os membros menos poderosos do grupo aceitam essa sua posição, endossando a desigualdade reiterada pelos líderes – que é, o caso do Brasil, com 35 pontos. Em países com uma pontuação alta nessa categoria há questionamento sobre fatos e decisões que não considerem igualdade como um valor inerente à sociedade, como é o caso da Alemanha, com 69 pontos.

2. “Individualismo” (*Individualistic/Collectivistic*) - esta dimensão diz respeito ao grau de interdependência entre as pessoas em uma cultura: em uma sociedade Coletivista as pessoas são integradas em grupos bastante coesos (como as famílias), inclusive no trabalho, enquanto os Individualistas acreditam em seu total direito à privacidade e no ideal de autorrealização. Nesta categoria, o Brasil é classificado como Coletivista, com 38 pontos, e a Alemanha, como Individualista, com 67.

3. “Evitação de Incertezas” (*Uncertainty Avoidance*) - esta dimensão trata da medida com que os membros de uma cultura se sentem confortáveis ou desconfortáveis em relação ao futuro incerto. Certas culturas tentam minimizar a possibilidade de tais situações de desconforto através de códigos de comportamento, leis e regras, desaprovação de opiniões diferentes, e crença em uma verdade que se quer absoluta. Como resume Bolacio (2010, p. 47),

“Os provérbios e ditos (...) transportam no caso do alemão a inflexibilidade e o imperativo da ordem: *Ordnung muss sein* e *Ordnung ist das halbe Leben* (Ordem é tudo e Ordem é a metade da vida), enquanto que no caso do Brasil, dir-se-ia: ‘Pra tudo tem um jeito’.”

4. “Orientação de longo versus de curto prazo” (*Long-Term vs. Short-Term Orientation*) - esta dimensão descreve as diferentes formas com que cada sociedade se relaciona com seu próprio passado ao lidar com os desafios do presente e do futuro. Sociedades de baixa pontuação nesta dimensão, como o Brasil, com 44 pontos, preferem manter as tradições e normas consagradas pelo tempo; e aquelas com pontuações mais altas, como a Alemanha, com 83, demonstram capacidade de observar novos rumos, adaptando-se a novas circunstâncias.

Em nossa pesquisa, trataremos em especial das duas dimensões a seguir, para analisarmos nossos dados:

5. “Masculinidade/Feminilidade” (*Masculinity/Femininity*) - esta dimensão se refere à distribuição e diferenciação de valores segundo o papel emocional representado pelos elementos comumente associados a cada gênero. Uma

pontuação elevada indica que a sociedade é impulsionada pelo lado Masculino, caracterizada pela assertividade e pela concorrência, entre outros aspectos; e uma pontuação baixa significa uma predominância da dimensão Feminino, em que os papéis sociais dos dois gêneros se sobrepõem, e onde os relacionamentos, a qualidade de vida e o apreciar o que se faz são os maiores sinais de sucesso. Nas palavras de Hofstede (2001, p. 297),

“Masculinity stands for a society in which social gender roles are clearly distinct: Men are supposed to be assertive, tough, and focused on material success; women are supposed to be more modest, tender, and concerned with the quality of life.”⁹

Com 66 pontos, a Alemanha é classificada como uma sociedade Masculina, onde o principal fator de motivação, segundo Hofstede (2011), é o *wanting to be the best* (“querer ser o melhor possível”, t.a.); enquanto o Brasil, com 49 pontos, é visto como uma sociedade mais Feminina, voltada para *liking what to do* (“gostar do que faz”, t.a.) (Idem).

6. “Indulgência versus Restrição” (*Indulgence vs. Restraint*) - esta dimensão é definida pela medida com que as pessoas tentam controlar seus desejos e impulsos. Para Hofstede (Ibidem), essa medida já é ensinada às crianças em cada sociedade:

“One challenge that confronts humanity, now and in the past, is the degree to which small children are socialized. Without socialization we do not become ‘human’. This dimension is defined as *the extent to which people try to control their desires and impulses*, based on the way they were raised. Relatively weak control is called ‘Indulgence’ and relatively strong control is called ‘Restraint’. Cultures can, therefore, be described as Indulgent or Restrained.”¹⁰

Com uma pontuação de 59 nessa categoria, o Brasil é considerado uma sociedade Indulgente, onde as pessoas, com uma forte tendência ao

⁹ Masculinidade define uma sociedade na qual os papéis de cada gênero são claramente distintos: homens devem ser assertivos, durões e focados no sucesso material; mulheres devem ser mais modestas, carinhosas e preocupadas com a qualidade de vida. (t.a.)

¹⁰ Um desafio que confronta a humanidade, agora e no passado, é o grau em que as crianças pequenas são socializadas. Sem socialização, não nos tornamos "humanos". Essa dimensão é definida como a extensão com que as pessoas tentam controlar seus desejos e impulsos, baseadas na maneira com que foram educadas. Um controle relativamente fraco é chamado de "Indulgência", e um relativamente forte, de "Restrição". As culturas podem, portanto, ser descritas como Indulgentes ou Restritas. (t.a.)

otimismo, apresentam uma considerável vontade de realizar seus impulsos e desejos, se divertindo, e se declaram felizes. Já os alemães, com 40 pontos, são classificados como mais Restritos, e mais moderados que os brasileiros: eles tendem a se precaver mais, sendo mais comedidos na busca por realizar suas ambições, preferindo, por exemplo, ter reservas financeiras para os casos de necessidade.

Em nossa análise relacionamos essas duas últimas categorias de Hofstede (“Masculinidade/Feminilidade” e “Indulgência versus Restrição”) com quatro padrões de Alexander Thomas (dois relativos ao Brasil e dois à Alemanha), também por nós selecionados, por acreditarmos que sejam parâmetros de entendimento capazes de nos auxiliar a compreender as ações dos membros das duas culturas em questão. A partir dessa análise, podemos então detectar e avaliar os possíveis pontos de conflito entre brasileiros e alemães.

2.7 Os padrões culturais de Alexander Thomas

O psicólogo alemão Alexander Thomas propõe que os grupos sociais sejam analisados segundo “padrões culturais” (*Kulturstandards*), que seriam “as formas de perceber, pensar, avaliar e agir que são consideradas pela maioria dos membros de uma determinada cultura como sendo normais, óbvias, típicas e obrigatórias para si e para os outros.” (Thomas, 1996, p. 112, t.a.)

“Quando criança, observamos o comportamento dos outros e imitamos o que vemos, após termos visto um comportamento igual repetidamente. Logo, alguns rituais e modelos de comportamentos são vistos como naturais. Isso tem a vantagem de não precisarmos ficar pensando como se comportar a cada vez que se vai ao restaurante. (...) Padrões culturais possuem uma função orientadora para o nosso próprio comportamento e o dos outros. (...) Esses processos são tão automatizados, que os padrões culturais em nosso próprio comportamento não são mais percebidos como tais e são exigidos automaticamente pelos outros à nossa volta.” (Thomas, 2005, p. 12, apud Bolacio, 2012, p.51)

Assim, Thomas propõe padrões específicos para cada país, embora um mesmo padrão possa ser localizado em mais de uma cultura. Ao Brasil, o autor atribui os seguintes padrões:

1. “Orientação para as relações interpessoais” (*Personenorientierung*) – Essa categoria se refere à grande importância que as relações pessoais têm no Brasil, sobrepujando mesmo circunstâncias, fatos e temas. Mesmo em ambiente empresarial, o bom relacionamento é condição imprescindível para que o trabalho se realize com a eficiência esperada, seja entre colegas de uma mesma firma ou entre parceiros comerciais de empresas diferentes.

2. “Harmonia interpessoal” (*Interpersonelle Harmonieorientierung*) – Thomas se refere aqui ao fato de os brasileiros evitarem fazer críticas diretas e terem dificuldade em dizer “não” diretamente. Nesses casos, prefere-se usar os elementos comuns em culturas de alto contexto, como mencionamos no subcapítulo 2.3, como gestos, sinais, intervalos de silêncio, e não diretamente a fala, pois supõe-se que as palavras poderiam dar margem a uma má interpretação, como uma ofensa, por exemplo.

3. “Orientação pela hierarquia” (*Hierarchieorientierung*) – Thomas (2005, p. 91-92) atribui nosso senso de hierarquia como herança do nosso passado colonial, quando escravos e funcionários deviam obedecer as decisões dos chefes sem questionamentos. Semelhante à categoria “Distância do Poder” de Hofstede, essa dimensão de Thomas diz respeito também aos hábitos ainda atuais dos subordinados, que receberiam, em troca da obediência cega, apoio e benefícios para si e para as pessoas próximas a si mesmos.

4. “Orientação pelo presente” (*Gegenwartsorientierung*) – Thomas atribui aos brasileiros essa dimensão cultural porque, segundo suas pesquisas, não costumamos planejar com antecedência, acreditando que tudo certamente irá se resolver quando chegar o momento adequado. Segundo o autor, os brasileiros seriam multitarefas, capazes de realizar várias coisas ao mesmo tempo, e essa certeza é que nos daria essa tranquilidade para postergar decisões e tarefas, sempre que possível.

5. “Flexibilidade” (*Flexibilität*) – Intimamente ligada à anterior (“Orientação pelo presente”), esta categoria de análise atribui aos brasileiros as características criatividade e inventividade para solucionar problemas que

eventualmente a falta de planejamento possa ocasionar. O já famoso “jeitinho brasileiro”, descrito pelo sociólogo Roberto DaMatta (2004), é, para ele, a maneira que desenvolvemos para conseguirmos lidar com o caos existente na sociedade brasileira, criado pela avassaladora burocracia e pela fraca atuação da Justiça. Segundo Thomas (2005, p. 125), o “jeitinho” expressa a capacidade dos brasileiros de sair de qualquer situação, por mais difícil que ela seja, ainda que se lance mão de corrupção e nepotismo.

A seguir apresentamos os dois padrões culturais atribuídos por Thomas ao Brasil e com os quais também analisamos os nossos dados:

6. “Facilidade e prazer em fazer contatos e se comunicar” (*Kontakt- und Kommunikationsfreudigkeit*) – O brasileiro tem apreço por conversar, interessando-se pelo que o outro tem a narrar, principalmente se for um estrangeiro. Longe de significarem perda de tempo, rápidos bate-papos são uma maneira de demonstrar gentileza e deferência pelo interlocutor.

7. “Emocionalismo” (*Emotionalismus*) – Os alemães usam o termo *warmherzig*, literalmente “coração quente”, para descrever povos calorosos como o brasileiro, que demonstram suas emoções abertamente, evitam criar situações emocionalmente instáveis, e fazem contato corporal com bastante frequência, demonstrando seus sentimentos positivos sem qualquer preocupação de ser mal interpretados ou invasivos.

Essas foram as dimensões culturais atribuídas por Thomas ao Brasil. À Alemanha, ele atribui as seguintes categorias:

1. “Necessidade de organização” (*Organisationsbedürfnis*) – o autor atribui aos alemães total inflexibilidade quanto ao planejamento, pois imprevistos e mudanças de plano são tomados como incompetência.

2. “Diretividade na comunicação interpessoal” (*Direktheit interpersoneller Kommunikation*) – A diretividade alemã é famosa e pode criar situações constrangedoras para aqueles que não estão acostumados com sinceridade

extrema. Para os alemães, trata-se apenas de evitar ambiguidades e mal-entendidos, já que o padrão da sua sociedade é de baixo contexto, ou seja, tudo deve ser dito e discutido até que todos se sintam devidamente esclarecidos.

3. “Orientação pelo caráter prático” (*Sachorientierung*) – Para os alemães, o importante é o fato, são as necessidades que ele traz consigo. Relacionamentos mais pessoais, íntimos, que envolvam emoções, não são considerados imprescindíveis em ambientes como o de trabalho, por exemplo.

4. “Planejamento do tempo” (*Zeitplanung*) – Essa dimensão relaciona-se com a primeira, “Necessidade de organização”, acentuando as características atribuídas aos alemães por Thomas que remetem ao seu ser racional e prático. Para os alemães é imprescindível que tudo seja planejado minuciosamente e com muita antecedência. Os encontros pessoais seguem a mesma regra, e atrasos e faltas são vistos como gestos tremendamente grosseiros.

5. “Separação entre ambiente pessoal e de trabalho” (*Trennung von Persönlichkeits- und Lebensbereich*) – Para Thomas, o perfil individualista e mais racional dos alemães o leva a categorizar claramente todos os aspectos de sua vida, como, por exemplo, o que é privado do que é pessoal, ou então o racional, próprio do ambiente de trabalho, do emocional, próprio para o ambiente familiar.

A seguir estão os padrões culturais da Alemanha com os quais analisamos nossos dados:

6. “Distância interpessoal diferenciadora” (*Interpersonale Distanzdifferenzierung*) – Reiterando o que já foi comentado nas dimensões “Orientação pelo caráter prático” e “Separação entre ambiente pessoal e de trabalho”, Thomas afirma que os alemães costumam ser muito reservados. Segundo Bolacio (2010, p. 56), a categoria Distância interpessoal diferenciadora

“(...) se opõe à cordialidade brasileira, à *Kontaktfreudigkeit* (comunicatividade) descritas acima: os alemães necessitam de mais tempo para se abrirem frente a um

estranho. Um dos motivos é o medo de se invadir a privacidade do outro – algo inalienável para os alemães e que deve ser respeitado a todo custo.”

7. “Orientação por regras” (*Regelorientierung*) – Os alemães se orientam estritamente por regras e leis, e exceções feitas por mera simpatia ou através de amigos não são toleradas. A diretividade nas correções pode causar um forte estranhamento para um brasileiro, que provavelmente compreenderia como uma ofensa pessoal.

Ainda que nossa hipótese, de que as culturas brasileira e alemã são bastante diferentes na maioria dos aspectos analisados, se comprove, devemos mais uma vez considerar que pode haver subgrupos em um país com características semelhantes a subgrupos do outro país e que os aproximem, principalmente nos nossos tempos de globalização.

3 Posicionamento metodológico

A grande abrangência da perspectiva qualitativa vem atender aos objetivos aqui propostos, já que suas pesquisas não empregam instrumental estatístico na análise de dados, mas partem de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve:

“Como colocam Denzin & Lincoln ([2003]2006), a pesquisa qualitativa ‘atravessa disciplinas, campos e temas’ (p. 16) e consiste em uma área de múltiplas práticas interpretativas que envolve uma variedade de perspectivas teóricas e metodológicas.” (Pereira et al., 2013, p. 160)

Diferente da pesquisa quantitativa, que faz análises de grandes e representativas amostras de um grupo social utilizando instrumentos padronizados e matemáticos na geração e na análise dos dados, a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

De acordo com Denzin e Lincoln (2006, p. 17), as pesquisas qualitativas “estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos, em termos dos significados que as pessoas a eles conferem”. O contexto, nesse caso, desempenha um papel determinante na compreensão e na análise dos textos, evocando seus critérios “morais, críticos e enraizados em compreensões locais.” (Idem, p. 24)

Portanto, com uma metodologia de pesquisa qualitativa, de natureza etnográfica, nosso trabalho compara aspectos interculturais, em busca de causas e efeitos dos choques culturais em questão, a partir do modo como as participantes se constroem em suas experiências e no mundo à sua volta, pois o enfoque subjetivo, característico da pesquisa qualitativa, concebe a realidade como criada pelo indivíduo na interação social.

3.1 O ponto de vista da entrevistadora

Como o presente trabalho apresenta uma interpretação comparativa de padrões das culturas brasileira e alemã, consideramos imprescindível esclarecer o ponto de vista da observadora, pois o seu “lugar de fala” pode influenciar os resultados da pesquisa.

O conceito de lugar de fala, tão em voga nos nossos tempos de (re-)posicionamentos sociais em meio às lutas de grupos identitários como o LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) e seus desdobramentos, se refere às posições de quem fala ou escreve. Conseqüentemente, os posicionamentos também são influenciados pela história particular do autor/da autora dos enunciados. Segundo Braga (2000, p. 170), “não há um lugar neutro de onde se produza uma enunciação; esta vai depender do ponto de vista de quem enuncia”.

A pesquisadora e entrevistadora deste trabalho é uma brasileira, moradora do Rio de Janeiro, professora de língua alemã e língua portuguesa, que, ao longo de seus vários anos de trabalho, vem comparando hábitos e atitudes das sociedades brasileira e alemã e colecionando hipóteses sobre a relação entre elas.

Além da necessidade de se levar em consideração a identidade da pesquisadora, também devemos ter o cuidado de observar as identidades das entrevistadas, aqui construídas por elas mesmas em seus discursos, posto que, de acordo com Mischler (1986, apud Bastos e Santos, 2013, p. 12), uma entrevista é uma produção coconstruída bilateralmente.

3.2 As participantes

Foram quatro as nossas entrevistadas, duas brasileiras e duas alemãs residentes no Brasil, todas professoras de língua alemã, envolvidas com projetos binacionais concernentes ao ensino de alemão como língua estrangeira (ALE). Com idade na faixa dos 30 anos, todas já tiveram experiências amorosas anteriores com estrangeiros, e se declararam dispostas a assumirem um relacionamento mais estável.

Na época das gravações, no final de 2016, as entrevistadas alemãs estavam no Brasil, e as brasileiras estavam na Alemanha, ou seja, elas se encontravam no

exterior, enquanto os homens que as abordaram estavam em seus países de origem.

O idioma usado foi o português, uma vez que as entrevistadas alemãs possuem ótima proficiência em nossa língua.

De acordo com a Resolução 510/2016, as participantes assinaram duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes do início das entrevistas a serem documentadas, ou seja, antes da geração de dados. Após assinadas, uma das vias ficou com a entrevistada e a outra com a pesquisadora. No decorrer do trabalho, os nomes dos sujeitos participantes não são os verdadeiros, garantindo-se desse modo o seu anonimato; da mesma forma, foram alterados quaisquer dados que pudessem revelar suas identidades.

3.3 Procedimentos e geração de dados

Nossos procedimentos obedeceram a seguinte disposição:

1. Seleção das entrevistadas;
2. Contato com as entrevistadas por email;
3. Realização das entrevistas;
4. Transcrição das entrevistas;
5. Análise de dados.

O primeiro procedimento adotado para gerar nossos dados foi selecionar as entrevistadas. Optamos por entrevistar mulheres com perfis básicos (idade, trabalho e vivência internacional) semelhantes, para que nossa análise mantivesse um espectro relativamente alto de possíveis coincidências.

Nosso primeiro contato foi feito através de email, uma vez que duas das entrevistadas são colegas de trabalho da pesquisadora e as outras duas (as alemãs) foram apresentadas por outros colegas de trabalho.

A escolha da geração de dados por meio de entrevistas foi feita com base na definição de Moita Lopes (1996, p. 22 apud Oliveira, 2012, p. 118) de pesquisa etnográfica. Nela, privilegia-se “a percepção que os participantes têm da interação

linguística e do contexto social em que estão os envolvidos, através da utilização de instrumentos tais como notas de campo, diários, entrevistas etc.”

O contato direto com o entrevistado, ainda que seja por meios digitais, torna mais viável para o entrevistador compreender qualitativamente seus interlocutores, suas motivações e suas expectativas. Através de suas histórias, mas também observando os detalhes de sua narrativa (como a prosódia alinhada ao léxico), é possível ter uma percepção mais realista do que o entrevistado deseja significar.

É extremamente importante que o entrevistado se comporte o mais naturalmente possível. Por isso, nossos dados foram gerados através de entrevistas semiestruturadas, próximas de um bate-papo, mas procurando reduzir ao mínimo qualquer influência da entrevistadora no contexto da interação. Optamos ainda por usar o Skype® como canal, porém somente o áudio foi gravado, para que as entrevistadas se sentissem o mais confortável e descontraídas possível, já que o tema é bastante pessoal.

Foram feitas uma introdução ao tema com o título do trabalho e uma lista de sugestões de subtemas, todos relacionados diretamente às possíveis diferenças entre as culturas brasileira e alemã no momento da primeira aproximação com fins amorosos e na continuação (ou interrupção) dos relacionamentos:

1. Há quanto tempo você está no (país estrangeiro)?
2. Em que cidade você está? Como é a cidade?
3. Por que você está neste lugar? Quais são suas atividades principais neste lugar?
4. Qual é a nacionalidade das pessoas com as quais você mais convive neste lugar?
5. Você já foi abordada por um nativo com vistas a um “relacionamento amoroso”?
6. Onde/quando/como foi?
7. Quem tomou a iniciativa de conversar?
8. Como você percebeu/soube que a aproximação tinha como objetivo um relacionamento amoroso? (palavras/gestos/outros sinais)
9. O que você achou do estilo da abordagem?

10. Você acha que há diferenças entre uma abordagem dessas no país onde você está e no seu país de origem? Se sim, quais? E em que sentido?
11. Também houve interesse seu pela aproximação?
12. Como o relacionamento continuou (ou não)? Por que?

As entrevistas foram transcritas com convenções básicas segundo as sugestões de Paulo Gago (2002), autor sociointeracionista, que desenvolveu métodos de transcrição para a coleta de dados, considerando a “perspectiva dos participantes como parâmetro maior a ser privilegiado nas análises e nas transcrições.” (Gago, 2002, p.110)

E finalmente nossa análise, como já dito anteriormente, procura relacionar os dados com perspectivas interculturalistas a fim de verificar se nossas hipóteses são admissíveis.

3.4 Tratamento dos dados

Após a geração e a transcrição dos dados, procedemos à sua análise, buscando reconhecer no corpus as categorias de Hofstede e Thomas apresentadas no capítulo de pressupostos teóricos, baseando-nos no princípio de que

“(...) o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”. (Chizzotti, 2006, p. 98)

Procuramos encontrar padrões que corresponderiam à realidade dos relacionamentos amorosos entre pessoas oriundas das culturas brasileira e alemã. Dessa maneira, tais padrões poderiam ser oferecidos tanto aos professores de PL2E, quanto aos de ALE, e também aos aprendizes de ambos os idiomas, servindo como instrumento para que possam melhorar sua compreensão sobre a cultura do outro país e lidar com as diferenças de uma forma mais empática, evitando mal-entendidos ou mesmo conflitos em sua comunicação.

Mais uma vez é importante esclarecer que partimos de depoimentos pessoais, individuais, em que estereótipos culturais podem ser frequentes e aparecerem reafirmados pelas entrevistadas. Por este motivo, os analisamos como

generalizações, como representações de uma cultura, não como verdades absolutas. É imprescindível ressaltar que, mesmo que tenhamos generalizações como ponto de partida para balizar nossa compreensão e nosso comportamento perante uma situação intercultural, ainda assim devemos evitar julgar todos os estrangeiros segundo estereótipos pré-concebidos.

Cabe ressaltar ainda que a editoração deste trabalho observa as normas da PUC-Rio para apresentação de teses e dissertações.

4 Análise de dados

Este capítulo é dividido em cinco partes, em que analisamos o relato de cada entrevistada, procurando reconhecer, nos relatos sobre os comportamentos dos homens que delas se aproximaram, alguma compatibilidade com as dimensões de Alexander Thomas e Geert Hofstede. Apresentamos ainda uma subseção sobre a relevância da dimensão hofstediana **Masculinidade-Feminilidade**, que, segundo nossa análise, não condiz com as conclusões do autor sobre as culturas brasileira e alemã, embora atravesse todos os relacionamentos aqui relatados.

4.1 As brasileiras

As duas brasileiras entrevistadas, a quem chamamos de Beatriz e Marina, eram, à época dos nossos encontros (2016), residentes na Alemanha, e ambas demonstraram desejo de residir definitivamente naquele país. Em vista disso, um envolvimento amoroso com um nativo alemão era considerado pelas duas como um investimento afetivo de grande significado, relacionado a companheirismo, estabilidade e segurança no país estrangeiro.

Atualmente Marina mora com seu namorado alemão na mesma cidade em que morava quando foi entrevistada, onde também trabalha. Já Beatriz voltou para o Brasil depois de um ano, com planos de retornar e morar na Alemanha.

4.1.1 Beatriz

Beatriz relatou que, desde o início da sua viagem, estava disposta a se relacionar afetivamente com um alemão, por isso logo que se mudou para a Alemanha se inscreveu em um aplicativo que promove encontros pela internet. Uma vez que atribuía aos homens alemães a característica de serem muito “reservados” e “discretos”, como vemos no excerto abaixo, ela se mostra muito

surpresa com o comportamento “bem aberto” do primeiro alemão com quem se relacionou, a quem chamaremos de Herbert (nome fantasia):

5 (...) depois de umas duas semanas a gente resolveu se encontrar, e...
 6 logo nesse primeiro dia ele já veio com um olhar assim bem... bem carinhoso,
 7 ele veio bem aberto a qualquer coisa. Ele foi sempre muito gentil, ele ficava
 8 pegando na minha mão, e aí ia conversando comigo, olhando bem nos meus
 9 olhos, querendo saber tudo o que eu estava disposta a contar, e... com esse,
 10 com esse gesto eu pensei “Bom, ele realmente está disposto a ter alguma
 11 coisa, seja lá o que for, ele tá disposto a alguma coisa.” E aí nesse dia é... ele
 12 foi me acompanhar até o metrô, é... e aí eu fiquei meio assim, hmm, eu
 13 acho que no final da noite ele vai querer alguma coisa hh e não deu
 14 outra, né, ele já tentou, né, me beijar, e eu achei aquilo tudo muito esquisito,
 15 porque até onde eu sei, os alemães são super reservados, e são muito, né,
 16 discretos, e etc, e eu fiquei realmente bastante surpresa com essa atitude...
 17 até positivamente, falei, puxa vida, que bom que eles não ficam esperando
 18 uma eternidade hh pra dar um beijo em alguém, né, se você quer beijar,
 19 por que não? Vamos beijar! E aí eu fiquei encantada com isso, falei, puxa
 20 vida, que sorte, logo na primeira se... nas primeiras duas semanas, tipo, né?

Podemos notar na fala de Beatriz o quanto ela ficou admirada com a ousadia nos atos de Herbert (“eu achei aquilo tudo muito esquisito”), assim como com a rapidez com que ele os realizou (“depois de umas duas semanas ... logo nesse primeiro dia”). De uma maneira geral, Beatriz atribui ao homem alemão um comportamento que podemos alinhar à categoria **Distância Interpessoal Diferenciadora** de Thomas, relacionada ao desejo de se resguardar a própria privacidade e respeitar também a do outro. Podemos depreender que ela estava pronta para manter um relacionamento somente pela internet, talvez ainda durante várias semanas, até que finalmente houvesse um movimento de Herbert no sentido de se encontrarem pessoalmente. A surpresa teve, para ela, uma marca positiva (“até positivamente”), uma vez que ela usava o aplicativo com a intenção de encontrar uma companhia romântica, um relacionamento mais estável.

A nosso ver, a categoria **Distância Interpessoal Diferenciadora** poderia se justificar através da categoria de Thomas em relação à sociedade alemã, **Orientação por Regras**, segundo a qual as regras e as leis devem ser minuciosa e

meticulosamente observadas e cumpridas, sem exceções para amigos ou por mera simpatia, enquanto para os brasileiros haveria um “jeitinho” para tudo, e qualquer crítica seria considerada pessoal e passível de arruinar circunstâncias harmoniosas, como afirma o autor em sua categoria **Harmonia Interpessoal**. Para os alemães, tanta flexibilidade poderia induzir ao erro e à possibilidade de que o relacionamento ou o trabalho não se desenvolveria com a maior eficácia possível e desejada.

Somadas ao desejo de preservar sua privacidade, outras regras construídas socialmente, ao longo da história, também poderiam promover e delimitar os comportamentos vistos como típicos dos alemães. Como fundamentos para que possamos compreender melhor tais comportamentos, podemos considerar o movimento da história na Alemanha e as lutas feministas mais acirradas nos anos 1970 (Wagner, 2002). Empoderadas desde então, as mulheres alemãs gozam de um profundo respeito por parte dos homens e de toda a sociedade. Propomos, por conseguinte, que a partir de agora, sempre que relacionarmos aspectos de nossa análise com a categoria **Distância Interpessoal Diferenciadora**, também estaremos incluindo a categoria **Orientação por Regras**, a primeira sendo consequência da segunda, remetendo às regras sociais vigentes na atualidade da sociedade alemã.

Superando as expectativas de Beatriz, Herbert sempre a apoiou, inclusive em seu projeto de permanecer na Alemanha, e isso a convenceu definitivamente de que também ele procurava uma relação estável e duradoura:

33 porque no primeiro dia que a gente se viu, é... eu comentei que eu gostaria
 34 muito de ficar aqui, e tal, não sei o quê, mas que eu sei que ninguém vai
 35 ficar me esperando voltar, porque eu só posso voltar a morar aqui daqui a
 36 três anos, e aí ele soltou a pérola “Ah, mas... é... você tem que ir? Mas não
 37 tem problema, você vai voltar! E você vai voltar, e você pode conseguir
 38 aquilo que você quer aqui, o papel pra você ficar aqui”, etc, e eu pensei
 39 Gente! Ok! hh Tá legal, é assim que funciona, gente? Tão rápido assim?

Porém, suas primeiras suposições - de que os homens alemães, em sua maioria, não costumam se envolver em relacionamentos rápida e intrepidamente - se confirmaram quando Beatriz soube que Herbert sofria de um distúrbio

emocional (“depressivo, tinha dias que ele tava ótimo, tinha dias que ela tava mais do que péssimo”), como veremos no próximo excerto:

27 (...) E aí eu
 28 descobri que ele é muito depressivo, e que ele tem uma história de de de
 29 relacionamento assim muito pesada, e... e assim, ele depositou em mim a
 30 chance, ou... ou... a necessidade de ter alguém, e de repente ele pensou que
 31 uma brasileira, que gostaria de ficar aqui na Alemanha poderia aceitar talvez
 32 a possibilidade de ficar com ele, de casar com ele, e de não voltar e etc,

Beatriz concluiu que a condição de depressivo de Herbert, de certa forma, o levava a ser mais “aberto” na procura por relacionamentos afetivos, contradizendo o perfil considerado clássico dos homens alemães, muito “reservados”. Por isso ele procurava uma companheira que apresentasse também alguma forma de dificuldade para compensar as dificuldades dele: “(...) ele pensou que uma brasileira, que gostaria de ficar aqui na Alemanha, poderia aceitar talvez a possibilidade de ficar com ele, de casar com ele (...)”.

Porém, Beatriz não se via como alguém em situação de desvantagem, que pudesse concordar em viver sob circunstâncias difíceis - ao contrário, estava determinada a aproveitar um ano de novas experiências na Alemanha, e além disso não se sentia em situação de ajudar uma pessoa com necessidades médicas, como vemos em seu depoimento no próximo excerto. Apesar da “decepção”, ela se dispôs a continuar a busca por um par alemão, pensando também em aprimorar seus conhecimentos no idioma, ainda que com menos expectativas quanto ao tipo de relacionamento:

47 (...) eu tenho um
 48 ano de férias, não tô podendo cuidar de alguém, não dá pra mim, até porque
 49 a gente sabe muito bem que nós não podemos cuidar dessas pessoas, né, a
 50 gente pode dar um apoio, mas não somos nós que temos que cuidar delas, e
 51 sem uma procura ajuda especializada não sou eu que vou poder resolver o
 52 problema dele. Então, assim, eu fiquei, confesso que fiquei decepcionada
 53 com com tudo isso, porque por um momento surgiu a oportunidade de... não
 54 necessariamente d’eu.. ai, não, eu vou casar, u-hu! Beleza! Não, mas assim,
 55 de talvez ter um relacionamento com uma pessoa nativa, que sempre foi

56 meu interesse na verdade, porque a gente aprende muito né [é], quando a
 57 gente tá com eles assim. O o nível de língua sobe assim estrondosamente. E
 58 e e cultura, enfim, tudo, então eu eu ainda continuo à procura. Né?

Beatriz tinha um par constante quando saía para dançar, a quem chamamos de Hans. Este se mostrou muito ofendido quando ela, em um gesto que provavelmente no Brasil seria considerado apenas como uma gentileza, limpou-lhe o suor da testa depois de dançarem juntos. Hans, “reservadíssimo”, considerou tal ato uma intimidade inaceitável, ainda que já estivessem dançando juntos há algumas semanas, ou seja, naturalmente tendo contato físico:

85 (...) Completamente diferente da gente! Aí eu vi o típico alemão,
 86 cara, que, pô, é reservadíssimo, um cara que... pô, você encosta assim na
 87 testa pra limpar... o suor, e ele faz uma cara de desesperado “Meu De:us!
 88 Ela passou dos limites do contato físico:!” hh Ele me olhou com uma
 89 cara!... Que você não tem ideia! Quando eu fui limpar o suor dele, a gente
 90 tava dançando salsa eu fui limpar o suor dele, menina! Ele me olhou com
 91 uma cara assim... hh Isso foi, sei lá, na terceira vez que a gente saiu pra
 92 dançar. (...)

No excerto acima ficou claro que houve um mal-entendido ocasionado por diferenças culturais. Beatriz agiu segundo as regras sociais que ela considerava comuns no Brasil, e Hans reagiu segundo as regras consideradas características da Alemanha. O comportamento dele mostrou ser compatível com a categoria **Distância interpessoal diferenciadora** de Thomas, que o situaria como tipicamente alemão e diametralmente oposto à exuberância emocional dos brasileiros, do mesmo modo como Beatriz o considera: “Completamente diferente da gente!”. Hans considerou aquele tipo de aproximação física, diferente do inevitável do momento da dança, uma invasão à sua privacidade – mesmo em um ambiente de descontração.

E o mal-entendido segue adiante, desta vez por interpretação do vocabulário. Decidida a conquistar Hans, Beatriz tomou a iniciativa de conversar com ele sobre a possibilidade de ao menos se beijarem, já que um relacionamento romântico, a julgar pelo distanciamento dele, estava fora de questão:

80 No décimo encontro eu falei “Gente, não dá mais pra mim! Não dá mais... a
 81 gente se dá super bem, a gente dança bem pra caramba, a gente tá
 82 começando a dançar mais coladinho... hh o negócio tá... e nada
 83 acontece! Eu falei: “Gente, esse é o típico alemão! hh Que é nojento, que
 84 demora cinco milhões de anos pra tomar uma atitude, Brasil! hh (...)

Apesar de já haver anteriormente constatado o traço “típico” que levava Hans a apresentar um comportamento mais distante do que ela esperaria de um homem brasileiro, por exemplo, Beatriz leva adiante a decisão de seduzi-lo, como vemos neste último excerto de sua entrevista:

100 (...) Então é assim hh ele é meio clichê daquilo que eu
 101 esperava de um alemão, sabe? E aí na déci... no décimo encontro eu falei
 102 “Querido, olha só, deixa eu te perguntar uma coisa?” Aí ele “O quê?” Eu
 103 falei “Então... *Willst du mehr Spaß haben, als wir schon haben? Ich meine...*
 104 *dass wir... irgendwie... also wir verstehen uns gut, wir tanzen schön, aber...*
 105 *irgendwie will ich mehr und... ahm... Verstehst du, was ich meine?”¹¹*
 106 *war... ja, ja...ok, aber, weißt du was? Spaß will ich nicht. Da war ich “Häh,*
 107 *wieso?” Und... es hat so lange gedauert, also ich meine... Ja, (...) wieder was*
 108 *du genau gesprochen haben? Weißt du was genau bedeutet Spaß haben?”*
 109 *Ich hatte keine Ahnung. ((tom de suspense)) Spaß haben bedeutet Sex*
 110 *machen. Das wusste ich nicht.*¹²

Ela pergunta se ele não quer se divertir ainda mais, usando uma expressão que na verdade significa “se relacionar sexualmente”. Hans percebe o mal-entendido e se mostra capaz de desfazê-lo, postura que se alinha com os pressupostos de uma cultura de baixo contexto (cf. 2.3), onde tudo deve ser esclarecido minuciosamente, sem deixar espaço para outras interpretações

¹¹ (...) Você gostaria de se divertir mais do que nós já fazemos? Quero dizer... que nós... de alguma maneira... assim: nós nos entendemos bem, nós dançamos bem, mas... de algum modo eu quero mais e... ahm... Você está entendendo o que quero dizer?”

¹² Ele ficou... sim, sim, ok, mas, quer saber? Não quero não. Eu fiquei assim „Ué, como assim?“ E... depois de um tempinho, eu acho... Sim, (...) de novo exatamente o que você disse? Você sabe o que quer dizer exatamente “se divertir”? Eu não fazia a menor ideia. ((tom de suspense)) “Se divertir” significa fazer sexo. E eu não sabia.(...)quaisquer que possam gerar mal-entendidos. E a linguagem se mostra como o canal perfeito para se obter eficiência na comunicação.

quaisquer que possam gerar mal-entendidos. E a linguagem se mostra como o canal perfeito para que se possa obter eficiência na comunicação.

Recusando a proposta de Beatriz, o comportamento de Hans se alinha ainda com a dimensão **Indulgência x Restrição** de Hofstede. Como vimos no capítulo referente às dimensões hofstedianas, o que tornaria um ser *humano* seria sua capacidade de se socializar, de restringir e controlar seus próprios desejos e impulsos, pelo respeito ao outro, ao próximo. Nesse ponto, Hans se mostra perfeitamente consciente de que estava recebendo uma proposta para ter um contato físico, mas não tratou a situação como divertida, nem se aproveitou da oportunidade para se aproximar fisicamente, até que Beatriz também tivesse plena consciência do que estava propondo, respeitando o direito de escolha dela, protegendo-a do seu próprio engano.

Esse julgamento de Beatriz relaciona a categoria **Restrição** de Hofstede, que a faz enxergar o homem alemão como controlado e calculista, à de Alexander Thomas, **Distância interpessoal diferenciadora**, que marca os espaços pessoais como transponíveis ou intransponíveis. Recusando a proposta, Hans explicou calma e friamente o significado da expressão “*Spaß haben*”, mantendo-se reservado e distante, sem demonstrar nenhum tipo de avaliação emocional sobre a situação, enquanto Beatriz lidou com o engano de maneira bem humorada, compreendendo a manutenção da distância interpessoal como traço característico da maioria dos homens alemães.

Nesse sentido, Marina, nossa outra entrevistada brasileira, compartilha a mesma visão de Beatriz, como veremos na subseção seguinte (cf. 4.1.2).

4.1.2 Marina

Decidida a se radicar na Alemanha, Marina planejou fazer o mestrado naquele país e foi morar em uma conhecida cidade universitária, onde convive uma grande diversidade de pessoas, seja quanto à nacionalidade ou à área de interesse. O mercado de trabalho também se volta para essa pluralidade, e terminou por favorecer a permanência de Marina no mesmo local, como mencionamos na introdução deste capítulo.

Se por um lado a variedade de pessoas envolvidas com as universidades locais proporciona maior multiplicidade nas possibilidades de convivência, por outro, para Marina, causou a princípio um certo desconforto. Vendo-se como uma mulher madura, ela sentiu dificuldade em encontrar uma companhia masculina compatível com as suas expectativas e o seu estilo de vida, como podemos observar no excerto abaixo:

20 É... eu gosto muito da cidade que eu tô morando agora. Eu gosto muito de
 21 (...) porque ela é uma cidade universitária, então a gente tem muita
 22 gente nova aqui, e de vários lugares. Então a gente tem diversos alunos de
 23 diversos cursos diferentes. É... tem muita gente aqui, muita mistura. É uma
 24 cidade de muita mistura. É... ao mesmo tempo que é legal, porque tem gente
 25 nova, é ruim, porque tem gente nova. hh Porque eu já tenho 32 anos e a
 26 faixa de idade daqui da galera é de 20 e poucos. Então hh existe uma
 27 certa... dificuldade ali. De tipo... assim... conciliar os interesses, né, entre as
 28 pessoas. Eu gostaria de ter um relacionamento, e as pessoas querem mais é
 29 uma curtiçãozinha, amizade colorida, essas coisas.

Assim como Beatriz, Marina estava disposta a ter um relacionamento mais estável e duradouro. Por esse motivo, além de considerar atentamente a idade dos homens que a abordavam com vistas a um relacionamento afetivo, ela também deu preferência a se relacionar com homens alemães, em detrimento de outras nacionalidades, porque, segundo ela, aqueles seriam mais cuidadosos e respeitosos. No próximo excerto, Marina compara os diferentes estilos de abordagem que vivenciou:

41 Aqui, diferente dos brasileiros, que já chegam encostando, tocando no cabelo,
 42 os alemães aqui não chegam assim! De forma alguma! Eles sempre chegam
 43 conversando, ficando do seu lado. Aí eles esperam que você olhe pra ele, pra
 44 começar a falar, tem essas coisas. Interessante é que o único que chegou em
 45 mim aqui, me encostando, de sei lá, 26 anos, e que era... não era alemão
 46 assim, cem por cento, e que eu tava num bar, e aí ele chegou assim que nem
 47 os brasileiros, assim, tipo, me encostando, sentando do meu lado, me
 48 deixando, assim, sem espaço, e aí eu tentava falar pra ele, eu ia assim pro
 49 lado, chegando por lado, e ele ia pra cima de mim hh e eu falava “Não,

50 cara, per aí! hh Não, não é bem assim não, chega pra lá, a gente tá
 51 conversando!” e tal... Mas ele, assim, foi o único que passou... assim, do
 52 limite, que eu aceito, né. Tipo, que se aproximou de um brasileiro. (...)

Podemos notar a relação entre os dois excertos acima citados com as dimensões **Indulgência versus Restrição** de Geert Hofstede e **Distância interpessoal diferenciadora** de Alexander Thomas. Para Marina, o brasileiro, quando visa algum tipo de relacionamento afetivo, tende a se aproximar de uma mulher de maneira pouco respeitosa, até mesmo insistente, em busca de satisfazer seus desejos imediatistas, sem se importar em restringi-los; percebe-se que a ela não agrada esse tipo de abordagem. Na comparação que faz entre o homem brasileiro, que “já chegam encostando, tocando no cabelo” e o “alemão-alemão”, Marina demonstra claramente o seu apreço pela maneira como este age, mantendo uma respeitosa distância: “eles esperam que você olhe pra ele, pra começar a falar”. E a diferencia até mesmo da atitude de um nativo alemão com raízes e forte influência de uma outra cultura (como a turca, neste exemplo), que se aproximou em um bar porque reconheceu nela características de uma estrangeira:

52 (...) Mas ele
 53 não era alemão-alemão. Ele era... Inclusive ele ficou assim pra mim: “Não,
 54 porque você é tão bonita!”, ficava me elogiando, não sei o quê, as alemãs
 55 não são assim. (...)
 (...)
 59 ele ficou falando isso pra mim, “Você é tão bonita, muito mais bonita que as
 60 alemãs, que não-sei-o-quê, que você também tem o sotaque diferente” e tal,
 61 blã-blã-blã... E aí, assim, eu mal falei alguma coisa pra ele, e ele falou assim
 62 “Mas por que que você não quer nem conversar comigo? Por que que você
 63 não quer me dar seu telefone?” Eu falei: “É porque eu acho que não vai
 64 rolar!” (...) assim “Você gosta de alemão?”. Eu falei: “Eu gosto! Eu prefiro
 65 os alemães!” E ele ficou frustradíssimo! hh Porque eu queria os alemães!”
 66 Ele ficou assim “Mas... por que você tá fazendo isso com você mesma??
 67 Eles não respeitam mulheres que não são alemãs!” (...)

Marina se coloca como uma mulher alinhada aos ideais das mulheres alemãs e repele a aproximação do rapaz que, tendo sua expectativa frustrada, quer

convencê-la de que os homens alemães vão destrata-la, uma vez que ela não é alemã.

Nesse ponto podemos nos reportar à nossa suposição, vista na subseção anterior (cf. 4.1.1), de que na categoria **Distância Interpessoal Diferenciadora**, em se tratando de aproximações amorosas, o comportamento dos homens alemães se relacionaria também com a categoria **Orientação por Regras**, ambas propostas por Thomas em relação à característica da sociedade alemã, que seria regida rigorosamente por regras e leis. Faz parte das regras sociais reconhecer os direitos das mulheres, conquistados nas lutas feministas há décadas. Por isso os homens alemães demonstram o seu reconhecimento e o seu respeito, esperando que as mulheres pelas quais têm interesse dêem um sinal inequívoco de que realmente desejam essa aproximação, para só então consumá-la.

Essa postura também pode ser consequência da sua inserção em uma sociedade de baixo contexto (cf. 2.3), onde a quantidade de informações verbalizadas tende a ser maior, para que a comunicação se realize apropriadamente. Segundo Marina, os homens alemães reconhecem a situação, e provavelmente por isso somente usam outro tipo de abordagem quando percebem que a mulher é procedente de uma outra cultura:

91 (...) Esses que chegam
 92 mais, é porque vêem que eu não sou daqui, então, eles se sentem um pouco
 93 mais corajosos, assim, né, porque eles não chegam nas alemãs, que as
 94 alemãs dão logo passa-fora, porque elas são assim mesmo, dão logo um
 95 cortadão hh , não querem nem saber, e... hh e... eu acho, por isso que eles
 96 chegam mais, se aproximam, eles têm mais coragem do que os alemães de
 97 verdade. Eu acho que é por isso que eles chegam mais, se aproximam. (...)

Aproximando o seu próprio comportamento ao estilo das mulheres alemãs, Marina também não admitia abordagens que considerasse inapropriadas ou desinteressantes. No excerto abaixo, ela narra uma dessas situações, da qual se retirou decididamente (“estou vazando agora”), fazendo um trocadilho com o nome de um drinque, “*Flying away*” (“ir embora voando”, t.a.) para reforçar a ideia de que não estava satisfeita com aquele tipo de aproximação:

70 (...) Eu falei pra ele “Olha, eu sinto muito...” E aí
 71 era um par de *shot*, né, então você escolhe pelo nome, eu pedi um par de
 72 *shot*, o último... porque todos os *shots* que eu tomei, ele perguntava o que eu
 73 tava tomando. E aí o último... eu falei pra ele, ele perguntou “Qual *shot*
 74 você tomou?” Eu falei “*Flying away!* hh É por isso que estou vazando
 75 agora!” hh

Nas entrevistas com as duas brasileiras, as dimensões de Thomas e Hofstede aparecem em ocorrências semelhantes, ressaltando as características vistas como recorrentes nas abordagens dos homens alemães em relação àquelas dos homens de outras nacionalidades. Beatriz e Marina enfatizam a cada momento que preferem o estilo dos homens alemães, que seriam mais moderados e comedidos ao se aproximarem pela primeira vez de uma mulher, o que parecia proporcionar uma maior sensação de deferência e também de segurança, uma vez que elas estavam em um país estrangeiro, em busca de estabilidade.

Considerando ainda o ponto de vista de uma mulher estrangeira em um outro país, iremos, na subseção a seguir, observar como as entrevistadas alemãs perceberam a aproximação dos homens brasileiros.

4.2 As alemãs

As entrevistadas alemãs residiram no Brasil durante dois anos, porém em épocas diferentes, e realizaram atividades diversas. Kristin já havia conhecido brasileiros na Europa, antes de vir morar pela primeira vez no Rio de Janeiro, onde trabalhou em um colégio alemão. Durante seis meses ela morou com uma família brasileira, que tinha duas crianças, e quase não falava português. Um ano depois retornou ao Brasil, e fez um intercâmbio na PUC-Rio e outro em Valinhos (SP), ambos com seis meses de duração, sempre dividindo casas com outros estudantes. Hoje seu português é fluente.

Quando foi entrevistada, Franziska havia voltado para a Alemanha, em busca de uma colocação profissional que considerasse mais sólida e bem remunerada, depois de morar dois anos no Rio de Janeiro. Embora sinta saudades do Brasil e deseje voltar, confessa, em tom de desculpas: “Pra sempre, eu acho um pouquinho difícil.”

4.2.1 Kristin

Kristin se coloca desde o início da entrevista como uma mulher que viaja com frequência por outros países, e que pode se relacionar com homens de uma forma “bem livre”, sem necessariamente estar ligada por um compromisso:

5 (...) Antes, já, na Espanha, eu conheci alguns brasileiros, lá, que
6 falavam espanhol comigo. Então também já... já “fiquei” com um brasileiro lá,
7 mas... só ficante mesmo, nada sério, foi... assim, bem livre. E depois, quando
8 estava aqui no Brasil, eu... também nada sério, eu... “fiquei” com alguns (...)

Tal posicionamento se aproxima da liberdade conquistada pelas mulheres alemãs, que, como vimos na subseção anterior (cf. 4.1.1), alcançaram direitos parecidos com os dos homens através das históricas lutas feministas. Entretanto Kristin observa que, ainda assim, a sociedade alemã como um todo não aprovaria esse tipo de relacionamento, como deixou claro no seguinte excerto:

9 percebi que, é muito mais, para mim, uma alemã, é muito mais fácil, aqui,
10 “ficar”, pra mim parece, porque na Alemanha parece um pouco mais sério, e
11 se fala um pouco... pior de uma pessoa que, digamos, lá na Alemanha seria
12 tão fácil. (...)

Podemos inferir, dessa sua fala, que ainda que as mulheres tenham conseguido direitos civis e legais próximos aos dos homens, as regras sociais vigentes anteriormente podem ainda ter papel preponderante no comportamento das pessoas, o que nos remete à dimensão **Orientação por regras**, típica da sociedade alemã segundo Alexander Thomas.

Ciente das expressões usadas por jovens brasileiros, Kristin diz que é mais fácil “ficar” no Brasil, ou seja, ter um relacionamento episódico, de apenas algumas horas (ou mesmo alguns minutos, como em um beijo, por exemplo) de duração, em uma festa ou algum outro momento de diversão, sem que isso implique necessariamente em compromisso futuro. Comumente há troca de carinho físico, como beijos e abraços. E não é raro que uma pessoa “fique” com várias em uma mesma ocasião.

Kristin se mostra desenvolta tanto no Brasil quanto na Espanha, mas consciente de que, em seu país, poderia ser vista pela sociedade como uma mulher “fácil”, ou seja, que “fica” com muitos homens e por isso não mereceria respeito social. Tal visão aponta para outra dimensão que Thomas atribui aos alemães, a **Distância interpessoal diferenciadora**. Como vimos nos depoimentos das brasileiras Beatriz e Marina, os homens alemães demorariam respeitosamente a se aproximar de mulheres com fins de um relacionamento de afeto, até que elas lhes concedam esse espaço, seja por gestos ou palavras. Quebrando essa norma, Kristin se alinha com as características que ela atribui aos brasileiros, “tanto homens quanto mulheres”. Segundo suas palavras, os brasileiros quase sempre saem à noite com intenção de buscar um relacionamento, mesmo que seja passageiro, diferentemente dos alemães, orientados por regras sociais, para quem o flerte e o namoro não são vistos como objetivos essenciais, quando saem para se divertir.

12 (...) Que você vai sair normalmente na Alemanha à noite, também só
 13 para sair, para dançar, para beber, para curtir os seus amigos. E... sem
 14 nenhuma outra intenção. Aqui, quase, quando você vai sair, não sempre,
 15 mas muitas vezes, tem... já... algo sei lá... na mente “Ah, vamos ver quem
 16 tem lá na festa.” Tanto mulher quanto homem, eu acho, nem tem diferença
 17 nisso. (...)

Kristin diferencia ainda o comportamento de cariocas e de paulistas na abordagem amorosa, principalmente se a mulher for estrangeira, sugerindo que seria mais fácil não assumir compromissos se esta não residir definitivamente no país. Ou talvez que o brasileiro se aproveite da falta de conhecimento das estrangeiras sobre os valores considerados como representativos da nossa sociedade, sobre tipos de relacionamentos amorosos, e use sua facilidade em se comunicar para tentar seduzi-las:

19 (...) E... no Rio também percebi que paulista e carioca
 20 também é diferente, e... carioca é muito mais a fim de gringas! Eu... hh
 21 posso ver, sei lá: quando tem uma brasileira e uma gringa, assim, carioca,
 22 quando quer só ficar, só uma noite, ou algo assim, é muito mais interessado
 23 numa gringa, eu acho. Sei lá, mais exótico, sei lá. (...)

Essas características, consideradas típicas e esperadas de todos os brasileiros, mas que se mostram mais acentuadas, segundo Kristin, no comportamento dos cariocas, corresponderiam à categoria **Facilidade e prazer em fazer contatos e se comunicar**, de Thomas. O interesse do brasileiro por um simples bate-papo, pelo outro, principalmente por estrangeiros, seria, assim, o oposto da categoria **Distância interpessoal diferenciadora**, atribuída aos alemães, segundo a qual existem regras sociais que observam tempo, local, disponibilidade e interesse de uma pessoa para que outra possa se aproximar e abordá-la. Kristin confere à maioria dos brasileiros, principalmente oriundos do Rio de Janeiro, traços como simpatia, extroversão e espontaneidade, que interligariam **Facilidade e prazer em fazer contatos e se comunicar** e a categoria hofstedia **Indulgência versus Restrição**, como podemos notar no excerto abaixo:

24 sempre há exceções. Mas a minha assim... opinião. E... eu conheci um
 25 brasileiro no Chile no ano passado, em julho. E... a gente foi sair, e eu
 26 percebi algo bem estranho, porque eu estava acostumada que normalmente
 27 brasileiro é bem mais... nem sei como se fala em português, em alemão seria
 28 *forsch*, mais assim, que ele vai, assim, em frente, vai atrás da menina, (...)

Kristin considera os homens brasileiros como *forsch* (atrevidos, que podem mesmo ser indelicados, t.a.) em suas abordagens a mulheres. Isso significa que eles não esperariam até que elas possam perceber a presença e muito menos as intenções dos homens, antes de serem alvo de uma aproximação. Tal característica por parte deles convergeria, desse modo, para uma indulgência em relação aos seus desejos, que devem ser imediatamente satisfeitos, ainda que isso cause estranhamento ou mesmo constrangimento em outras pessoas.

No próximo excerto, Kristin narra quando conheceu um brasileiro no Chile, que demonstrou outro tipo de comportamento. Ela se mostra surpresa e encantada, e afirma que, quando um brasileiro deseja manter um relacionamento mais sólido e permanente, ele é mais cuidadoso na aproximação e se interessa pela “pessoa”, pela “personalidade” dela:

29 esse brasileiro foi um pouco mais... a gente se encontrou, fomos para um

30 museu, é... jantávamos, e bem tranquilo. E só depois ele me perguntou um
 31 pouco mais de mim, de meu interesse, e esse brasileiro hoje em dia é o meu
 32 namorado. Porque, ele... não é assim nada diferente de outros brasileiros. Ele
 33 vivia tudo igual, tem... assim... o *background* é totalmente brasileiro. Mas o
 34 tratamento é um pouco assim, mais cuidadoso, eu acho, que dos outros que
 35 ficaram uma noite. Também, isso eu percebi, que os outros brasileiros que
 36 tinham mais interesse em mim, de ficar mais tempo, ou talvez, queriam algo
 37 mais sério, eram mais “cuidoso”, eram mais, assim, devagar, e tinha
 38 interesse, na... na minha pessoa, personalidade. E... é, acho que isso é... algo
 39 bem diferente, porque na Alemanha, eu percebo que normalmente você vai
 40 saindo, muito tempo, vai para assim um ..., vai para um parque, vai fazer
 41 algo em casa, e só depois de bastante tempo vai rolar, ou não: fica só na
 42 amizade. (...)

Podemos perceber que, em sua fala, Kristin considera o brasileiro típico como comunicativo e namorado, ao contrário do alemão típico, mais ponderado e discreto. Ela descreve seu namorado como uma exceção; no entanto, ela busca com frequência modalizar suas opiniões, a fim de evitar um discurso que possa passar por preconcebido e preconceituoso. A dicotomia entre a apreciação de uma mulher com raízes na cultura alemã e o gosto que ela demonstra pela cultura brasileira se mostra, por exemplo, nas expressões “nada diferente de outros brasileiros” e “bem diferente”. Na linha 24, mais uma vez ela mitiga seu juízo: “Óbvio que nem todos, sempre há exceções”. Ou ainda como no seguinte trecho de sua entrevista:

47 Ah.. eu acho... que... na maioria “de” vezes foi o homem que se... que...
 48 aproximou que se aproximou mais. É... mas eles também esperam, um sinal...
 49 sei lá... se tá rolando ou não. Não foi muito assim, quando... quando já ele
 50 podia ver, que eu também tinha interesse, ele foi atrás. Mas... alguns que eu
 51 falei “Não.”, eles respeitaram, normalmente. Óbvio que tem esse jogo de
 52 não/sim. Mas acho que isso tem tanto na Alemanha como aqui. E a maioria
 53 me respeitou também. (...)

As expressões “na maioria das vezes”, “não foi muito assim”, “jogo de não/sim”, e de novo “a maioria” demonstram a precaução para que suas falas não

sejam taxativas nem ofensivas, mais do que uma consciência sobre a relatividade de uma determinada característica atribuída a um grupo social. Declinando ainda da clássica diretividade dos alemães, Kristin finaliza sua entrevista em tom de lástima, atribuindo a dependência do seu futuro ao seu relacionamento com o namorado brasileiro e à possibilidade de voltar a viver no Brasil:

60 Pois... ((tom de pesar)) Eu vou voltar agora para a Alemanha, porque vou
 61 terminar o meu mestrado de pedagogia e letras lá. Vai... ser mais ou menos
 62 um semestre, que são seis meses, lá, e depois, depende muito do
 63 relacionamento. Se tudo “dar” certo com meu namorado, que vive aqui, ele
 64 não sabe alemão, e inglês só um pouco. Ele vai ficar todo caso aqui em
 65 Brasil, aí eu... eu acho que “eu voltar”. E... que seria para mim procurar
 66 trabalho aqui etc. (...)

De uma maneira geral, Kristin se esquivava de expressar uma crença em um estereótipo, mas reforça a generalização de acordo com suas experiências. Apesar disso, se mostra muito bem adaptada aos maneirismos brasileiros e se mantém aberta à possibilidade de morar definitivamente no Brasil.

4.2.2 Franziska

Em seu depoimento, Franziska compara o comportamento dos homens brasileiros com o dos alemães, referindo-se à característica que mais a encanta no nosso “povo em geral”, e que se alinha à categoria que Alexander Thomas nos atribuiu, a **Facilidade e prazer em fazer contatos e se comunicar**. Segundo Thomas, o prazer que a maioria dos brasileiros tem em um bom bate papo, ainda que curto, se deve ao desejo de demonstrar gentileza e deferência pelo interlocutor.

Em tom divertido, Franziska relata algumas experiências que teve nas ruas do Rio de Janeiro, onde as pessoas se aproximam espontaneamente e se mostram disponíveis para ouvir e encetar novas amizades, como no trecho de sua entrevista, abaixo:

63 (...) Eu fui correr na praia, e já conheci alguém, que

64 falou... alguma coisa pra mim, eu passando correndo, e ele “Oi! Peraí! Vamo
 65 tomar aí uma água de coco, me conta aí, o que você tá fazendo. Na praia você
 66 conhece gente direto, sem querer mesmo. É, pode ser qualquer lugar, no
 67 metrô, no ônibus, na praça, na feira. Você só passa pra comprar uma banana,
 68 e já fala com o cara que é vendedor na feira, ele já quer saber da sua vida hh

Comparando o comportamento extrovertido, ou “aberto” do brasileiro àquele do alemão, “fechado”, Franziska afirma que essa característica é notável até mesmo nas cidades alemãs onde as pessoas não demonstram tanta “frieza”:

105 Não. Aqui já é... Tipo, (...) é uma cidade que eu acho que é a cidade mais
 106 aberta na Alemanha que existe. Tipo, o povo aqui já é muito mais feliz, um
 107 povo aberto, eles não é um povo tão fechado. Tem lugares muito muito mais
 108 fechado aqui, na Alemanha mesmo. Mas pra mim, que tenho morado dois
 109 anos no Brasil, ainda aqui parece um pouquinho... um pouquinho frio, sim.

Thomas considera o comportamento tipicamente alemão como oposto ao dos brasileiros, que vivenciam e demonstram seus sentimentos franca e destemidamente, alinhando-o com a categoria **Distância interpessoal diferenciadora**. Como já vimos, essa dimensão é composta pelas características de uma sociedade onde a **Orientação por Regras**, outra dimensão de Thomas atribuída aos alemães, exerce um papel determinante no comportamento das pessoas.

Como argumentamos nas subseções anteriores, acreditamos que as regras sociais elaboradas e estabelecidas pelos movimentos sociais, principalmente o feminista ao longo do século XX, levaram e levam a sociedade alemã a reforçar o respeito ao espaço individual de cada cidadão. Por isso, seria incomum um comportamento que, de alguma maneira, invadisse a privacidade de uma pessoa, sem que essa dê sinais prévios evidentes de que deseja que outra se aproxime. Dessa forma, essas duas dimensões de Thomas, nesse caso, não só se cruzam, mas uma (**Orientação por regras**) justificaria a outra (**Distância interpessoal diferenciadora**).

Franziska estende tais características aos homens, tanto brasileiros quanto alemães, como vemos no excerto abaixo:

9 (...) a minha experiência foi que o povo em geral, e os homens,
 10 especialmente hh , no Brasil são muito mais abertos, muito mais.... é...
 11 muito menos sérios também. Aqui na Alemanha é mais assim, os homens são
 12 fechados, é bem bem mais difícil conhecer alguém, entrar em contato,
 13 conversar... é... é isso, é muito muito mais são mais tímidos também... ahm...

Os traços que ela atribui aos homens alemães, “fechados”, “tímidos”, contrastam totalmente com aqueles que atribui aos brasileiros , “abertos”, menos sérios”. Em outro trecho de sua entrevista, Franziska descreve a abordagem do vendedor de uma loja, que, mais do que auxiliá-la na compra, convida-a para sair, o que na Alemanha seria absolutamente inconcebível:

69 uma vez eu conheci um vendedor numa loja (...)
 70 aí no Brasil (...) ((tom amistoso)) “Meu nome é Gustavo. Posso te ajudar com
 71 alguma coisa?” E aqui é mais ((tom impessoal)) “Oi. Seja bem vinda. Posso
 72 ajudar?” É muuuito, é muito diferente lá, é muito mais, muito mais distante
 73 mesmo. Mais frio também. No Brasil eu conheci uma vez um vendedor
 74 numa loja, de roupas, que... ele conversou comigo, que... perguntou o que...
 75 “O que você quer? O que você tá procurando?” Eu falei “Ah, eu tô
 76 procurando um presente pra uma amiga minha. Ele pegou várias coisas pra
 77 mostrar, nã-nã... Depois ele falou “Ah! Posso te perguntar uma coisa?” Eu
 78 falei “Pode! Fala.” Ele falou “Você pode me dar o seu número? hh Eu
 79 queria muito sair com você, não-sei-o-quê, você é linda e nã-nã-nã.” Eu
 80 fiquei... “Tá bom então.” (...) porque... é simpático, sei lá, é muito... né... Ele
 81 fala o que que ele pensa mesmo, na minha cara. Eu fiquei um pouquinho
 82 assim, “Tá bom então.” Eu saí com ele uma vez, depois não mais, mas foi
 83 legal, foi uma noite legal, a gente se conheceu bem, e... é isso. Aqui isso
 84 nunca vai acontecer, nunca. Aqui já tem umas regras. Vamos dizer: quando
 85 você trabalha numa loja, você... tipo, você não pode falar assim com cliente.
 86 Falar “Ah, me passa o teu número!” Tá doido! Aqui tem que trabalhar, tem
 87 que me ajudar, mas não falar essas coisas comigo, né, ficar em cima de
 88 mim. Não pode ser assim. É.

Mostrando-se consciente das regras sociais de cada país, Franziska evidencia a sua preferência pelo estilo dos relacionamentos que considera

emblemático no Brasil, contrário do alemão, onde as pessoas se manteriam “distantes” e “sérias”:

32 (...) Mas eu, pessoalmente hh eu prefiro brasileiro, que é
 33 mais aberto, que é mu:ito mais fácil entrar em contato, que não é tão... é, não
 34 é tão distante, não é tão sério (...)

Ela compara ainda:

20 brasileiros falam muito mais sobre os sentimentos, sobre “Ah, você é a
 21 mulher mais linda que eu já vi, é... seu sorriso...” nã-nã... Mas assim, os
 22 alemães são mais... um pouquinho mais à distância, com certeza, um
 23 pouquinho mais sérios, menos... é... não sei como dizer em português, é... é
 24 menos “euforia”, existe essa palavra?

No excerto acima, Franziska observa a sentimentalidade dos brasileiros, que não hesitariam em demonstrar pronta e abertamente o que pensam e sentem, ao contrário dos alemães, que se manteriam “mais à distância”, ou seja, que não costumam se aproximar espontaneamente das mulheres.

Tais características atribuídas aos brasileiros tenderiam à dimensão **Emocionalismo**, que Thomas atribui à nossa sociedade, referindo-se ao modo caloroso dos brasileiros, com ao contato corporal frequente.

Franziska, porém, considera que tanta emoção termina por dificultar a harmonia em situações de desentendimento, pois os brasileiros não conseguiriam lidar com elas de uma maneira tranquila e objetiva, mas se deixariam arrebatados por todo tipo de sentimento, exaltando-se e demonstrando pouco ou nenhum controle emocional, configurando um verdadeiro “drama”, como ela exemplifica no excerto abaixo:

55 (...) Também o jeito de brigar. Uma
 56 briga com brasileiro eu acho totalmente diferente, porque ele tem muito
 57 temperamento, fala, nã-nã-nã, vai embora, sai de casa, sai correndo, volta...
 58 é muito mais assim, muito mais drama. Com alemão é mais... é... são os
 59 fatos, vai discutir racionalmente, vai ver, se a gente consegue, tipo, é... achar
 60 uma solução. E o brasileiro é mais... tipo, tem mais sentimentos, tem mais...
 61 é mais drama (...)

Embora se declare admiradora do jeito de ser que considera típico dos brasileiros, Franziska se mostra desconfiada de que provavelmente os brasileiros usem a emoção, nas situações de abordagem com fins em um relacionamento de afeto, apenas para seduzir, satisfazer seus desejos e se divertir, ou seja, de que eles seriam indulgentes consigo mesmos.

14 Mas eu acho que no Brasil também, às vezes fica um pouquinho difícil
 15 porque os homens no Brasil falam muito, são muito... enrolados de vez em
 16 quando hh, é muito se po... Já no início tudo é bonito, lindo, é maravilhoso,
 17 e você acha que “Ah! É! Esse aqui vai ser o homem da minha vida!” e no
 18 dia seguinte já... já muda tudo! Já é totalmente diferente, mais... né, então é
 19 mais... um pouquinho mais superficial, muito mais rápido. (...)

Franziska alude à possibilidade de que os homens brasileiros usariam a conversa – e outros elementos típicos de uma sociedade de alto contexto (cf. 2.3) – para conquistar, diferentemente do que fariam os alemães, em favor da sua diretividade.

Tal característica dos homens brasileiros nos remete à dimensão **Indulgência vs. Restrição** de Hofstede. Com uma pontuação de 59 na escala, o Brasil é considerado uma sociedade Indulgente, na qual as pessoas geralmente apresentam forte vontade de realizar seus impulsos e desejos, se divertindo e se declarando muito felizes. Elas são mais propensas a se lembrarem de emoções positivas e possuem uma tendência para o otimismo. Além disso, consideram a liberdade mais importante do que manter a ordem.

A baixa pontuação de 40 nesta dimensão indica que a cultura alemã é contida. Em contraste com as sociedades indulgentes, seu tempo de lazer é restrito e bem direcionado. É muito importante para a maioria dos alemães terem um *hobby*, ao qual se dedicam com o mesmo afincamento e a mesma regularidade sóbria que dedicam ao trabalho¹³. Caso contrário, poderiam vivenciar uma certa insegurança ou sentir que estão fazendo algo censurável.

¹³ **Deutschland hat so viele Vereine wie nie zuvor.** (2013). Frankfurter Allgemeine, Berlin. <http://www.faz.net/aktuell/wirtschaft/menschen-wirtschaft/neuer-rekord-deutschland-hat-so-viele-vereine-wie-nie-zuvor-12288289.html>. Acesso 18 jan. 2018 - 17:48

Mostrando-se um pouco decepcionada com essa falta de compromisso que ela confere aos brasileiros, Franziska os confronta com os alemães, julgando estes como confiáveis e aqueles, não:

26 É menos assim... ahm... mas tipo quando um alemão fala pra você “Nossa,
27 seu sorriso é tão lindo! Eu acho que é... Eu quero te ver de novo amanhã.”,
28 normalmente o que que ele fala é verdade, né? Então, no dia seguinte ele vai
29 te ligar, vai querer te ver de novo, e o brasileiro, você nunca sabe o que
30 acontece. Pode ser assim hoje e amanhã é outra coisa. Pode ser maravilhoso
31 mesmo, mas pode ser decepcionante também. É... acho que isso é uma
32 diferença assim. (...)

Encerrando sua entrevista, Franziska compara as vantagens de se viver no Brasil e na Alemanha. Quanto à Alemanha, ela cita a família, representando segurança e compromisso, pontos que considera positivos, mas se queixa de tanta seriedade (“é cansativo”), talvez influenciada pela nova cultura que conheceu, onde, segundo seu entendimento, se viveria sem planejar o futuro, diferente do que faria o típico alemão orientado por regras. E cita o Brasil como um lugar “mais feliz”, “menos preocupado”, o que ela considera como “qualidade de vida”. Porém, lamenta que não se pode confiar nas promessas dos homens brasileiros:

112 (...) Tem as
113 vantagens, com certeza, mas tem coisas que eu também não curti tanto. Daí
114 aqui eu tô um pouco mais perto da minha família, a vida é um pouquinho mais
115 séria, as pessoas se preocupam mais, com o futuro. Que pode ser legal.
116 Porque é mais seguro, né, é mais... Mas também, às vezes se preocupar com
117 tudo o que você faz é cansativo, também. E isso eu gostei no Brasil. Que todo
118 mundo ficou muito mais feliz, muito menos preocupado, mais... qualidade de
119 vida, tipo “Ah, a gente vive hoje, por que pensar em amanhã, né? Amanhã a
120 gente pensa. Mas agora, não é o momento.” Isso eu curti muito. Mas no
121 mesmo tempo às vezes, fica um pouquinho difícil, né. Com os homens
122 também, que hoje falam “Ah, maravilhoso com você, nã-nã, nunca vou
123 esquecer, amanhã a gente vai repetir”, no dia seguinte “Ah! Hoje não! Não,
124 hoje não. Qualquer coisa, te aviso!” Foi sempre isso: “Qualquer coisa te
125 aviso” [Ai, meu Deus! Que coisa!] hh

Ao longo da análise das entrevistas, pudemos observar, em diversos fragmentos, como as dimensões **Indulgência versus Restrição** de Hofstede, **Facilidade e prazer em fazer contatos e se comunicar** e **Emocionalismo**, atribuídas ao Brasil por Thomas e **Distância interpessoal diferenciadora** e **Orientação por regras** atribuídas por ele à Alemanha, permeiam os textos e fundamentam as atitudes e os juízos das nossas entrevistadas.

Na próxima subseção, iremos demonstrar como a dimensão hofstediana **Masculinidade/Feminilidade** atravessa todas as outras, e nos remete à difícil tarefa de discordar de um dos preceitos do autor.

4.3 Masculinidade-Feminilidade

A dimensão **Masculinidade-Feminilidade** de Hofstede (2011, p. 12, t.a.) “se refere à distribuição de valores entre os gêneros”. Quando em uma sociedade os valores dos homens se afastam dos valores das mulheres, e naturalmente vice e versa, cria-se uma lacuna entre eles; a dimensão dessa lacuna irá determinar se essa sociedade é mais Masculina ou Feminina.

Se essa lacuna for pequena, ou mesmo não existir, ou seja, se os valores de homens e de mulheres se aproximarem por semelhança ou mesmo se amalgamarem, será uma sociedade Feminina. Se a lacuna for maior, indicando que os valores de homens se afastam dos valores das mulheres, será uma sociedade Masculina.

Esta dimensão se refere à distribuição e à diferenciação de valores segundo o papel emocional representado pelos elementos comumente associados a cada gênero. Uma pontuação elevada indica que a sociedade é impulsionada pelo lado Masculino, caracterizada pela assertividade e pela concorrência. Os homens tendem a pensar e a manter um comportamento bastante diferente do das mulheres, sendo mais competitivos, orientados para a realização e para o sucesso material. O sucesso será do melhor, do vencedor, que receberá maior admiração e terá maiores privilégios.

Por outro lado, uma pontuação baixa significa uma predominância da dimensão Feminino, em que os papéis sociais dos dois gêneros se aproximam, ou mesmo se sobrepõem, em vários aspectos. Os relacionamentos, a qualidade de vida e apreciar o que se faz são os maiores sinais de sucesso, havendo equilíbrio entre família e trabalho. Lidar com sentimentos (até os meninos podem demonstrá-los), além de lidar com os fatos, é um traço determinante. Uma sociedade predominantemente Feminina é orientada pelo consenso, e seus principais valores são “cooperação, modéstia, cuidado com os mais fracos/menos favorecidos e qualidade de vida” (Hofstede s/d, t.a.)¹⁴. Nesses grupos sociais, os homens tenderiam a ser mais modestos e atenciosos.

Na escala de Hofstede (Idem) o Brasil obtém uma pontuação intermediária nesta dimensão, com 49 pontos; enquanto Alemanha tem 66 pontos, sendo considerada assim uma sociedade mais Masculina. Nossos dados, entretanto, contrariam esses resultados de Hofstede, como veremos a seguir.

4.3.1 Os homens alemães

Segundo nossos dados, a sociedade alemã tenderia a ser Feminina, uma sociedade onde homens e mulheres têm comportamento semelhante, de acordo com seus hábitos e valores. Os homens alemães não se aproximam das mulheres alemãs com frequência, e, quando o fazem, não apresentam uma postura assertiva, respeitando a privacidade delas. Quando chegam a travar conhecimento, “tendem a se mostrar mais ternos e preocupados com a qualidade de vida” (Bolacio, 2012, p. 45).

No próximo excerto, a brasileira Marina opõe os comportamentos dos homens brasileiros ao dos alemães:

41 Aqui, diferente dos brasileiros, que já chegam encostando, tocando no cabelo,

42 os alemães aqui não chegam assim! De forma alguma! Eles sempre chegam

¹⁴ Hofstede, Geert. **National Culture**. <https://www.hofstede-insights.com/models/national-culture/>. Acesso em 05 jan. 2018 – 13:27

43 conversando, ficando do seu lado. Aí eles esperam que você olhe pra ele, pra
44 começar a falar, tem essas coisas.

Os traços que Marina deixa claros correspondem à dimensão **Distância interpessoal diferenciadora** de Thomas, segundo a qual os alemães se mostram comumente reservados frente a uma pessoa estranha, e têm o máximo cuidado para não invadir sua privacidade. Acreditamos que esse desejo de manter a distância se fundamenta na observação às regras sociais em uma sociedade em que o feminismo é forte desde o início do séc. XX, relacionando esta dimensão de Thomas com outra, também proposta pelo autor como característica da sociedade alemã: **Orientação por regras**. Por consequência, os alemães seriam mais reservados em uma aproximação por observarem as regras de seu grupo social.

Marina relata, por exemplo, a abordagem de um homem, bastante jovem, que não era “alemão-alemão”, mas tinha origem e uma forte influência de outra cultura. Aderindo à mentalidade das mulheres alemãs, ela percebeu a diferença de comportamento, “totalmente fora dos padrões”, quando ele a trata desrespeitosamente. Ela então resolve se retirar:

77 (...) mas era assim um menino muito novo! Ele foi muito assim...
78 como fala? Ele foi muito assim, direto. Foi totalmente fora do padrão daqui.
79 E aí você vê também essa questão, que aqui existe muito dessa mistura, né,
80 das religiões, e tudo. Teve uma hora que ele tava com o casaco no colo, ele
81 levantou pra fazer não sei o quê, e ele... pediu pra eu segurar o casaco dele.
82 Aí eu falei “Mas por que que eu tenho que segurar seu casaco?” Aí ele falou
83 assim “Ah! Senão... pra que então que você é mulher?” Eu... depois que eu
84 ouvi aquilo, eu joguei assim, o casaco em cima da ban... do balcão, e aí foi no
85 momento que eu resolvi que realmente, “Vou tomar meu último *shot* e vou
86 embora pra casa. Porque não tem nem mais o que falar com você, que tem
87 essa mentalidade, por que que eu sou mulher, e tenho que segurar seu
88 casaco.” (...)

Também na narrativa da alemã Franziska os homens alemães aparecem como muito cuidadosos, pouco afeitos a uma aproximação precipitada. De volta à Alemanha depois de dois anos no Brasil, ela se mostra um pouco decepcionada

com a falta de assertividade dos seus conterrâneos para uma aproximação com fins de um relacionamento de afeto:

91 Não. hh Não é. Aqui é... Já faz agora... Eu voltei em junho mesmo, então já
 92 faz uns meses que eu tô aqui, não tá acontecendo nada, mesmo. Quase nada,
 93 nunca. Às vezes eu vejo um cara, tipo, olhando pra mim, sorrindo um
 94 pouquinho, um pouquinho... tímido, desse jeito, tipo... “Ah... eu tô olhando pra
 95 você, sim, mas eu não vou dizer nada, ná-ná...” E aí sai do metrô e vai
 96 embora. E não... acontece nada. Isso sim, tá acontecendo de vez em quando,
 97 que eu tô percebendo que alguém esteja um pouco interessado em mim, mas
 98 não fala, não faz esse passo, pra entrar em contato mesmo.

Como também:

34 (...) um pouquinho lerdinho, alemão é um
 35 pouquinho lerdo, às vezes precisa de um sacode, sei lá... hh ... falar: “Faz
 36 alguma coisa, fala alguma coisa, faz um passo pra frente, não fica...
 37 assim...” na hora não acontece nada...

Nesse relato, podemos então perceber um fato da maior relevância em nossa pesquisa, com relação à dimensão **Masculinidade-Feminilidade** de Hofstede: esse tipo de comportamento, atribuído aos homens alemães em aproximações com fins amorosos, não corrobora os resultados da pesquisa hofstediana, que conferiu grau 66 à sociedade alemã, aproximando-a da categoria Masculinidade.¹⁵

Poderíamos então aventar a possibilidade de que as categorias de Hofstede apontadas aqui somente se afastam do consenso quando se trata da aproximação e de relacionamentos amorosos, pois é bem conhecida a assertividade alemã quando se trata de valorizar precisão e desempenho, assim como a diretividade em suas comunicações, o que já se inicia na escola: “o sistema escolar separa as crianças em diferentes escolas já na idade de 10 anos. As pessoas ‘vivem mais para trabalhar’ e retiram muito de sua autoestima de suas tarefas.” (Bolacio, 2012, p. 46)

¹⁵ Hofstede, Geert. **National Culture**. <https://www.hofstede-insights.com/models/national-culture/>. Acesso em 05 jan. 2018 – 13:27

4.3.2 Os homens brasileiros

Por sua vez, o comportamento dos homens brasileiros, ainda segundo o olhar da alemã Franziska, é bem mais assertivo, pelo menos no que tange à aproximação amorosa e à manutenção dos relacionamentos afetivos. Segundo a entrevistada, muitas vezes os brasileiros, em seus relacionamentos amorosos, demonstram claramente o afastamento entre os papéis Masculino e Feminino tais como caracterizados na categoria **Masculinidade-Feminilidade** na nossa sociedade, como vemos no excerto abaixo, onde Franziska reproduz a fala de seu namorado brasileiro, com quem viveu na mesma casa:

47 ((tom incisivo)) “Ah, você é a mulher aqui dentro da casa, então você faz as
48 coisas. Você tem que... ah! cozinhar... eu tô com fome, faz alguma coisa pra
49 mim pra comer!”... é... muito assim, tipo “Ah, eu deixo aqui minha roupa
50 que tá suja. Você vai lavar mesmo, né, a sua, então lava junto.”

Tal comportamento, sob o ponto de vista de Franziska, oriunda de uma cultura onde as mulheres já conquistaram e sedimentaram uma posição social de igualdade com os homens, é totalmente inaceitável.

Mais uma vez nossos dados contradizem, em certa medida, a pesquisa de Hofstede, segundo a qual a sociedade brasileira alcança 49 em sua escala, tendendo em apenas um ponto para a categoria Feminilidade. Segundo as pesquisas de Hofstede, o brasileiro se aproximaria da Feminilidade por primar pela preservação da face do interlocutor a fim de manter o consenso e a harmonia nos relacionamentos. Porém, o que observamos em nossos dados é um comportamento bastante assertivo na abordagem romântica, pois os brasileiros citados nas entrevistas não hesitaram em abordar a mulher que lhes interessava, inclusive exagerando ou mentindo, como descreve Franziska:

26 (...) quando um alemão fala pra você “Nossa,
27 seu sorriso é tão lindo!” Eu acho que é... “Eu quero te ver de novo amanhã.”,
28 normalmente o que que ele fala é verdade, né? Então, no dia seguinte ele vai
29 te ligar, vai querer te ver de novo, e o brasileiro, você nunca sabe o que
30 acontece. Pode ser assim hoje e amanhã é outra coisa. (...)

Poderíamos atribuir o excesso de diretividade na abordagem dos brasileiros como um desejo de se aproximarem rapidamente de uma pessoa desconhecida, o que nos remeteria à dimensão **Facilidade em fazer contatos e se comunicar**, atribuída a eles por Thomas. Esse estilo de aproximação se afasta do que Hofstede preconizou como característica de uma sociedade feminina, mais modesta, e os aproxima da diretividade esperada de um alemão típico.

Ainda como citou Franziska em sua entrevista, o forte pendor dos brasileiros ao “drama” também aproxima seu comportamento da dimensão **Emocionalismo**, segundo a qual os brasileiros demonstram seus sentimentos abertamente, sem se importarem se são, com isso, invasivos. Ou seja, seu comportamento não respeitaria necessariamente as expectativas e os sentimentos das mulheres abordadas, aumentando, na análise de Hofstede, a distância entre os valores dos homens e os das mulheres em uma sociedade, caracterizando-a como uma sociedade Masculina.

O confronto entre os comportamentos dos homens brasileiros e alemães nos remete ainda à categoria de Hofstede **Indulgência vs. Restrição**, segundo a qual poderíamos dizer que os homens alemães são mais restritos na sua busca por diversão e se envolvem gradual e mais cuidadosamente em possíveis relacionamentos amorosos; e que os homens brasileiros seriam mais indulgentes consigo mesmos, buscando realizar suas expectativas com um mínimo de controle sobre seus impulsos. Também nesse sentido o comportamento dos brasileiros caracterizaria uma sociedade Masculina, na medida em que eles não estariam levando em consideração as intenções e a disposição das mulheres que eles abordam, querendo apenas conquistá-las levemente, sem se preocuparem com o futuro de um possível relacionamento.

Já o relato da alemã Kristin, como mencionado na subseção 4.2.1, aproxima os papéis do homem e da mulher brasileiros, quando eles saem para se divertir, pois, de acordo com sua experiência, ambos planejam muitas vezes encontrar uma pessoa com a qual pensam em se relacionar romanticamente, sem a expectativa de um relacionamento que poderia ser mais tarde duradouro.

Nesse quadro se configuraria uma sociedade mais Feminina, pois os papéis e as expectativas de homens e mulheres se aproximam. A própria Kristin considera o homem brasileiro que não é assertivo em uma aproximação romântica como “bem estranho” (cf. excerto na subseção 4.2.1). Porém ela termina se

aproximando exatamente desse tipo de brasileiro, daquele que refuta o que se espera de um comportamento típico e o aproxima do comportamento tido como próprio dos homens alemães.

Kristin poderia estar acenando aqui para a possibilidade de que os homens brasileiros só se mostrariam extremamente assertivos em suas abordagens amorosas, quando buscam um relacionamento casual, apenas para se divertirem em uma determinada ocasião, sendo indulgentes consigo mesmos. Caso contrário, eles tenderiam a se comportar de maneira similar à dos alemães, com maior restrição e cuidado, o que poderia, em uma pesquisa mais extensa, indicar ainda uma flutuação nos índices de Masculinidade e Feminilidade na sociedade brasileira, de acordo com o estilo de aproximação. Não foi isso, entretanto, o que nossos dados mostraram.

Ao confrontarmos os dados da nossa pesquisa com as categorias de Thomas e as dimensões de Hofstede, o que percebemos, além de uma expressiva diferença entre os comportamentos dos homens brasileiros e dos homens alemães, é que elas sugerem que, em se tratando de abordagens amorosas, os índices alcançados pelas pesquisas de Hofstede não se aplicam nem à sociedade brasileira, nem à alemã.

Em nossa análise de dados comparamos as aproximações que tencionam uma relação amorosa, no Brasil e na Alemanha, e pudemos identificar entre elas marcantes diferenças que podem causar choques culturais. Para tal, procuramos observar a maneira com que as entrevistadas percebem a sua própria cultura e a cultura do outro país, verificamos de que maneira as diferenças entre essas formas diversas de comportamento podem levar a um choque cultural, e também procuramos promover uma reflexão sobre possíveis estratégias para que as pessoas envolvidas em relações venham a conseguir lidar com elas sem maiores tensões.

5 Considerações finais

“A compreensão intercultural nos deixa mais sensíveis ao outro, sendo este outro um estrangeiro ou não”. (Schröder, 2015, p. 17)

Nossa pesquisa, como afirmamos anteriormente, tem como tema os relacionamentos amorosos entre pessoas de diferentes nacionalidades, mais especificamente, entre homens e mulheres do Brasil e da Alemanha, observados através do olhar feminino.

No contexto mundial, de crescente trânsito físico e virtual entre diferentes países, os contatos interculturais são cada vez mais frequentes, e eles se dão não só por motivos profissionais, mas também por questões pessoais, como amizade e namoro. É neste grande painel das questões ligadas ao ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras que se inclui o PL2E e o ALE, pois um encontro intercultural pressupõe que os indivíduos envolvidos conheçam línguas estrangeiras, além de, naturalmente, estarem prontos para vivenciarem a compreensão do comportamento do outro.

O modelo etnocêntrico de pesquisa proposto por Bennet (1998) (cf. 2.1), e por nós aqui observado, permite que um indivíduo compreenda outra cultura a partir do olhar dos indivíduos que nela se inserem enquanto se relacionam. Dessa posição ele poderá compreender nuances nas diferenças entre as configurações da sua própria cultura e da nova cultura com a qual está sendo confrontado.

Buscamos, portanto, evidenciar diferenças culturais na análise da construção dos comportamentos de homens brasileiros e alemães segundo a ótica das entrevistadas, e pudemos confirmar que essas diferenças, que se mostraram tanto linguística como socialmente presentes nos relacionamentos narrados, podem provocar mal-entendidos, como supomos em nossas hipóteses.

Uma vez que o objetivo fundamental deste trabalho é o de contribuir para uma convivência internacional mais harmoniosa, na qual os possíveis mal-entendidos, se os houver, possam ser rapidamente sanados através do reconhecimento de diferenças culturais, procuramos auxiliar professores de língua estrangeira na consecução desta tarefa apresentando critérios interculturalistas segundo os quais os indivíduos de cada uma das culturas analisadas tende a se comportar.

O contexto desempenha papel fundamental nessa análise, pois o sujeito faz suas escolhas léxico-comportamentais segundo seu envolvimento em uma determinada circunstância. Em suma, o aprendizado de uma língua se relaciona estritamente com a cultura onde ela é falada, ou, como afirma Bolacio (2012, p. 4): “Para que a comunicação possa fluir de maneira eficiente, é necessário que se conheçam as premissas culturais de que partem os falantes nativos quando interagem entre si.”

Podemos afirmar, então, que o objetivo geral deste trabalho é auxiliar os professores de português e de alemão a trazerem aspectos culturais do Brasil e da Alemanha aos estudantes de PL2E e os de ALE, a fim de despertar uma reflexão a esse respeito para que possam se integrar com maior consciência e mais facilmente à cultura da língua alvo.

Fundamentados ainda na perspectiva interculturalista e nas categorias culturais de Hofstede (2011) e de Thomas (1993), observamos a visão das mulheres sobre os homens do outro país nos momentos da paquera e da abordagem, a partir das narrativas delas. Foram entrevistadas duas brasileiras que moravam na Alemanha e duas alemãs que moravam no Brasil, todas bilingues.

As seguintes questões foram o fio condutor que seguimos para tecer nossa reflexão: nos relacionamentos interculturais, o comportamento visto como típico (em qualquer um dos dois sistemas de representação cultural) é determinante na ação dos homens e o esperado pelas mulheres entrevistadas na conquista? O comportamento que se espera do outro, em uma relação, é pautado pelos estereótipos anteriores à essa relação? Ou seja, os indivíduos envolvidos na relação já tinham ideias prévias de como seria o comportamento do outro? Esses estereótipos se confirmam? Caso se confirmem, pode haver choque cultural pelo estranhamento à outra cultura?

Em busca de alcançar esse primeiro objetivo, mais abrangente, comparamos os comportamentos durante aproximações visando uma relação amorosa, que se desenrolaram nos dois países, procurando verificar diferenças entre elas, ocorrências de choques culturais e trazendo sempre como pano de fundo a relevância de se compreender a cultura da língua estrangeira estudada.

Em nossos dados pudemos perceber a presença das principais características

apontadas pelos pesquisadores interculturalistas Hofstede e Thomas, cujas categorias de análise por vezes se fundiram ao se detectar coincidência de expectativas e comportamentos nas visões das duas entrevistadas de mesma nacionalidade.

Dessa forma, a dimensão **Indulgência versus Restrição** de Hofstede, aplicada à atuação dos homens brasileiros ao se aproximarem das mulheres alemãs, momento em que eles seguem seus impulsos sem observar se há interesse recíproco, por exemplo, se assemelha às características dos padrões culturais atribuídos por Thomas ao Brasil, **Facilidade e prazer em fazer contatos e se comunicar** e **Emocionalismo**. Remetendo ao caráter de alto contexto atribuído à forma de comunicação do brasileiro, este é visto, nas três categorias, como quem não hesita em demonstrar abertamente as suas emoções, ainda que possa ser mal interpretado, ou considerado excessivamente ousado, ou ainda que de fato faça uso desse tipo de comportamento somente para conseguir cativar a mulher que está abordando, sem que tenha intenções de persistir no relacionamento.

Por sua vez, Thomas atribui aos homens alemães características presentes nos padrões culturais **Distância interpessoal diferenciadora e Orientação por regras**, que dizem respeito a seu caráter bastante reservado e à estrita observação das regras por parte deles. A nosso ver, uma categoria se incorpora à outra, porque a distância que os homens alemães mantiveram das mulheres brasileiras em questão se relaciona à orientação pelas regras da sociedade alemã, segundo as quais as mulheres têm igualdade de direitos, e transpor essas regras poderia significar colocar suas faces (do homem e da mulher) em risco.

No nosso entender, houve, entretanto, uma divergência de resultados na análise dos dados segundo as características da categoria **Masculinidade/Feminilidade** de Hofstede. Segundo sua pesquisa (2011), a pontuação elevada da sociedade alemã confere a ela uma preponderância do lado Masculino, caracterizado principalmente pela assertividade e pela concorrência. O que observamos em nosso corpus, entretanto, é uma predominância da dimensão Feminino, pois os papéis sociais dos dois gêneros se aproximaram, uma vez que os homens alemães, demonstrando reconhecimento de igualdade no lugar social dos homens e das mulheres, aguardaram até que elas se mostrassem claramente favoráveis a uma aproximação por parte deles. Por outro lado, os homens brasileiros se mostraram mais determinados em conseguirem se aproximar das

mulheres que cortejavam, alinhando seu comportamento à categoria Feminilidade, em que os papéis sociais se afastam.

Constatamos na análise dos dados, enfim, que as diferenças entre as duas culturas podem de fato causar um estranhamento capaz de levar a mal-entendidos, e até mesmo a discórdias. E, que, nesses casos, um afastamento definitivo pode se mostrar inevitável, pois nossas entrevistadas demonstraram aceitar como inexoráveis e incontestáveis algumas características dos homens que as abordavam, ou com os quais elas já se relacionavam.

A nosso ver, nossos objetivos específicos foram satisfatoriamente alcançados, uma vez que:

- i. Analisamos o comportamento de homens brasileiros e alemães através do olhar de mulheres brasileiras e alemãs sobre sua própria cultura e a cultura do outro país. Nossos dados foram gerados em entrevistas semiestruturadas, por entendermos que esse modelo possibilita respeitar o tempo do entrevistado, deixando a conversa o mais natural possível, já que o tema é bastante pessoal. Além disso, nessa modalidade de entrevista há maior flexibilidade para que se possa improvisar, no sentido de encurtar os temas de menor interesse ou se aprofundar naqueles de maior interesse.
- ii. Confirmamos que a comparação entre esses olhares pode motivar choques culturais, que foram de fato vivenciados nas aproximações amorosas com homens do outro país, apesar do fato de que nossas entrevistadas estivessem, pelo menos até aquele momento, envolvidas em projetos de ensino/aprendizado de LE, e que fossem viajantes frequentes, estando, como consequência, mais habituadas ao confronto com culturas diferentes.
- iii. Identificamos elementos causadores de conflitos nas situações analisadas. Pudemos observar que todas as entrevistadas apresentavam expectativas semelhantes em relação aos homens que tentaram – e, em alguns casos, conseguiram – conquistá-las. Nesse ponto ficou claro que, apesar das diferenças entre os grupos culturais em questão, temos

também nossas afinidades, e essas podem se originar no nosso pertencimento à cultura ocidental como um todo e no alcance que as reivindicações das mulheres alcançam desde o final do século XIX.

- iv. Pudemos constatar que esses conflitos podem se originar por aspectos culturais, como os citados acima, mas também linguísticos. Apesar da excelente proficiência das nossas entrevistadas na língua do outro país, devemos reconhecer a enorme dificuldade de compreender toda a diversidade de sentidos nos enunciados de uma LE. Desse modo, torna-se praticamente impossível escapar de alguma situação de mal-entendido em uma comunicação intercultural.
- v. Procuramos, com a nossa análise, contribuir para as reflexões no campo do ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, mais especificamente de PL2E e de ALE, pois este é o nosso mister.

Com estas conclusões estamos certos da relevância desta pesquisa, como todo trabalho que trate dos aspectos culturais e interculturais do ensino e aprendizagem de uma LE (e não somente dos linguísticos), com o objetivo de levar os envolvidos a compreenderem uma comunicação da forma mais exata possível.

É importante ainda reiterar nossa compreensão sobre as limitações de um estudo baseado nas teorias interculturais quanto à sua abrangência sobre todos os indivíduos de um determinado grupo cultural. Mesmo o conceito de grupo cultural está sujeito a flutuações, de acordo com os critérios e os contextos analisados. No entanto, assumimos que a orientação por categorias nos permite partir de um parâmetro, ainda que seja para contestá-lo. Da mesma maneira como podemos aceitar, por generalização, determinadas características como típicas de uma determinada sociedade, uma vez que elas sejam assumidas pela maioria dos seus indivíduos, podemos também questionar se elas não seriam estereótipos criados até mesmo por pessoas que não pertencem ao mesmo grupo e ignoram sua autenticidade.

Dessa maneira torna-se ainda mais importante avaliar cuidadosamente até que ponto estaremos erroneamente contribuindo para a criação ou manutenção de

estereótipos, ao invés de usar as generalizações para facilitar a adaptação de estrangeiros a uma nova cultura. Meyer (2013, p. 17) porém propõe que se usem esses estereótipos como ponto de partida na discussão imanente ao aprendizado de uma LE:

“Uma vez que se tenha conhecimento de que estereótipos existem, o que se deve é tirar proveito do fato de que os nossos aprendizes estão impregnados deles. E relativizá-los todos, colocá-los todos em contexto, fazer o aluno entender que, se estereótipos existem, eles têm algum fundamento na nossa cultura, mas não refletem a totalidade da nossa sociedade.”

Poderia ser considerada significativa a limitação no número de entrevistadas, o que se deve ao tempo exíguo para que pudéssemos alcançar mais mulheres com características semelhantes, residentes em cidades com particularidades sociais semelhantes. Ainda assim, em nossa pesquisa, que tem caráter qualitativo e não tem a intenção de generalizar seus resultados à totalidade dos indivíduos de cada cultura analisada, consideramos que os dados gerados e analisados sob a luz das teorias interculturalistas mostram-se suficientes para testar e comprovar nossas hipóteses. Conscientes da complexidade do tema abordado, julgamos que a literatura revista confirmou a tendência a determinados padrões de comportamento das sociedades em questão.

Não fez parte do escopo do nosso trabalho uma investigação aprofundada sobre o estudo da cultura alemã, cuja descrição e análise passam por discussões conceituais, como vemos em Laraia (2003) sobre os termos *Kultur* e *Landeskunde*. No entanto, entendemos que esse seria um dos desdobramentos produtivos que consideramos possíveis a partir da nossa contribuição.

Sugerimos ainda, como desdobramentos instigantes, novas investigações sobre o mesmo tema aumentando, em relação a número e à diversidade, os informantes colaboradores. Assim, gostaríamos de propor estudos sobre o tema sob a ótica masculina, observando como os homens entendem as mesmas situações, e se há diferenças nos olhares dos dois gêneros, o que poderia completar as conclusões da nossa pesquisa; ou incluir casais homossexuais, o que abriria toda uma nova gama de valores observados em cada sociedade. Também um recorte por idade seria interessante, pois poderia configurar diferenças nas expectativas de mulheres e homens em cada faixa etária, trazendo resultados diferentes para este trabalho. Acreditamos ainda que analisar outras culturas,

inclusive as mais distantes, pode enriquecer especialmente esta pesquisa, ampliando nossa visão multicultural.

Concluimos exortando o professor de L2/LE a persistir em seu desafio de levar o aluno ao uso prático de uma língua, sempre considerando perspectivas contextuais da sociedade falante dela, além dos seus aspectos gramaticais e semânticos. Assim o aprendiz poderá se inserir na nova cultura, tornando-se o mais preparado possível para exercer a sua cidadania, ou seja, para participar consciente e criticamente de uma outra sociedade, em qualquer parte do mundo.

6

Referências bibliográficas

ADLER, N. J. **International Dimensions of Organizational Behavior**. Boston: PWS-KENT Publishing Company, 1991, p. 63-91.

ALTMAYER, C. Kulturelle Deutungsmuster in Texten. Prinzipien und Verfahren einer kulturwissenschaftlichen Textanalyse im Fach Deutsch als Fremdsprache. In: **Zeitschrift für interkulturellen Fremdsprachenunterricht**, v. 6, n. 3, 2002.

BASTOS, L.; SANTOS, W. **A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e interação**. Rio de Janeiro: Quartet Editora/Faperj, 2013.

BATISTA, N. S. O. **Ensino de português como segunda língua: mal-entendidos em interações culturais**. Brasília, 2013. 138p. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília.

BENNETT, M. J. Intercultural Communication: A Current Perspective. In: _____ (org.). **Basic Concepts on Intercultural Communication**. Yarmouth: Selected Readings, 1998, p. 1-34

_____. **Towards ethnorelativism: a development model of cultural sensitivity. Education for intercultural experience**. Yarmouth: Intercultural Press, 1993.

BETTERMANN, R. Sprachbezogene Landeskunde. In: KRUMM, H. J. et al. (Orgs.). **Deutsch als Fremd- und Zweitsprache. Ein internationales Handbuch**. Berlin: De Gruyter, 2010, p. 1454-1465.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BOAS, F. The occurrence of similar inventions in areas widely apart. **Science**, n. 224, 1887, p. 485-486.

_____. **The mind of primitive man: a course of lectures delivered before the Lowell Institute, Boston and the National University of Mexico, 1910-1911**. New York: The Macmillan Company, 1911.

_____. **The Mind of Primitive Man**. New York: Collier Books, 1963.

BOLACIO, E. **Humor contrastivo – Brasil e Alemanha: análise de séries televisivas de uma perspectiva intercultural**. Rio de Janeiro, 2012. 140p. Tese de Doutorado. PUC-Rio.

BRAGA, J. L. “Lugar de Fala” como conceito metodológico no estudo de produtos culturais. **Mídias e processos socioculturais**. São Leopoldo: UNISINOS, 2000, p. 159-184.

CAMARA, L. A. **Nas ondas do rádio e na boca do povo: Aspectos da cultura brasileira relevantes para PL2E presentes em programas de consultas e conselhos.** Rio de Janeiro, 2018. 206p. Tese de Doutorado. PUC-Rio.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 2006.

CHOMSKY, N. Por que o Fórum Social Mundial. **Revista do Legislativo**, Belo Horizonte, n. 30, jan./abr. 2001, p. 18-19.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: Edusc, 1999.

DALBEN, T. P. S. A Importância da Interculturalidade e da Interdisciplinaridade no Ensino de Língua Inglesa para o Curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais. In: **Anais do Congresso Nacional de Estudos Linguísticos-CONEL.** 2011.

DAMATTA, R. Carnavais em Múltiplos Planos. In: **Carnavais, Malandros e Heróis.** Rio de Janeiro, Zahar, 1980.

_____. **O que é o Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

_____. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. In: **Mana**, v. 6, n. 1, 2000, p. 7-29.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa. Teorias e Abordagens.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

DURANTI, A. **Linguistic anthropology.** Cambridge: Cambridge Press, 1997.

_____. **Linguistic Anthropology: A reader.** 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

FRENCH, W.; BELL JR, C. Organization Development. New Jersey: Englewood Cliffs, 1995. In: SCHADEWITZ, N. **Design Patterns for Cross-cultural Collaboration.** International Journal of Design, v. 3, n. 3, 2009. Acesso: 20 fev. 2018 – 18:19

GAGO, P. C. O trabalho com a oralidade/variedades linguísticas no ensino de Língua Portuguesa. In: **Linguística Aplicada das Profissões.** Juiz de Fora: Veredas Sarangi Edições, v. 16, n.1, 2012, p. 75-95.

_____. Questões de transcrição em Análise da Conversa. **Veredas (UFJF)**, v. 6, n. 2, 2002, p. 89-113.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, mar./abr., 1995, p. 57-63.

GUMPERZ, J.; COOK-GUMPERZ, J. Introduction: language and the communication of social identity. In: GUMPERZ, J. (ed.). **Language and social identity.** Cambridge: Cambridge University Press, 1982, p. 1-21.

HALL, E. T. **Beyond culture**. New York: Anchor Books, 1989 [1976].

_____. The power of hidden differences. In: BENNETT, M.J. **Basic Concepts on Intercultural Communication - Selected Readings**. Yarmouth: 1998, p. 53-67

HAUSER, E. Generalization: A Practice of Situated Categorization in Talk. In: **Human Studies**, n. 34, 2011, p. 183–198.

HOFSTEDE, G. **10 minutes with Geert Hofstede on Indulgence versus Restraint**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=V0YgGdzmFtA>> Acesso: 28 nov. 2015.

_____. Culture and organizations. **International Studies of Management & Organization**, v. 10, n. 4, p. 15-41, 1980.

_____. **Cultures and Organization: Software of the Mind**. New York: Mc Graw Hill, 2010 [1991].

_____. **Culture's Consequences**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2001.

_____. Dimensionalizing Cultures: The Hofstede Model in Context. **Online Readings in Psychology and Culture**. [2011] Disponível em: <<http://scholarworks.gvsu.edu/orpc/vol2/iss1/8/>> Acesso: 06 ago. 2017.

_____. **National Culture**. <https://www.hofstede-insights.com/models/national-culture/>. Acesso: 05 jan. 2018 – 13:27

ICHHEISER, G. Misunderstandings in human relations: a study in false social perception. In: **American Journal of Sociology**, v. 55, n. 2. 1949, p. 1-69

JÚDICE, N. et. al. A avaliação de proficiência em português língua estrangeira: o exame CELPE-Bras. In: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 3, n.1, 2003, p. 155-184.

_____. Representações do Brasil dos anos 40 e 90 em textos de materiais didáticos para o ensino de português para estrangeiros. Niterói: Uff. In: **Português para Estrangeiros: Territórios e fronteiras**. 2015. Disponível em: <http://www.lettas.puc-rio.br/unidades&nucleos/publicacoes/ccci/representacoesbrasil.html> - Acesso: 07 set. 2018 – 17:22

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LEWIS, R. D. **When Cultures Collide: leading across cultures**. Boston-London: Nicholas Brealey International, 2006.

LIPPMANN, W. **Opinião Pública**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 159.

LISBOA, S. M. N. **"Eu quase desisti de namorar brasileiros". Relacionamentos amorosos entre brasileiros e britânicos: uma abordagem intercultural com aplicabilidade para o ensino de PL2E.** Rio de Janeiro, 2017, 149 p. Dissertação de Mestrado. PUC-Rio.

LOCKE, J. **Carta acerca da Tolerância.** Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

LUCCHESI, M. A. S.; MALANGA, E. B. Diálogos interculturais e identidades nacionais: transculturalidade e transdisciplinaridade. In: **Visão Global-DESCONTINUADO A PARTIR DE 2013**, v. 14, n. 1, 2012, p. 73-88.

MATTOS, C. L. **A abordagem etnográfica na investigação científica.** Rio de Janeiro: UERJ, 2001, p. 4-18.

MELLO, P. G. Relativismo cultural, direitos humanos e cosmoética. In: **Revista Interparadigmas**, v. 4, n.4, 2016, p. 135-146. Disponível em: http://www.interparadigmas.org.br/wp-content/uploads/2017/12/Interparadigmas_Mello_port_N4.pdf Acesso: 03 fev. 2018 – 09:35

MEYER, R. M. B. A Nova Presença Internacional da Língua Portuguesa. In: **Português: Uma Língua Internacional.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2015, p. 9-21.

_____. Cultural, multicultural, intercultural: O Português como Segunda Língua para Estrangeiros. In: **Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 20, n. 32, 2013.

_____. Para o bem ou para o mal: a construção de identidade pelo falante de PL2E a partir de estereótipos de brasilidade – uma questão intercultural. In: **Português para estrangeiros: questões interculturais.** MEYER, R.M.B., ALBUQUERQUE, A. (orgs.). Ed. PUC-Rio, 2013, p. 13-34.

MISHLER, E. G. **Research interviewing Context and Narrative.** Cambridge, MA: Harvard University Press, 1986.

MOITA LOPES, L. P. **Oficina de linguística aplicada.** Campinas: Mercado das Letras, 1996.

MOURA, M. M. **Nascimento da antropologia cultural: a obra de Franz Boas.** São Paulo: Ed. Hucitec, 2004.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. In: **Caderno de pesquisas em administração**, v.1, n.3, 2. sem., 1996, p. 1-5.

OLIVEIRA, T. **Educação e ascensão social, performances narrativas de alunos da rede pública federal na Baixada Fluminense.** Rio de Janeiro, 2012. Tese de doutorado. PUC-Rio.

PEREIRA, M. G. D. et al.. Experiências de migração: construções identitárias e ressignificação de ‘sonhos’ em narrativas de um porteiro nordestino no Rio de Janeiro In: BASTOS, L. C.; SANTOS, W. S. **A entrevista na pesquisa qualitativa. Perspectivas em análise da narrativa e da interação**. Rio de Janeiro: Quartet/Faperj, 2013. p. 159-198

PETERSON, B. **Cultural Intelligence: a guide to working with people from other cultures**. Intercultural Press, 2004.

PÓS-GRADUAÇÃO PUC-Rio. **Normas para apresentação de teses e dissertações**. 2001. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?cluster=17359388216420588082&hl=pt-BR&as_sdt=2005&scioldt=0,5 . Acesso: 02 fev. 2018 – 17:08

SCHIFFRIN, D. **Discourse markers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SCHRÖDER, U. **Brasilianische und deutsche Wirklichkeiten: eine vergleichende Fallstudie zu kommunikativ erzeugten Sinnwelten**. Springer-Verlag, 2003.

SCHRÖDER, U. **Liebe als sprachliches Konstrukt: eine kulturvergleichende Studie zwischen deutschen und brasilianischen Studenten**. Shaker, 2004.

SCHRÖDER, U.; CAMPANHA, D. **Categorização e generalização em atividades de comparação cultural na interação entre brasileiros e alemães**. 2015. Disponível em: <http://germanistik-brasil.org.br/wp-content/uploads/2016/05/Campanha-Schroeder1.pdf>. Acesso: 21 jan. 2018 – 17:58

SCHRÖDER, U.; DE VITERBO LAGE, C. Estratégias de polidez em momentos de dissensão: análise de uma interação entre estudantes brasileiros e alemães. In: **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 22, n. 1, 2014, p. 153-179.

SCHRÖDER, U.; OLIVEIRA, M. **Repensando o Ensino de Cultura em Aulas de Língua Estrangeira**. Londrina: SIGNUM: Estudos Linguísticos, n. 14/2, dez. 2011, p. 311-332. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/310940796_Repensando_o_ensino_de_cultura_em_aulas_de_lingua_estrangeira. Acesso: 07 set. 2018 – 16:22

SEYFERTH, G. A dimensão cultural da imigração. São Paulo: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 26, n. 77, out. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v26n77/07.pdf> - Acesso: 07 set. 2018 – 16:21

_____. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. São Paulo: **Revista USP**, n. 53, mar./mai. 2002, p. 117-149.

STEWART, E. C.; BENETT, M. J. **American Cultural Patterns: A Cross-Cultural Perspective**. Nicholas Brealey Publishing, 1991 [1972].

TANNEN, D. Oh talking voice that is so sweet: Constructing dialogue in conversation. **Talking voices: Repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p. 93-133.

THOMAS, A. et al. (orgs.): **Handbuch interkulturelle Kommunikation und Kooperation**. Band 1: Grundlagen und Praxisfelder. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2003.

_____. **Interkulturelle Kommunikation und Fremdsprachenunterricht**. Osaka: In S. d. K. University, 2005.

_____. **Kulturvergleichende Psychologie**. Göttingen: Hofregrebe, 1993.

_____. Analyse der Handlungswirksamkeit von Kulturstandards. In: _____ (org.): **Psychologie interkulturellen Handelns**. Göttingen: Hogrefe, 1996.

TILIO, R. C. Reflexões acerca do conceito de identidade. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, v. 1, n. 1, 2009, p. 109-119.

TROMPENAARS, F. **Riding the Waves of Culture**. London: Breadyly, 2000.

TUSTING, K. et al. I know, 'cos I was there': How residence abroad students use personal experience to legitimate cultural generalizations. In: **Discourse & Society**, v. 13, n. 5, 2002, p. 651-672.

VAZ FERREIRA, M. A. **Percepção, Interculturalidade e Ensino de LCEs: diferentes olhares sobre anúncios publicitários brasileiros e alemães**. Rio de Janeiro, 2010. 191p. Tese de Doutorado. PUC-Rio.

VELHO, G. Goffman, mal-entendidos e riscos interacionais. São Paulo: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23 n. 68, out. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092008000300012&lng=en&nrm=iso&tlng=pt – Acesso: 07 set. 2018 – 16:19

VOERKEL, P. **Ensinar “cultura” em sala de aula de LE – novos paradigmas made in Germany**. *Muitas Vozes*, Ponta Grossa, v. 5, n.1, p. 15-32, 2016. Disponível em: www.revistas2.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/download/9724/5621 - Acesso: 07 set. 2018 – 16:18

WAGNER, L. Sobre o “envelhecimento” dos “novos” movimentos sociais. São Paulo: **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 2, n. 1, 2002, p. 29-53. Editorial Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/742/74220103.pdf> - Acesso: 17 jan. 2018 – 22:53

ZEUNER, U. Interkulturelle Landeskunde. In: KRUMM, et al. (Orgs.). **Deutsch als Fremd- und Zweitsprache. Ein internationales Handbuch**. Berlin: De Gruyter, 2010. p. 1472-1478.

Anexo 1 – Roteiro de perguntas semiestruturadas

As perguntas foram apresentadas inicial e integralmente às entrevistadas, deixando-as depois livres para se referirem ao roteiro da forma mais livre possível.

Perguntas feitas às brasileiras:

- 1 - Há quanto tempo você está aí?
- 2 - Em que cidade você está?
- 3 - Como é essa cidade?
- 4 - Por que você está aí, quais são suas principais atividades?
- 5 - Qual é a nacionalidade das pessoas com as quais você mais convive aí?
- 6 - Você já foi abordada por um nativo com vistas a um relacionamento amoroso?
Onde foi, como, quando foi?
- 7 - Quem tomou a iniciativa de conversar?
- 8 - Como você percebeu que essa aproximação tinha como objetivo um relacionamento amoroso?
- 9 - O que você achou do estilo da abordagem?

Perguntas feitas às entrevistadas alemãs:

- 1 - Há quanto tempo você está no Brasil?
- 2 - Você já foi abordada por um brasileiro com vistas a um relacionamento amoroso? Onde foi, como, quando foi?
- 3 - Você viu no estilo da abordagem alguma coisa de diferente em relação à abordagem dos alemães?

Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa “ ‘Qualquer coisa, eu te aviso!’ As culturas brasileira e alemã em contato, e sua relevância para o ensino de PL2E: uma perspectiva intercultural da paquera a partir do olhar feminino.” A pesquisa tem como responsável a aluna de mestrado do Programa de Pós-Graduação de Estudos da Linguagem do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Cintia Regina da Costa, sob orientação da Prof^a Dra. Rosa Marina de Brito Meyer.

Nesta pesquisa pretendemos investigar como se dá a abordagem de homens brasileiros a mulheres alemãs no Brasil e de homens alemães a mulheres brasileiras na Alemanha, como esses relacionamentos se desenvolveram ou não, e o papel das diferenças culturais nessas relações. Para tal, você participará de uma entrevista com algumas perguntas sobre diferenças culturais. A entrevista será gravada em áudio e a gravação será ouvida e transcrita por mim. Os arquivos de áudio serão utilizados somente para geração de dados. Mesmo após as gravações, caso deseje retirar sua participação na pesquisa, poderá solicitar a destruição dos dados e desconsideração de seu conteúdo. Se você não quiser ser gravado em áudio, você não poderá participar deste estudo.

Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em “RISCOS MÍNIMOS”, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, ler um livro, ouvir uma música, assistir à televisão etc. Você pode achar que determinadas perguntas incomodam você porque as informações que coletamos são sobre suas experiências pessoais. Assim, você pode escolher não responder quaisquer perguntas que o façam sentir-se incomodado. A pesquisa contribuirá para o melhor entendimento das relações pessoais entre pessoas de nacionalidades diferentes, mas não será, necessariamente, para seu benefício direto e imediato.

Você não terá qualquer custo para participar desse estudo e também não haverá vantagens financeiras. Todas as informações têm caráter confidencial, sendo a apresentação de resultados realizada através de codinomes ou nomes inventados, de modo a impedir a identificação individual de cada participante. Você fornecerá nome, telefone e e-mail de contato apenas para que eu possa lhe contactar em caso de necessidade. Seu nome ou material que indique sua

participação não serão em hipótese alguma liberados sem sua permissão. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando esta for concluída.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, uma das quais será arquivada pela pesquisadora, e a outra via será fornecida à entrevistada, cuja identidade será tratada com padrões profissionais de sigilo, utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, de maneira livre, esclarecida e voluntária, concordo em participar da pesquisa “ ‘Qualquer coisa, eu te aviso!’ As culturas brasileira e alemã em contato, e sua relevância para o ensino de PL2E: uma perspectiva intercultural da paquera a partir do olhar feminino.”, acima explicitada. Estou ciente do assunto, do objetivo do estudo, dos procedimentos, das garantias de confidencialidade e da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre os mesmos. Está claro que minha participação é isenta de despesas e que minha imagem e meu nome não serão publicados sem minha prévia autorização por escrito. Estou ciente de que, em qualquer fase da pesquisa, tenho a liberdade de recusar a minha participação ou retirar meu consentimento, sem penalização alguma e sem nenhum prejuízo, e declaro que recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido, tendo sido-me dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Declaro ainda que, em caso de qualquer questão relativa aos aspectos éticos desta pesquisa, bem como dúvidas que surjam posteriormente, poderei consultar diretamente a mestranda Cintia Regina da Costa, pelo e-mail costa.r.cintia@gmail.com, ou pelo telefone (21) 99920-2512, ou a professora orientadora Dra. Rosa Marina de Brito Meyer, pelo e-mail rosameyer@puc-rio.br, ou pelo telefone (21) 3527-1770.

Assinatura: _____

Local/Data: _____

Telefone de contato: _____

E-mail: _____

Assinatura (Pesquisadora): _____

Nome: _____

Local/Data: _____

Anexo 3 – Transcrição das entrevistas

Transcrição da entrevista com Beatriz

Beatriz	<p>1 O primeiro caso hh o primeiro caso aconteceu... começou no Tinder, é... 2 assim que eu cheguei aqui eu liguei o Tinder e... tive já rápido uma... um 3 <i>match</i> né, com um rapaz, que tem 30 anos, e... a gente se deu bem logo de 4 cara, pelo pelo pelo programa, pelo aplicativo, a gente começou a conversar 5 bastante, depois de umas duas semanas a gente resolveu se encontrar, e... 6 logo nesse primeiro dia ele já veio com um olhar assim bem... bem carinhoso, 7 ele veio bem <u>aberto</u> a qualquer coisa. Ele foi sempre muito gentil, ele ficava 8 pegando na minha mão, e aí ia conversando comigo, olhando bem nos meus 9 olhos, querendo saber tudo o que eu estava disposta a contar, e... com esse, 10 com esse gesto eu pensei “Bom, ele realmente está disposto a ter alguma 11 coisa, seja lá o que for, ele tá disposto a alguma coisa.” E aí nesse dia é... ele 12 foi me acompanhar até o metrô, é... e aí eu fiquei meio assim, hmm, eu 13 acho que no final da noite ele vai querer alguma coisa hh e não deu 14 outra, né, ele já tentou, né, me beijar, e eu achei aquilo tudo muito esquisito, 15 porque até onde eu sei, os alemães são super reservados, e são muito, né, 16 discretos, e etc, e eu fiquei realmente bastante surpresa com essa atitude... 17 <u>até positivamente</u>, falei, puxa vida, que bom que eles não ficam esperando 18 uma eternidade hh pra dar um beijo em alguém, né, se você quer beijar, 19 por que não? Vamos beijar! E aí eu fiquei encantada com isso, falei, puxa 20 vida, que sorte, logo na primeira se... nas primeiras duas semanas, tipo, né? 21 Já arrumei alguém legal, e aí, enfim, a gente continuou se falando, e aí ele 22 falava comigo pelo <i>whatsapp</i> todos os dias, me mandava mensagem, bom 23 dia, boa noite, aquela coisa, eu falava, gente, que isso?... tem alguma coisa 24 esquisita aí! Bom, e aí, enfim, a gente continuou se vendo e tal, até que um 25 dia ele me convidou pra ir até a casa dele, ele mora numa cidade aqui do 26 lado de Stuttgart, e... a gente... eu, bom, fui pra casa dele, e aí a coisa mudou 27 de figura. Aí eu tive a chance de ver como ele realmente [é]. E aí eu 28 descobri que ele é muito depressivo, e que ele tem uma história de de de 29 relacionamento assim muito pesada, e... e assim, ele depositou em mim a 30 chance, ou... ou... a necessidade de ter alguém, e de repente ele pensou que</p>
---------	---

31 uma brasileira, que gostaria de ficar aqui na Alemanha poderia aceitar talvez
32 a possibilidade de ficar com ele, de casar com ele, e de não voltar e etc,
33 porque no primeiro dia que a gente se viu, é... eu comentei que eu gostaria
34 muito de ficar aqui, e tal, não sei o quê, mas que eu sei que ninguém vai
35 ficar me esperando voltar, porque eu só posso voltar a morar aqui daqui a
36 três anos, e aí ele soltou a pérola “Ah, mas... é... você tem que ir? Mas não
37 tem problema, você vai voltar! E você vai voltar, e você pode conseguir
38 aquilo que você quer aqui, o papel pra você ficar aqui”, etc, e eu pensei
39 Gente! Ok! hh Tá legal, é assim que funciona, gente? Tão rápido assim?
40 Né? Quando a esmola é demais, o santo desconfia. hh E daí assim, é...
41 infelizmente, é... não deu certo porque é... eu até tentei, confesso, eu fiquei
42 com ele por mais um mês, mas assim, é... tinha dias que ele tava ótimo,
43 tinha dias que ele tava mais do que péssimo. E aí eu falei, não dá, eu sou
44 uma pessoa muito, sabe, pra cima [solar], assim muito pra frente, sabe, eu
45 eu não tô podendo, sabe, no meu ano, sabe, de tranquilidade, sabe, de férias,
46 porque eu trabalho 12 horas por semana, sabe, isso não é nada, sabe, eu não
47 tenho nota pra lançar, eu não tenho trabalho pra corrigir, sabe, eu tenho um
48 ano de férias, não tô podendo cuidar de alguém, não dá pra mim, até porque
49 a gente sabe muito bem que nós não podemos cuidar dessas pessoas, né, a
50 gente pode dar um apoio, mas não somos nós que temos que cuidar delas, e
51 sem uma procura ajuda especializada não sou eu que vou poder resolver o
52 problema dele. Então, assim, eu fiquei, confesso que fiquei decepcionada
53 com com tudo isso, porque por um momento surgiu a oportunidade de... não
54 necessariamente deu.. ai, não, eu vou casar, u-hu! Beleza! Não, mas assim,
55 de talvez ter um relacionamento com uma pessoa nativa, que sempre foi
56 meu interesse na verdade, porque a gente aprende muito né [é], quando a
57 gente tá com eles assim. O o nível de língua sobe assim estrondosamente. E
58 e e cultura, enfim, tudo, então eu eu ainda continuo à procura. Né? Mas com
59 ele não deu certo. No mesmo dia ou na mesma época que eu conheci é...
60 esse rapaz, que se chama Simon, eu conheci esse outro Simon. hh Essas
61 coincidências da minha vida! Eu não tenho histórias totalmente positivas pra
62 contar, Cíntia, mas eu acho que vale você também não ter todas as histórias
63 positivas, né?

Beatriz

64 Muito bem: No dia em que eu cheguei em Stuttgart eu saí pra dançar sozinha.
65 hh Adoro dançar! Você sabe, amo dançar! Falei, gente! Vou sair pra dançar
66 sozinha! [É das minhas!] Fui na festa de despedida. No dia que eu cheguei
67 em Stuttgart... no dia! no-dia! Eu larguei as malas na casa que eu tô morando,
68 troquei... tomei banho, troquei de roupa, e fui pra festa! Foi desse jeito!
69 Cheguei em Stuttgart, larguei a mala e fui. Chegando lá conheci esse rapaz,
70 conheci inclusive outras pessoas com quem eu ainda não tenho contato,
71 porque o cenário de forró aqui em stuttgart é maravilhoso, eu tô assim,
72 encantadíssima com isso. Eu saio pra dançar assim... duas vezes por
73 semana... no mínimo.... aqui. E aí... e aí eu conheci esse rapaz, que por
74 acaso também se chama Simon, é, os dois... e aí a gente trocou contato, e
75 tal, ele tava começando a dançar forró, e aí eu falei pra ele “Olha, eu te
76 ajudo, eu sou apaixonada por forró! Eu te... eu vou te mostrando como é que
77 é, e tal, não sei o quê, e aí ele comentou que ele dança salsa, eu falei “Você
78 me mostra como é que se dança salsa, que tem um tempo que eu não danço,
79 e eu te mostro como é o forró.” Beleza! Assim fizemos por... dez encontros.
80 No décimo encontro eu falei “Gente, não dá mais pra mim! Não dá mais... a
81 gente se dá super bem, a gente dança bem pra caramba, a gente tá
82 começando a dançar mais coladinho... hh o negócio tá... e nada
83 acontece! Eu falei: “Gente, esse é o típico alemão! hh Que é nojento, que
84 demora cinco milhões de anos pra tomar uma atitude, Brasil! hh Como é
85 que acontece? Completamente diferente da gente! Aí eu vi o típico alemão,
86 cara, que, pô, é reservadíssimo, um cara que... pô, você encosta assim na
87 testa pra limpar... o suor, e ele faz uma cara de desesperado “Meu De:us!
88 Ela passou dos limites do contato físico:!” hh Ele me olhou com uma
89 cara!... Que você não tem ideia! Quando eu fui limpar o suor dele, a gente
90 tava dançando salsa eu fui limpar o suor dele, menina, ele me olhou com
91 uma cara assim... hh Isso foi, sei lá, na terceira vez que a gente saiu pra
92 dançar. Aí eu “Me desculpa!” Aí ele, aí ele viu que ele tomou uma atitude
93 que me assustou, aí ele “Não, não, não sei o quê...!” Aí eu falei “Não, não
94 sei o quê, me desculpa! Eu não sei qual é o limite que eu não posso passar,
95 sabe, e você (...) de mim, nossa cultura é diferente, eu só queria te ajudar,
96 desculpa!” Eu fiquei super mal. Aí ele foi acalmando “Não, não sei o quê,

	<p>97 tudo bem! Não, é que... eu não esperava, tudo bem, não sei o quê e tal...”, eu 98 falei “Não, olha só, na próxima vez eu não faço <u>nada</u>! Pode deixar, na 99 próxima vez eu não vou mais ultrapassar os nossos limites de contato físico, 100 não se preocupe!” Então é assim hh ele é meio clichê daquilo que eu 101 esperava de um alemão, sabe? E aí na déci... no <u>décimo</u> encontro eu falei 102 “Querido, olha só, deixa eu te perguntar uma coisa?” Aí ele “O quê?” Eu 103 falei “Então... Willst du mehr Spaß haben, als wir schon haben? Ich meine... 104 dass wir... irgendwie... also wir verstehen uns gut, wir <u>tanzen</u> schön, aber... 105 irgendwie will ich mehr und... ahm... Verstehst du, was ich meine?” Er 106 war... ja, ja...ok, aber, weißt du was? Spaß will ich nicht. Da war ich “Häh, 107 wieso?” Und... es hat so lange gedauert, also ich meine... Ja, (...) wieder was 108 du genau gesprochen haben? Weißt du was genau bedeutet Spaß haben?” 109 Ich hatte keine Ahnung. ((tom de suspense)) Spaß haben bedeutet Sex 110 machen. Das wusste ich nicht. <u>Aha!</u> <u>Aha!</u> Das wusste ich nicht! hh Genau! 111 Genau das habe ich gemacht, als er mir es erklärt hat! Das habe ich 112 gemacht! Und ich war, “Näh, ich meine nur, wir können uns küssen und so, 113 <i>weisch?</i>” ahm... hh Und er hat ja “nein” gesagt. Bevor er mir erklärt hat, 114 hat er nein gesagt. Und da war ich ”Ok”, alles klar. (...) Treffen wir uns 115 weiter, um zum tanzen?” Und er hat “Ja, natürlich! Das macht uns Spaß!” 116 Und ich “<u>Genau!</u> Das macht Spaß!” hh [Ich will mehr!] hh</p>
Cintia	117 E até hoje vocês se encontram?
Beatriz	118 Sim!

Transcrição da entrevista com Marina

Cintia	<p>1 Então, tá gravando, eu vou ler um roteirinho assim, bem geral, e você fala o 2 que você quiser. Então, há quanto tempo você tá aí? Em que cidade você tá, 3 como é que é essa cidade? Por que você tá aí, quais são suas principais 4 atividades? Aí, qual é a nacionalidade das pessoas com as quais você mais 5 convive aí? O seu nível de proficiência eu já conheço, é o máximo. hh Se 6 você já foi abordada por um nativo com vistas a um relacionamento amoroso, 7 onde foi, como, quando foi. Quem tomou a iniciativa de conversar? Como</p>
--------	---

	<p>8 você percebeu que essa aproximação tinha como objetivo um relacionamento 9 amoroso? E o que você achou do estilo da abordagem?</p>
Marina	<p>10 Ok. Eu moro numa cidade chamada Heidelberg. Na verdade eu moro em 11 Eppelheim, que é uma cidadezinha um pouco mais distante, mas minha vida 12 praticamente se passa em Heidelberg, em Baden-Württemberg. Eu tô aqui 13 desde março de 2016, no dia 16 de março. Durante um mês eu morei numa 14 outra cidadezinha chamada Leimen. Durante um mês eu praticamente não 15 (...). Eu morei na casa de uma amiga, e aí minha rotina se resumia em fica na 16 casa dela, ir pro curso de alemão, pro curso de inglês e voltar pra casa. Então 17 não tive... por um mês não tive muito, muita experiência assim, tipo na noite 18 ou nos bares, essas coisas. Quando eu me mudei pra essa WG que eu tô 19 morando agora, é que eu comecei a frequentar, fazer noitada, essas coisas. 20 É... eu gosto muito da cidade que eu tô morando agora. Eu gosto muito de 21 Heidelberg porque ela é uma cidade universitária, então a gente tem muita 22 gente nova aqui, e de vários lugares. Então a gente tem diversos alunos de 23 diversos alunos diferentes. É... tem muita gente aqui, muita mistura. É uma 24 cidade de muita mistura. É... ao mesmo tempo que é legal, porque tem gente 25 nova, é ruim, porque tem gente nova. hh Porque eu já tenho 32 anos e a 26 faixa de idade daqui da galera é de 20 e poucos. Então hh existe uma 27 certa... dificuldade ali. De tipo... assim... conciliar os interesses, né, entre as 28 pessoas. Eu gostaria de ter um relacionamento, e as pessoas querem mais é 29 uma curtiçãozinha, amizade colorida, essas coisas. É... eu resolvi vir pra 30 Heidelberg porque eu tinha essa amiga aqui, eu já tinha visitado a cidade, 31 achei a cidade linda, e porque eu tinha visto um curso de mestrado aqui e 32 tinha me interessado. Por esse motivo. E a cidade é um pouco mais barata 33 que as outras cidades universitárias. E eu acho também que ela tá bem 34 localizada, uma hora de Frankfurt, essas coisas. É... o que que eu geralmente 35 faço aqui? Bom ultimamente eu tenho... depois do curso eu fiz um mês 36 praticamente, mais um pouquinho, do curso de alemão, que era pra prova 37 de... pra prova de C2, fiz um curso de inglês, que era também preparatório, 38 mas a prova eu ainda não escrevi, e eu tô trabalhando, aqui eu tô 39 trabalhando num restaurante, e... tô trabalhando também num projeto na 40 universidade, comecei tem um mês, tô fazendo umas transcrições...</p>

Marina

41 Aqui, diferente dos brasileiros, que já chegam encostando, tocando no cabelo,
 42 os alemães aqui não chegam assim! De forma alguma! Eles sempre chegam
 43 conversando, ficando do seu lado. Aí eles esperam que você olhe pra ele, pra
 44 começar a falar, tem essas coisas. Interessante é que o único que chegou em
 45 mim aqui, me encostando, de sei lá, 26 anos, e que era... não era alemão
 46 assim, cem por cento, e que eu tava num bar, e aí ele chegou assim que nem
 47 os brasileiros, assim, tipo, me encostando, sentando do meu lado, me
 48 deixando, assim, sem espaço, e aí eu tentava falar pra ele, eu ia assim pro
 49 lado, chegando por lado, e ele ia pra cima de mim hh e eu falava “Não,
 50 cara, peraí! hh Não, não é bem assim não, chega pra lá, a gente tá
 51 conversando!” e tal... Mas ele, assim, foi o único que passou... assim, do
 52 limite, que eu aceito, né. Tipo, que se aproximou de um brasileiro. Mas ele
 53 não era alemão-alemão. Ele era... Inclusive ele ficou assim pra mim: “Não,
 54 porque você é tão bonita!”, ficava me elogiando, não sei o quê, as alemãs
 55 não são assim. Eles dizem que eles são... é... que tem assim um não-sei-quê
 56 do sul. Existe uma expressão que eles usam aqui. Eu esqueci qual é a
 57 expressão. mas é pra dizer que eles não são nativos, né, cem por cento
 58 alemães, que eles tem o sangue turco, ou sangue... italiano, sei lá o quê. E aí
 59 ele ficou falando isso pra mim, “Você é tão bonita, muito mais bonita que as
 60 alemãs, que não-sei-o-quê, que você também tem o sotaque diferente” e tal,
 61 blã-blã-blã... E aí, assim, eu mal falei alguma coisa pra ele, e ele falou assim
 62 “Mas por que que você não quer nem conversar comigo? Por que que você
 63 não quer me dar seu telefone?” Eu falei: “É porque eu acho que não vai
 64 rolar!” (...) assim “Você gosta de alemão?”. Eu falei: “Eu gosto! Eu prefiro
 65 os alemães!” E ele ficou frustradíssimo! hh Porque eu queria os alemães!”
 66 Ele ficou assim “Mas... por que você tá fazendo isso com você mesma??
 67 Eles não respeitam mulheres que não são alemãs!” Aa:h!... ((tom de quem
 68 finalmente entendeu algo)) Ele falou isso pra mim. “Eles não consideram...
 69 é... né? Eles não têm consideração, e não-sei-o-quê... Eu não acredito, eu
 70 estou muito decepcionado!” Eu falei pra ele “Olha, eu sinto muito...” E aí
 71 era um par de *shot*, né, então você escolhe pelo nome, eu pedi um par de
 72 *shot*, o último... porque todos os *shots* que eu tomei, ele perguntava o que eu
 73 tava tomando. E aí o último... eu falei pra ele, ele perguntou “Qual *shot*

	74 você tomou?” Eu falei “ <i>Flying away!</i> hh É por isso que estou vazando 75 agora!” hh
Cintia	76 E nunca mais o viu?
Marina	77 Nunca, ma... mas era assim um menino muito novo! Ele foi muito assim... 78 como fala? Ele foi muito assim, direto. Foi totalmente fora do padrão daqui. 79 E aí você vê também essa questão, que aqui existe muito dessa mistura, né, 80 das religiões, e tudo. Teve uma hora que ele tava com o casaco no colo, ele 81 levantou pra fazer não sei o quê, e ele... pediu pra eu segurar o casaco dele. 82 Aí eu falei “Mas por que que eu tenho que segurar seu casaco?” Aí ele falou 83 assim “Ah! Senão... pra que então que você é mulher?” Eu... depois que eu 84 ouvi aquilo, eu joguei assim, o casaco em cima do balcão, e aí foi no 85 momento que eu resolvi que realmente, “Vou tomar meu último <i>shot</i> e vou 86 embora pra casa. Porque não tem nem mais o que falar com você, que tem 87 essa mentalidade, por que que eu sou mulher, e tenho que segurar seu 88 casaco.” Então, assim, existe isso. E, assim, eu sou sincera, que eu fujo um 89 pouco quando eu vejo que o cara tem... essa, essa... (...) eu fujo um pouco. 90 Tenho muito medo desse tipo de... de... comportamento ou pensamento, 91 mentalidade sobre a mulher que é menos que o homem. Esses que chegam 92 mais, é porque vêem que eu não sou daqui, então, eles se sentem um pouco 94 mais corajosos, assim, né, porque eles não chegam nas alemãs, que as 95 alemãs dão logo passa-fora, porque elas são assim mesmo, dão logo um 96 cortadão hh , não querem nem saber, e... hh e... eu acho, por isso que eles 97 chegam mais, se aproximam, eles têm mais coragem do que os alemães de 98 verdade. Eu acho que é por isso que eles chegam mais, se aproximam. Eles 99 têm mais coragem que os alemães, sim. Isso é verdade. Mas nesses termos, 100 né. Ultrapassam... o bom senso, né. Pelo menos pra mim. Que eu nunca 101 gostei disso no Brasil. Sempre no Brasil eu conheci estrangeiros, e sempre... 102 assim... então eu acho... apesar de ser lento, eu gosto que seja devagar. Não 103 <u>tão</u> devagar (...), mas... eu acho que tem que ser um meio de caminho hh

Transcrição da entrevista com Kristin

	1 Então, eu cheguei a primeira vez ao Brasil 2012/13, por meio ano. Fiz seis
--	--

Kristin	<p>2 meses um estágio num colégio alemão, porque não sabia nada de português, e 3 lá só tinha que falar, é... alemão. Mas já vivia com uma família brasileira, que 4 tinha duas crianças. Era... assim o primeiro contato aqui no Brasil, 5 verdadeiro. Antes, já, na Espanha, eu conheci alguns brasileiros, lá, que 6 falavam espanhol comigo. Então também já... já fiquei com um brasileiro lá, 7 mas... só ficante mesmo, nada sério, foi... assim, bem livre. E depois, quando 8 estava aqui no Brasil, eu... também nada sério, eu... fiquei com alguns, e eu 9 percebi que, é muito mais, para mim, uma alemã, é muito mais fácil, aqui, 10 ficar, pra mim parece, porque na Alemanha parece um pouco mais sério, e 11 se fala um pouco... pior de uma pessoa que, digamos, lá na Alemanha seria 12 <u>tão</u> fácil. Que você vai sair normalmente na Alemanha à noite, também só 13 para sair, para dançar, para beber, para curtir os seus amigos. E... sem 14 nenhuma outra intenção. Aqui, quase, quando você vai sair, não sempre, 15 mas <u>muitas</u> vezes, tem... já... algo sei lá... na mente “Ah, vamos ver quem 16 tem lá na festa.” Tanto mulher quanto homem, eu acho, nem tem diferença 17 nisso. E depois, eu voltei para a Alemanha, e... em 2015 comecei um 18 intercâmbio na Puc, no Rio, por meio ano, “outra fazer” em São Paulo, 19 perto, em... Valinhos. E... no Rio também percebi que paulista e carioca 20 também é diferente, e... carioca é <u>muito</u> mais a fim de gringas! Eu... hh 21 posso ver, sei lá: quando tem uma brasileira e uma gringa, assim, carioca, 22 quando quer só ficar, só uma noite, ou algo assim, é muito mais interessado 23 numa gringa, eu acho. Sei lá, mais exótico, sei lá. Óbvio que não todos, 24 sempre há exceções. Mas a minha assim... opinião. E... <u>eu</u> conheci um 25 brasileiro no Chile no ano passado, em julho. E... a gente foi sair, e eu 26 percebi algo <u>bem</u> estranho, porque eu estava acostumada que normalmente 27 brasileiro é bem mais... nem sei como se fala em português, em alemão seria 28 <i>forsch</i>, mais assim, que ele vai, assim, em frente, vai atrás da menina, e... 29 esse brasileiro foi um pouco mais... a gente se encontrou, fomos para um 30 museu, é... jantávamos, e bem tranquilo. E só depois ele me perguntou um 31 pouco mais de mim, de meu interesse, e esse brasileiro hoje em dia é o meu 32 namorado. Porque, ele... não é assim nada diferente de outros brasileiros. Ele 33 vivia tudo igual, tem... assim... o <i>background</i> é totalmente brasileiro. Mas o 34 tratamento é um pouco assim, mais cuidadoso, eu acho, que dos outros que</p>
---------	---

	<p>35 ficaram uma noite. Também, isso eu percebi, que os outros brasileiros que 36 tinham <u>mais</u> interesse em mim, de ficar mais tempo, ou talvez, queriam algo 37 mais sério, eram mais “cuidoso”, eram mais, assim, devagar, e tinha 38 interesse, na... na minha pessoa, personalidade. E... é, acho que isso é... algo 39 bem diferente, porque na Alemanha, eu percebo que normalmente você vai 40 saindo, muito tempo, vai para assim um (...), vai para um parque, vai fazer 41 algo em casa, e só depois de bastante tempo vai rolar, ou não: fica só na 42 amizade. Bem... não sei se eu esqueci algo hh das perguntas...</p>
Cintia	<p>43 Deixa... deixa eu ver também aqui o... o roteirinho... Tá. Então, como é que 44 foi que conheceu esse namorado? Onde foi, como é que... como é que rolou 45 assim, o momento exato em que vocês [hum-hum]... Foi ele que se 46 aproximou, ou foi você, como é que foi?</p>
Kristin	<p>47 Ah.. eu acho... que... na maioria “de” vezes foi o homem que se... que... 48 aproximou que se aproximou mais. É... mas eles também esperam, um sinal... 49 sei lá... se tá rolando ou não. Não foi muito assim, quando... quando já ele 50 podia ver, que eu também tinha interesse, ele foi atrás. Mas... alguns que eu 51 falei “Não.”, eles respeitaram, normalmente. Óbvio que tem esse jogo de 52 não/sim. Mas acho que isso tem tanto na Alemanha como aqui. E a maioria 53 me respeitou também. E foi normalmente em lugares, assim, ahm... que... 54 entre amigos. Eu conheci já, um brasileiro, vivia também sempre com 55 brasileiro em apartamento, só com família brasileira etc, e... aí, você vai, sai, 56 nem sai à noite, só, né. Às vezes também pelo dia, vai fazer algo, e... nem 57 foi sempre nesse clima de festa. Foi também às vezes, que você vai 58 conhecer alguém pelo dia, normal.</p>
Cintia	<p>59 E aí, como é que são os seus planos? Que que você pretende?</p>
Kristin	<p>60 Pois... ((tom de pesar)) Eu vou voltar agora para a Alemanha, porque vou 61 terminar o meu mestrado de pedagogia e letras lá. Vai... ser mais ou menos 62 um semestre, que são seis meses, lá, e depois, depende muito do 63 relacionamento. Se tudo “dar” certo com meu namorado, que vive aqui, ele 64 não sabe alemão, e inglês só um pouco. Ele vai ficar todo caso aqui em 65 Brasil, aí eu... eu acho que “eu voltar”. E... que seria para mim procurar 66 trabalho aqui etc.</p>
Cintia	<p>67 Uhm-hum... entendi.</p>

Kristin	68 Mas isso eu vou ver depois do meio ano. Vou ver. Se não der certo, talvez 69 vou ficar na Alemanha, ou vou para outro país...
Cintia	70 Uhhmm... legal! E quantos anos 'cê tem, "Kristin"?
Kristin	71 Eu tenho 28, sou "do" 88.

Transcrição da entrevista com Franziska

Cintia	1 Agora já tá gravando. Aí que quero saber assim... é... você fala um 2 pouquinho como foi sua experiência aqui no Brasil, quanto tempo, já tô 3 vendo que você tem um ótimo português... e aí... se você foi abordada, e 4 como foi, que que você sentiu, palavras, gestos, se você vê alguma coisa de 5 diferente em relação aos alemães... E aí você fala o que você quiser.
Franziska	6 Tá bom. [Tá bom?] hh Então: eu morei... dois anos no Brasil, no Rio mesmo. 7 Eu cheguei em... acho que foi julho 2014, e agora cheguei aqui de volta na 8 Alemanha em... é... julho 2016. Então, faz quase dois anos que eu morei no 9 Brasil, e a minha experiência foi que o povo em geral, e os homens, 10 especialmente hh , no Brasil são muito mais abertos, muito mais.... é... 11 muito menos sérios também. Aqui na Alemanha é mais assim, os homens são 12 fechados, é bem bem mais difícil conhecer alguém, entrar em contato, 13 conversar... é... é isso, é muito muito mais são mais tímidos também... ahm... 14 Mas eu acho que no Brasil também, às vezes fica um pouquinho difícil 15 porque os homens no Brasil falam muito, são muito... enrolados de vez em 16 quando hh, é muito se po... Já no início tudo é bonito, lindo, é maravilhoso, 17 e você acha que "Ah! É! Esse aqui vai ser o homem da minha vida!" e no 18 dia seguinte já... já muda tudo! Já é totalmente diferente, mais... né, então é 19 mais... um pouquinho mais superficial, muito mais rápido. É... os 20 brasileiros falam muito mais sobre os sentimentos, sobre "Ah, você é a 21 mulher mais linda que eu já vi, é... seu sorriso..." nã-nã... Mas assim, os 22 alemães são mais... um pouquinho mais à distância, com certeza, um 23 pouquinho mais sérios, menos... é... não sei como dizer em português, é... é 24 menos "euforia", existe essa palavra?
Cintia	25 A-hã.

Franziska	<p>26 É menos assim... ahm... mas tipo quando um alemão fala pra você “Nossa, 27 seu sorriso é tão lindo! Eu acho que é... Eu quero te ver de novo amanhã.”, 28 normalmente o que que ele fala é verdade, né? Então, no dia seguinte ele vai 29 te ligar, vai querer te ver de novo, e o brasileiro, você nunca sabe o que 30 acontece. Pode ser assim hoje e amanhã é outra coisa. Pode ser maravilhoso 31 mesmo, mas pode ser decepcionalmente também. É... acho que isso é uma 32 diferença assim. Mas eu, pessoalmente hh eu prefiro brasileiro, que é 33 mais aberto, que é mu:ito mais fácil entrar em contato, que não é tão... é, não 34 é tão distante, não é tão sério, não é... um pouquinho lerdinho, alemão é um 35 pouquinho lerdo, às vezes precisa de um sacode, sei lá... hh ... falar: “Faz 36 alguma coisa, fala alguma coisa, faz um passo pra frente, não fica... 37 assim...” na hora não acontece nada, é um pouquinho assim minha 38 experiência.</p>
Cintia	39 ã-ham. E vo... você... você tem namorado?
Franziska	40 ((tom de quem não gostou da pergunta)) Não.
Cintia	<p>41 Não? E... e... ((procurando um tópico para manter a conversa)) 42 conta algumas experiências que você teve com abordagem de brasileiro.</p>
Franziska	<p>43 Então, eu namorei um brasileiro, é... a gente morava junto por um ano. O 44 meu primeiro ano no Brasil eu morava com um brasileiro. É... mas foi foi 45 difícil, porque hh ele foi... mas ele era paraibano, nordestino, é... mas a 46 gente morava no Rio mesmo, e ele... é... vamos dizer, ele foi muito tipo... 47 ((tom inciso)) “Ah, você é a mulher aqui dentro da casa, então você faz as 48 coisas. Você tem que... ah! cozinhar... eu tô com fome, faz alguma coisa pra 49 mim pra comer!”... é... muito assim, tipo “Ah, eu deixo aqui minha roupa 50 que tá suja. Você vai lavar mesmo, né, a sua, então lava junto.” hh E eu 51 assim... Mas eu não quero dizer que todo brasileiro é assim, né [hã-hã], mas 52 ele foi assim mesmo e eu conheci uns caras desse jeito também, que 53 achavam, que acham que é um pouquinho assim, que o homem... o homem 54 ganha dinheiro e a mulher tem que fazer essas coisas dentro da casa. E... 55 isso foi um pouquinho difícil mesmo... é... Também o jeito de brigar. Uma 56 briga com brasileiro eu acho totalmente diferente, porque ele tem muito 57 temperamento, fala, nã-nã-nã, vai embora, sai de casa, sai correndo, volta... 58 é muito mais assim, muito mais drama. Com alemão é mais... é... são os</p>

	<p>59 fatos, vai discutir racionalmente, vai ver, se a gente consegue, tipo, é... achar 60 uma solução. E o brasileiro é mais... tipo, tem mais sentimentos, tem mais... 61 é mais drama, é mais alto, é mais... é mais isso.</p>
Cintia	62 hh É um pouquinho mais assim.
Franziska	<p>62 E depois, quando eu fiquei solteira, o segundo ano... foi... o que que eu te 63 falei, mais ou menos, que... Eu fui correr na praia, e já conheci alguém, que 64 falou... alguma coisa pra mim, eu passando correndo, e ele “Oi! Peraí! Vamo 65 tomar aí uma água de coco, me conta aí, o que você tá fazendo. Na praia você 66 conhece gente direto, sem querer mesmo. É, pode ser qualquer lugar, no 67 metrô, no ônibus, na praça, na feira. Você só passa pra comprar uma banana, 68 e já fala com o cara que é vendedor na feira, ele já quer saber da sua vida hh 69 uma vez eu conheci um vendedor numa loja, que é... a diferença é que já... lá, 70 aí no Brasil (...) ((tom amistoso)) “Meu nome é Gustavo. Posso te ajudar com 71 alguma coisa?” E aqui é mais ((tom impessoal)) “Oi. Seja bem vinda. Posso 72 ajudar?” É muuuito, é muito diferente lá, é muito mais, muito mais distante 73 mesmo. Mais frio também. No Brasil eu conheci uma vez um vendedor 74 numa loja, de roupas, que... ele conversou comigo, que... perguntou o que... 75 “O que você quer? O que você tá procurando?” Eu falei “Ah, eu tô 76 procurando um presente pra uma amiga minha. Ele pegou <u>várias</u> coisas pra 77 mostrar, nã-nã... Depois ele falou “Ah! Posso te perguntar uma coisa?” Eu 78 falei “Pode! Fala.” Ele falou “Você pode me dar o seu número? hh Eu 79 queria muito sair com você, não-sei-o-quê, você é linda e nã-nã-nã.” Eu 80 fiquei... “Tá bom então.” (...) porque... é simpático, sei lá, é muito... né... Ele 81 fala o que que ele pensa mesmo, na minha cara. Eu fiquei um pouquinho 82 assim, “Tá bom então.” Eu saí com ele uma vez, depois não mais, mas foi 83 legal, foi uma noite legal, a gente se conheceu bem, e... é isso. Aqui isso 84 nunca vai acontecer, nunca. Aqui já tem umas regras. Vamos dizer: quando 85 você trabalha numa loja, você... tipo, você não pode falar assim com cliente. 86 Falar “Ah, me passa o teu número!” Tá doido! Aqui tem que trabalhar, tem 87 que me ajudar, mas não falar essas coisas comigo, né, ficar em cima de 88 mim. Não pode ser assim. É.</p>
Cintia	<p>89 Que legal, “Franziska”! E... assim, sendo bonita como você é, eu esperava 90 que fosse a mesma abordagem nos dois países, né?</p>

Franziska	<p>91 Não. hh Não é. Aqui é... Já faz agora... Eu voltei em junho mesmo, então já</p> <p>92 faz uns meses que eu tô aqui, não tá acontecendo nada, mesmo. Quase nada,</p> <p>93 nunca. Às vezes eu vejo um cara, tipo, olhando pra mim, sorrindo um</p> <p>94 pouquinho, um poquinho... tímido, desse jeito, tipo... “Ah, eu tô olhando pra</p> <p>95 você, sim, mas eu não vou dizer nada, ná-ná...” E aí sai do metrô e vai</p> <p>96 embora. E não... acontece nada. Isso sim, tá acontecendo de vez em quando,</p> <p>97 que eu tô percebendo que alguém esteja um pouco interessado em mim, mas</p> <p>98 não fala, não faz esse <u>passo</u>, pra entrar em contato mesmo.</p>
Cintia	99 A-hã. E você mora em que cidade?
Franziska	100 Em Colônia.
Cintia	101 Ah:! ((tom de surpresa)) É uma cidade grande, né?
Franziska	102 É... (...)
Cintia	<p>103 Universitária... Então as pessoas são... assim... são mais abertas, por assim</p> <p>104 dizer.</p>
Franziska	<p>105 Não.Aqui já é...Tipo, Colônia é uma cidade que eu acho que é a cidade mais</p> <p>106 aberta na Alemanha que existe. Tipo, o povo aqui já é muito mais feliz, um</p> <p>107 povo aberto, eles não é um povo tão fechado. Tem lugares muito muito mais</p> <p>108 fechado aqui, na Alemanha mesmo. Mas pra mim, que tenho morado dois</p> <p>109 anos no Brasil, ainda aqui parece um pouquinho... um pouquinho frio, sim.</p> <p>110 hh</p>
Cintia	111 E você gostaria de voltar pra cá?
Franziska	<p>112 (...) Sim. Eu não sei. Pra sempre, eu acho um poquinho difícil. Tem as</p> <p>113 vantagens, com certeza, mas tem coisas que eu também não curti tanto. Daí</p> <p>114 aqui eu tô pouco mais perto da minha família, a vida é um pouquinho mais</p> <p>115 séria, as pessoas se preocupam mais, com o futuro. Que pode ser legal.</p> <p>116 Porque é mais seguro, né, é mais... Mas também, às vezes se preocupar com</p> <p>117 tudo o que você faz é cansativo,também.E isso eu gostei no Brasil. Que todo</p> <p>118 mundo ficou muito mais feliz, muito menos preocupado, mais...qualidade de</p> <p>119 vida, tipo “Ah, a gente vive hoje, por que pensar em amanhã, né? Amanhã a</p> <p>120 gente pensa. Mas agora, não é o momento.” Isso eu curti muito. Mas no</p> <p>121 mesmo tempo às vezes, fica um pouquinho difícil, né. Com os homens</p> <p>122 também, que hoje falam “Ah, maravilhoso com você, nã-nã, nunca vou</p> <p>123 esquecer, amanhã a gente vai repetir”, no dia seguinte “Ah! Hoje não! Não,</p>

	124 hoje não. Qualquer coisa, te aviso!” Foi sempre isso: “Qualquer coisa te 125 aviso” [Ai, meu Deus! Que coisa!] hh
--	--